REFUTAÇÃO

DOS

PRINCIPIOS METHAFYSICOS, E MORAES

DOS

PEDREIROS LIVRES ILLUMINADOS.

AUTHOR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

Sit fas audita loqui.

Virg.

J. B. Noronha

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1816.

Com Licença.

PREFAÇÃO.

CConheço que, para me deliberar a escrever ainda, he preciso que o amor da verdade em mim prevaleça a todas as affeições. Pelo que tenho observado, vejo que os inimigos honrão; e como eu temo mais a consciencia, que a fama, ainda que esta tenha sido tão injustamente abocanhada, como todos sabem, pelos infames impressos dentro, e fóra de Portugal, entre os seus freneticos clamores, falla mais alto a minha consciencia, e eu cedo a seu imperioso mandamento; por isso escrevo, e escreverei. Sei donde se me dispárão os tiros, e com evidencia sei por quem seja formado o laço da pública, e occulta conspiração. Eu não a temo, por isso mesmo que a conheço. Hum dos seus primeiros, e principaes Canones he este: ataque-se calumniosamente este homem, e com a calúmnia destrua-se o tal ou qual conceito, que possa ter adquirido na parte litteraria; escolha-se hum mentecapto que o enchovalhe com insulsos dicterios, e com os mais repugnantes despropositos, que se não to-

lerarião na mais absoluta liberdade da imprensa; apadrinhem-se estes despropositos para se não conhecerem como outros tantos crimes civís; grite-se que quanto tem composto não mostra em si o mais ligeiro vislumbre de siso commum; diga se que são trivialidades os dois gravissimos Tratados — *A Verdade*, e o *Homem*; que os tres Poemas *Oriente*, *Meditação*, e *Newton* não o tirão da classe dos desleixados versificadores; diga-se finalmente que he nada como Orador: diga-se isto, ainda que seja impossivel provallo; porque, como os mais livres ditos sempre fazem alguma ainda que ligeira impressão, sempre conseguimos infamallo, e com a infamia sempre se destróe o conceito público. Ora, sem que eu appelle para o juizo da Posteridade, basta-me a voz da interna consciencia, basta-me o amor da verdade para não deixar de escrever, nem de procurar em meus escritos a pública utilidade.

Ainda que muitos, e gravissimos escriptores o não houverão dito, a experiencia commum o diria, que os males todos de que ainda não deixou de ser victima a Europa, vem das mãos ímpias, sacrilegas, e homicidas do *Il-*

luminismo. As desgraças politicas dos Thronos, e das Nações daqui vierão: estas estão em parte reparadas com a força das armas dos mesmos Soberanos, contra quem se havião conjurado os *Illuminados*, e cuja ruina tinhão jurado, e hião promovendo. Mas a ruina dos Thronos não se buscava senão pela ruina dos costumes; e a ruina dos costumes não se promovia senão pelos absurdos principios methafycos, e moraes da incredulidade: negão isto os *Illuminados*; porém huma verdade, ainda que seja teimosamente negada, não deixa de ser verdade. Neguem o que quizerem, eu sei que o *Illuminismo* não he mais que o *Epicureismo* mal entendido: com este se pertende dissolver o laço da Religião, allucinar os incautos, e procurar converter os erros do entendimento na corrupção do coração. Pede-me o amor da verdade que ataque, e ataque devéras: eu não os temo; os que eu conheço, são outros tantos ignorantes. Ha annos apparecêrão nesta Capital huns folhetos mal escritos, intitulados: — *O Segredo revelado*: só tem de meu este titulo, pedirão-me para elles o meu nome; como a intenção, e a causa erão justas, não duvidei dar o meu

nome; tudo aquillo não he mais do que huma rigorosa traducção da compilação de Barruel. Amotinei contra mim os Pedreiros Livres; e as cartas anonymas que recebi, e conservo, em que se me ameaçava a morte, só me fizerão rir. A *Pedreiral* conspiração tinha por motivo o que disse Barruel, e que hum curioso entendedor de Francez traduzio: eu não necessito de Barruel para combater os *Pedreiros*, nem de outras armas mais que as da razão para fazer desapparecer o *Illuminismo*, ao menos do entendimento, ainda que o não arranque do coração; porque nestes *Senhores* o erro he hum capricho, e huma teima, seguida, e sustentada com tanto affinco que ainda hoje, depois de verem abatido, e pulverizado o grande Collosso que tinha os pés de barro, nutrem fantasticas esperanças de huma quimerica regeneração pela dissolução de todos os principios sociaes, e religiosos. Ainda se embalão com o embelêco, e ridicula imagem de huma dominação de que elles fossem, primeiro os agentes, depois os arbitros. Querem e buscão estes Demagogos pertinacissimos, que o jugo da consciencia se arremece, que até a mesma voz da

lei natural se soffoque, para que á liberdade de pensar se siga a liberdade de obrar. Ainda que a materia seja gravissima, como se verá do presente Tratado, não me posso abster de huma expressão fortemente irrisoria: tenho observado, e conhecido nos *Illuminados* hum *Quichotismo methafyco*, querendo vingar a humanidade (dizem elles) dos aggravos que lhe fez a Religião; mas nesta vingança dos aggravos consiste, e tem consistido a desgraça da humanidade. Tire-se aos homens a Religião, tudo será Anarquia politica, Anarquia moral, Anarquia social. Devo pois arrostar-me com estes homens. Se eu perguntar a hum *Illuminado* quem seja? Creio que me responderá o que respondeo Pythagoras a Cleonte: — *Sou Filosofo* —; mas não Filosofo no simples, e natural sentido em que o entendeo Pythagoras, isto he, amante, ou estudioso da sapiencia: dir-me-ha que he Filosofo em sentido mais levantado, e sublime, — *Possuidor da mesma sabedoria.* — Este mesmo *Illuminado*, modestissimo, o diz muitas vezes transportado, e cheio da persuasão do proprio mérito. Sim, soffra-o em paz a vergonha, ou o ciume dos

outros *Filosofantes*; seja este *Illuminado* o sabio, o homem superior ás preoccupações; seja finalmente aquelle grande genio, que entre as trévas communs descobrio o modo de combinar entre si as duas coisas, que parecião mais alhêas, e estranhas, isto he, tudo quanto de mais doce e suave podia gostar a humanidade, com tudo aquillo que de mais augusto, e santo tinhão a Religião, e a Virtude: ajunte, e ligue Virtude, e Religião perfeita com a mais exquisita sensualidade do Mundo; combinação na verdade maravilhosa!!! Mas combinação que deve ser madu·ramente examinada. Este exame, em que farei consistir esta refutação, se reduz a tres partes. Examinarei na primeira se esta Filosofia he coisa tão rara, e nova, como dizem os *Illuminados*. Examinarei na segunda, se os Dogmas desta Filosofia concordem com a verdadeira Religião, e verdadeira virtude. Examinarei na terceira, se destes Dogmas venha aos homens a que se promette tão extraordinaria, e nunca sentida felicidade. Destes exames deve resultar a idéa justa, e clara do *Illuminismo*. He por ventura a Filosofia dos *Illuminados* huma obra prima? He

acaso huma invenção de nova sapiencia, e huma refutação da antiga? He hum systema de mais sábia Religião, e virtude, ou huma máquina de iniquidade, e de impiedade? He hum segredo que encaminha para a vida feliz, ou huma illusão que comsigo traz a miseria, e vituperio? He acaso huma obra digna da admiração, do apreço, e do amor do Mundo o mais culto, ou obra digna do aborrecimento, e desprezo do Mundo inteiro? Eis-aqui as grandes coisas, que he preciso conhecer. Não me tacharáõ estes Senhores de acrimonia, e nem por isto os Jornaes *Portuguezes* em Inglaterra deixarão de vir, como costumão, enfeitados de descomposturas, a que fazem éco alguns mentecaptos em Portugal. Neste escrito fallará a núa, e purissima verdade, e ver-se-ha, que se nos raciocinios humanos se descobre evidencia, nestes se encontra. Acceitem este trabalho os homens de bem; a sua approvação he a minha recompensa, á qual eu ajunto o testemunho interior da consciencia que me bráda, que posso dizer com mais razão que o Sofista de Genébra:

Vitamque impendere vero.

CAPITULO I.

A Filosofia dos Illuminados não he Original, he Cópia.

NÃo he a antiguidade que nos desagrada; he a antiguidade que quer parecer novidade, e nenhuma outra coisa he hum *Illuminado*, hum antigo, que quer parecer novo. Se o escutarmos de perto, dirá que he hum genio que pensa originalmente, que deve a si tudo o que he, que não tem outra guia mais que sua intelligencia, que penetra com a propria luz todas as partes do Mundo intelligivel mais incógnitas aos outros. Isto que de si assoalha o *Illuminado* o obriga a desprezar os outros homens, e a considerallos como rebanhos, que vão, sem saber porque, onde os leva o silvo do pastor. A' vista disto, ou eu me engano, ou o *Illuminado* não he isto que diz. Considero de hum cabo a outra toda a sua grande obra, seus principios, seus dogmas, suas razões, e

aquelle ár de orgulho, e de altivez com que nos trata como ignorantes e pequenos: quando observo suas maliciosas ironías, sua affectação de humanidade, a pompa que faz de virtude, a ambiguidade de suas estudadas expressões, e cem mil artificios a todas as luzes ridiculos; eu não vejo mais do que cópias, e cópias de hum muito máo original. Epicuro, (eis-aqui o Original continuamente incensado, e não plenamente conhecido), Epicuro, o famoso Epicuro, que eu farei mil vezes apparecer em scena para ser confrontado com as suas cópias. Esta necessaria confrontação não desagradará aos espectadores, porque com ella conhecerão o o valor dos pensadores, e o mérito dos pensamentos. Vamos aos principios fundamentaes do *Illuminismo*, que são Deos, e o Homem; e para se não aggravarem, descubrão-nos estes senhores seus pensamentos. Considerão acaso hum Deos providente, que dê Leis ao homem, e que o dirija? Considerão acaso o homem sujeito á justiça, e á providencia de Deos? Se desta arte o considerão, acabou-se desde já a nossa questão, e nada tem o *Illuminismo* com o Epicurismo; mas se isto

não he assim, quaes são os principios fundamentaes do *Illuminismo*? Que Deos não cura, nem cuida do homem; que o homem he todo materia, que todo acaba na morte quando na morte se dissolve seu corpo. Estes principios, são os mesmos de Epicuro, e já ha mais de dois mil annos que Epicuro negou a Divina Providencia, e fez a nossa alma material e mortal para a tornar impenetravel, diz elle, ao temor da morte, e segura contra o pavor que lhe causavão os Ceos. Este mesmo agora reproduzido Epicuro não foi original, e assim como copiou Demócrito nos principios da Fysica, tambem foi cópia de Aristippo nos principios da Moral; coisa tão sabida nos mesmos dias de Epicuro, que era pública fama ter-se appropriado, e dado por seus alguns escritos daquelles Filosofos. Avancemos com tudo o passo por mais remóta antiguidade. Acaso os principios daquelles voluptuosos, e ímpios de que falla a Escritura, não são os mesmos principios de Epicuro? Vejamos. Huns dizião: — *Non videbit Dominus.* Isto he o mesmo que negar a Providencia. Os outros affirmavão — *Spiritus diffundetur tanquam mollis*

aer. Isto quer dizer, que tanto a alma, como o corpo do homem se desvanecem e acabão. A Filosofia dos *Illuminados* he tão velha em seus principios, como velha a impiedade; e a despeito desta decrepitude atreve-se a dizer que he nova, e mui de fresco imaginada! Só se he nova a capa da simulação e hypocrisia com que se cobre: mas nem esta mesma capa he nova; com ella se emb çou Lucrecio nos primeiros versos de seu Poema, mostrando-se muito receoso de ser tido por mestre de impiedade. Muito mais havia feito Epicuro, chegando com a audacia a se inculcar por mestre exemplarissimo de Religião, e de virtude; mas Religião, e virtude fundada nos manifestos principios da impiedade.

CAPITULO II.

Paralello da Religião de Epicuro com a dos Illuminados.

FOi moda no seculo das revoluções espalhar nomes em lugar de coisas, e inculcar pessimas coisas com especiosos nomes. Falla em Religião Epicuro, falla em Religião o *Illuminado*, e Religião pura, e perfeita. Mas que entende hum, e outro, que tóma pela palavra Religião? Acaso o que entendêrão os outros Filosofos, Principes, Magistrados, e Póvos do Mundo? Não por certo! Tal he em qualquer individuo a Religião, qual he a idéa que fórma da Divindade, e da humanidade. O homem, ainda depois da morte corporal, sujeito ao Imperio de Deos; Deos, Legislador Supremo, e distribuidor da felicidade, e da miseria do homem; eis-aqui as bases em que se estabelece, e levanta a importancia, e magestade da Religião. Ritos differentes, differentes sacrificios, e tambem

differentes fórmas, e caracteres da Divindade, ou supposta, ou suspeitada, ou fingida, segundo o capricho dos homens, (ainda que todas as nações existão concordes nisto, que vem a ser, no conhecimento de alguma Divindade dominante, dispensadora dos bens, e dos males), dão a conhecer que o homem naturalmente quer respeitar, e obedecer a hum supremo Nume. Nem outra coisa querião dizer os raios de Jove, as fréchas de Apollo, as espigas de Ceres, o Tartaro, e o Elysio. Que Deos indolente, e nullo se julgou digno de Templos, e de Altares?

Nós vamos ver qual seja a idéa do homem na Filosofia de Epicuro, e do *Illuminado*. O homem dizem hum e outro, não he mais que hum composto de simples materia, que todo se esvaéce, e acaba na morte, e por isto izento, e livre de qualquer Religião, porque só vive circunscripto, e limitado só á vida presente. Nada resta depois disto á Religião; porque tanto Epicuro, como o *Illuminado*, fazem tambem a vida actual independente da Religião pela estranha idéa que nos dão da Divindade. Hum Deos de quem se não póde temer, nem esperar coisa al-

guma, nem em quanto dura a vida, nem depois de finalizar a vida: eis-aqui o grande objecto da Religião de Epicuro, e do *Illuminado.*

Em quanto á idéa de Deos, deve observar-se entre Epicuro, e o *Illuminado* a maior diversidade, e ao mesmo tempo a mais exacta similhança. Os Deoses de Athenas, não erão os Deoses de Epicuro; exteriormente os honrava, mas dentro de seu coração os escarnecia; caracter que em Seneca reprehendeo Santo Agostinho: *colebat, quod reprehendebat.* Quaes erão pois os Deoses que Epicuro reconhecia? Huma feira de Entes, sonhados por elle — *Monogramos*, que quer dizer Lineares, figurados, mas não visiveis, que tinhão, não corpo, mas quasi corpo, não sangue, mas quasi sangue, desterrados para sempre entre mundo e mundo nos espaços imaginarios. Hum Aristófanes não podia pôr em scena mais rediculamente as Divindades da Grecia, nem Luciano os podia mais claramente expôr ao escarneo, e ludibrio dos homens! E Epicuro, o Filosofo Epicuro, profere, e dogmatiza taes despropositos? Parece que, senão delirava, por certo zombava dos Deoses, e dos homens!

Confesso que o *Illuminado* vai mui longe destas extravagancias, incompativeis por certo com o decóro filosofico da nossa idade. Ainda os de mais ardimento, e os que não fazem pública profissão de Athéos, fallão do Ente Supremo com aquella dignidade, que lhes prescreve, não só a mais sábia Filosofia, mas a mesma Profetica, e Evangelica Sapiencia. Ente Soberano, e unico, eterno, immenso, infinito, perfeitissimo em si mesmo, de tudo abundantissimo, e em si mesmo bemaventurado; tal he o quadro, ou idéa de hum Deos, que quasi todos os *Illuminados* nos apresentão, e nisto ha entre elles, e Epicuro huma palmar diversidade.

Passemos á similhança: Que fazem os Deoses de Epicuro a respeito dos homens? Nada. O seu primeiro principio he este: Eximirem-se de todos os cuidados em huma perfeita, e absoluta indolencia. Encerrão-se em sua habitação, quietos, tranquillos, bemaventurados no seio de hum ocio sempiterno. Occupação na verd de extravagante, mas muito digna de taes Divindades!

Ora perguntemos aos *Illuminados*,

que faça, e em que se occupe a nosso respeito esse Deos, que elles conhecem tão grande, e tão perfeito? Dicta algumas Leis? Promette algum bem a quem o honra, e lhe obedece? Ameaça algum castigo a quem lhe for refractario, e rebelde? Não me digão que a mesma dignidade Divina he Lei para todos, e que a razão, e a consciencia do homem remunéra o homem com a sua approvação, e o castiga com seus remorsos. Vãos subterfugios! Não, meus Senhores, não he isto o que eu aqui pergunto. Pergunto-vos se o vosso Deos vos intíme expressamente algum preceito, e vos prometta algum premio, que possa galardoar vossas acções virtuosas? « Ah! exclamais vós enfaticamente, não convêm ao Supremo Ente abaixar tanto os olhos a coisas tão vís, como são as acções humanas! Por ventura he coisa propria de hum grande Monarca attender aos movimentos de hum pequeno insecto? He coisa indigna de Deos o homem, e quanto diz respeito, e se refere ao homem. » Entendo o que se me quer dizer: Deos, conforme a opinião de Epicuro, nem tem, nem emprega huma providencia individual. He grande,

Padre, hum Pastor, hum Doutor da Igreja, mas hum Politico, hum Orador, hum Filosofo do Paganismo, hum Pai, e conservador da Patria, hum Luminar clarissimo da maior Republica que existio, hum Marco Tullio Cicero, que levanta a douta, e livre voz contra as fascinações Epicureas: — « Que Filosofia he esta que se nos apresenta com tantos atractivos? Promette fazer-me em hum instante bemaventurado; porém que traz ella comsigo que seja feliz, e glorioso? *Quid habet ista res aut lætabile aut gloriosum?* » Palavras de grande, e profundo sentido, e que expendidas darão hum decisivo golpe na tão preconisada Filosofia. E o terrivel aspecto em que se representa a Religião, não he huma *caricatura* enorme, ou huma horrivel submersão? Considerem os *Pedreiros* o que dizem, e verão que nos insinuão, que o homem deixado a si só he felicissimo, mas que perderá repentinamente esta felicidade, huma vez que fizer entrevir a Divindade nas coisas humanas. E não vos horrorisa esta proposição? Como! Pois a Providencia de Deos he a infelicidade do homem? O homem não poderá ser feliz, se Deos não for

ocioso? O Ente que he por essencia optimo, e perfeitissimo, he hum pessimo Regedor do que elle mesmo creou? Podeis chegar a blasfemallo tanto, que indirectamente lhe chameis cruelissimo Tyranno, chamando tyranna a Religião que de hum Deos tira sua norma, e existencia? Idéa horrivel da Divina natureza, ou mais depréssa estranha idéa da humana felicidade! He preciso que tão grave materia se exponha em maior luz, e já que he de dois modos a felicidade que se nega á Religião, e se attribue á Filosofia, quero dizer, a felicidade pública, e a felicidade particular, comecemos o exame, e confrontação da primeira para abrirmos passagem á segunda. Como, e porque meios seja o homem feliz, ou desgraçado, são coisas que cumpre muito saber, e he muito nocivo ignorar.

CAPITULO V.

Se á pública felicidade contribua mais a Filosofia dos Illuminados, se a Religião?

OS *Pedreiros* produzem sobre isto o sentimento, o facto, e a razão. Ora soffrão em paz que eu contraponha sentimento a sentimento, facto a facto, e razão a razão. O vosso primeiro sentimento, a vossa primeira persuasão he esta, que a Religião se ajusta pouco á felicidade pública. Eu respeito como devo a vossa authoridade, mas observai, eu vos rogo, huma coisa estupenda. Os Minos, os Lycurgos, os Pythagoras, os Socrates, os Platões, e tantos outros deste caracter, que não erão por certo nem Clerigos, nem Monges, nem Frades, mas que erão Politicos, erão Filosofos, erão Principes, erão Legisladores, todos elles erão de sentimento opposto, e contrario ao vosso, e de tantos homens prudentissimos, e sempre desejosos do bem público,

não houve hum só que introduzisse em sua Republica a irreligião, ou descoberta, e patente, como fazem os Atheos, ou coberta, e embuçada como vós o praticais. Não houve hum só de tantos homens famosos, que não constituisse por primeira base de hum bom governo aquella mesma Religião, que vós teimosamente regeitais, quero dizer, Religião fundada sobre a divina remuneração e Providencia. Tocava pois a hum Epicuro, homem novo no Mundo, e tão alheio dos publicos negocios, como os seus Deoses, e tocava a seus Sectarios, com elle tão cabalmente parecidos, *illuminar* sobre hum objecto tão essencial os primeiros homens de Estado, os primeiros sabios, os primeiros legisladores! Grande e estranhissimo paradoxo! E vós, *Illuminados*, que tanto procurais engrossar, e reforçar o Exercito Epicureo, quem sois? — Homens illuminados, e illuminadores. — Sim, isso sabia eu; mas nunca julguei que vos podesseis medir com as personagens que vos acabo de nomear, exemplos de experiencia, de sabedoria, e honrada humanidade. Vós não quereis a Religião como huma coisa prejudicial ao bem público, aquel-

les pelo contrario, querião a Religião como huma coisa utilissima ao bem público. Qual destes sentimentos seja o mais digno de fé, e de apreço, nós o podemos julgar pelo caracter dos individuos. huns Legisladores dos Póvos, outros Subvertedores das Sociedades.

Não nos esqueçamos desta primeira parte de parallelo, e avancemos o passo para a segunda muito mais sólida, porque se trata de facto. Em coisa nenhuma são os *Illuminados* tão eloquentes como em expôr os males occasionados pela Religião. Dirão, com huma erudição espantosa, o que se tem passado no mais recondito gabinete do Imperador do Mogol, o que se acha dito no conselho privado do *Kan* da Tartaria: nem os obrigue ninguem a lhe produzir os documentos authenticos; tudo he certo, porque só elles o sabem: conservão hum copioso deposito de historietas nunca vistas, que se chamão, ha pouco tempo, *anecdotas*; sabem mui bem servir-se dellas, fazendo com taes noticias, não imagens, mas *grotescos* da Religião. Não devo perder tempo, combatendo, em taes factos, o muito que nelles tem que combater a crítica discreta, e luminosa;

nem quero examinar se os verdadeiros males hajão nascido da Religião, ou de algum erro accidental, e particular em materia de Religião; se hajão nascido da Religião, ou de alguma paixão debaixo do pretexto de Religião; nem quero, outro sim, queixar-me da torpe injustiça de atribuir á Religião em geral, o que he vicio de alguma Religião particular, e, o que he ainda muito peor, de atribuir o vicio de huma Religião que o approva, a outra Religião, que o condemna: esqueçamo-nos de tudo isto, e considere-se em si mesma a Religião. São acaso muitos, grandes, e horriveis os males, que ella occasionou? Sejão; eu não contesto hum só; mas digão-me os *Illuminadissimos Pedreiros*, são mais os males que a Religião causou, ou os que ella impedio? São maiores os males que ella trouxe, ou os bens? He preciso que insistamos nisto para decidir com prudencia, se a coisa he util, ou nociva. Se consideramos os males que acontecem, sem mais nada, que coisa póde haver que se não possa reputar nociva? Quantos estragos tem causado o ferro, e quantos incendios devoradores o fogo? Este mesmo Ceo visivel,

e material, se nos lembramos unicamente dos tufões, dos diluvios, dos temporaes desfeitos; este Ceo, que he a honra, e a salvação da Terra, nos parecerá por certo o luto, e o exterminio da mesma Terra. Logo, para julgar das coisas direitamente, se devem balançar os males com os bens, e se se comparão os males com os bens causados pela Religião, que juizo devemos fazer da mesma Religião?

Eis-aqui sobre esta materia dois factos innegaveis, segundo entendo, e por si mesmos decisivos: o primeiro, que a despeito de todos estes males, ou verdadeiros, ou imaginarios, em todos os estados a Religião se tem conservado immovel, estavel, inconcussa, e permanente. Ficão leis abolidas, abolidas as modas, abolidos os costumes; e se alguma vez variou a Religião, nunca foi inteiramente abolida. Os mesmos Politicos mais irreligiosos quizerão sempre em público alguma Religião, temendo que sem ella se subvertesse a sociedade humana. He preciso concluir que a Religião, até politicamente considerada, he hum grande sustentaculo dos Estados.

O segundo facto ainda he mais

decisivo, pois se observou não só huma vez, mas innumeraveis vezes, quero dizer, a Religião esplendidamente ligada com a felicidade pública. Fallarei do antigo Egypto, tão celebrado por sua gloria, e riqueza, como por sua Religião? Quem não conhece a antiga Creta, e a antiga Sparta, ambas conhecidas por sua diuturna felicidade? E quando lhes começou esta felicidade? Quando ambas forão consagradas pela Religião! E quem o disse? Hum Filosofo, e talvez o maior que existira entre os Gregos, Socrates: assim o vemos no Dialogo de Platão intitulado *Minos*. Eis-aqui suas palavras convertidas em latim pelo grande Marcilio Ficino: — *Creta per omne tempus est felix, ac etiam Lacedemon, ex quo iis legibus, utpote divinis uti cœpit.* E qual foi o tempo em que mais floreceo a Persia, Athenas, e Roma? Não foi a primeira no tempo do grande Cyro, a segunda no de Aristides, e a ultima no de Fabricio até ao Menór Africano? Forão verdadeiramente aquellas as idades de oiro, não, quaes vós a imaginais, sem censor, sem leis, sem temores, mas idades cheias daquella Religião a quem vós chamais tyranna, a

qual senhoreava não só o espirito dos póvos, mas o dos mesmos Soberanos. Appéllo para a fé da mais authorisada Historia: Heródoto, Xenofonte, Polybio, Tito Livio, C. Nepote andão pelas mãos de todos. Se acabou a felicidade e se extinguio a fé pública, e particular, se as dignidades se tornárão venaes, e se transfomarão em publicas officinas de latrocinios, se os Tutores do Estado se fizerão traidores, se, alterada a ordem, perturbado o repouso, quebrada a paz, os Cidadãos voltárão o ferro contra as entranhas da mãi commum, qual foi o motivo? Ouvi, *Illuminados*, hum Epicureo illustre, tantas vezes escarnecedor satyrico da sua Religião, e depois accusador acerbo da irreligião que conheceo tão funesta á sua Patria, Horacio, o qual, confundido, e magoado á vista de tantas desgraças que opprimião a sua Patria, exclama: « Para que nos admiramos da aluvião, que nos inunda, se, despedaçado o dique, já não ha medo, nem respeito aos Deoses? E de que maneira poderemos reparar os damnos que nos flagellão? Em vão o esperas, ó Roma, (continúa o convertido Poeta) em vão o esperas, se primeiro não espiares os ultrajes fei-

tos aos Numes. » Que mais? O grande Lyrico, com força, e sublimidade digna do argumento, não duvída atribuir á Religião toda a passada prosperidade, e de inculcar, e criminar a irreligião das presentes desventuras. Epicureos, e *Illuminados* que respondeis a este Epicureo, a este Romano *illuminado*?

Chama-me agora aquelle interprete, General, e Censor, o grande Bayle, o qual tem a ousadia de affirmar, que em quanto ao externo viviria huma Communidade de Athêos do mesmo modo que vive huma Communidade de homens que professão Religião. Se isto fosse verdade, ó *Illuminados*, seria falso o que affirmais, que a pública felicidade não se póde concordar com a Religião. Se a vida he a mesma, porque não será a ventura tambem a mesma? Mas Bayle diz, que seria o mesmo viver; e como o prova? Onde estão os factos, e factos dignos, conspicuos, e authorisados? Eu tenho produzido a favor da Religião, os Egypcios, os Cretenses, os Spartanos, os Persas, os Athenienses, os Romanos; citei os legitimos testemunhos, e posso produzir factos, e testemunhos ainda

mais solemnes. Onde guarda Bayle seus factos, e seus testemunhos? Decahirão acaso os Romanos do tempo de Horacio juntamente com a Religião? Onde estão os Hottentotes, os Caraíbas, os Topinambas, ou outra qualquer raça de gente, conhecida apenas quanto baste para excitar a nossa compaixão? Dir-se-ha que Bayle para prova do seu dito, tem da sua parte a razão? Mas eu respondo, que se exigem factos, e não razões; os factos, cuja linguagem he mais sensivel, e mais conveniente; e accrescento, factos de grandes populações inteiras, quaes são os que eu allego, e produzo. Que poucos homens escolhidos, conformes de genio, concordes em idéas possão por algum tempo viver civilmente sem Religião, isto não he o ponto aqui controverso; mas hum povo sem Religião, se se acha, só poderá ser no meio da mais bestial barbaridade, qual não vio, ou não fingio Fernão Mendes Pinto. Ahi se achará então a idade de oiro, ahi a preconisada felicidade, e quem por ella tanto suspira, vá tranquillamente habitar no meio deste povo. Mas já que me provocão ao campo da razão, de bom grado entro neste campo, pois

he confirmadora do facto ; e juiza do sentimento. E que grandes objectos devemos tratar! O principio, a essencia, os meios, e os modos da pública felicidade.

CAPITULO VI.

De qual das partes esteja a razão a respeito da proposta felicidade?

PARA julgar segundo a razão, se a Religião, ou Filosofia dos *Illuminados* contribua mais para a pública felicidade, comvém saber, qual das duas dirija melhor os animos dos homens para este effeito? Quies forão debaixo destes Ceos os artifices, e os arquitectos principaes da felicidade, ou miseria dos homens? Os mesmos homens. Verdade tão conhecida, que não necessita de prova. Não a salubridade do clima, não a benignidade das estações, não a felicidade da terra, não a oportunidade das aguas, e a commodidade dos animaes, concorrem tanto para o bem de huma Republica, quanto o recto procedimento, e ajustadas acções de seus Cidadãos; assim como não ha intemperie de estações, nem esterilidade, nem inundação, nem pestilencia, que tanto

damno faça a hum povo, quanto a má conducta de quem o compõe, o rege, ou delle vive confinante. Mais propicio foi a Roma hum unico Tito, que muitas rizonhas primaveras, e mais funesto hum só Nero que as mais furiosas tempestades. A mesma natureza cede de algum modo á actividade humana. Nas fertilissimas, e deliciosas planicies da Thessalia se vio muitas vezes dominar a carestia, e a miseria; e nos despidos, e escalvados rochedos de Ithaca se vio florecer a abundancia, e a prosperidade.

As fontes principaes de nossos bens, e males existem em nosso animo, alli se alvergão as inclinações, humas beneficas, ou maleficas, que põe em acção a força, e o engenho, ora para fazer bem, ora para fazer mal. Para que criminamos a Religião, e lhe atribuimos as nossas desgraças? Ah! Filosofos! que não conheceis, não digo eu o amago, mas nem superficie da Natureza humana! Não vedes ao menos, não sentis as funestas paixões? A cobiça de ter, o desejo de dominar, o pendor aos prazeres, o odio, a lascivia, a ira, a inveja; eis-aqui as Divindades crueis a quem todos os dias se fazem

os mais crueis sacrificios ; estes são os Tyrannos implacaveis, que opprimirão sempre o Mundo com intoleravel jugo, e infinitos males. Pelo contrario, onde existe a ordem, a paz, a segurança, o mutuo soccorro, que he o motivo, e fim principal da sociedade humana? O homem, por si só debil, e necessitado, busca nos outros seus similhantes aquillo que em si mesmo não acha, e se lhes une para receber bem, assim como lho tem feito. Nisto conspirão muitos, e disto resulta aquella união de forças capazes de sustentar a fraqueza, e de prover as necessidades de cada hum, e de promover todas as vantagens da vida presente. Mas donde nascem, torno a dizer, donde provem estas ventagens, senão daquellas inclinações beneficas applicadas á conservação do vinculo social que formárão? Fallemos mais claramente ; as paixões malignas, ou mais depréssa, os vicios que dellas brotão, são a causa principal das miserias humanas : as inclinações benignas, ou para o dizer melhor, as virtudes que lhes dão actividade, e constancia, são a causa principal da felicidade humana. Se as virtudes se oppõem ao mal, e o vedão, tambem

inspirão, e ordenão o bem. « Porque são os Spartanos mais felizes? Porque são os mais virtuosos », respondeo o sabio Agesiláo.

He preciso rectificar a idéa avêssa, que alguns formão da felicidade pública. Cuidão, que hum Estado he feliz quando superabunda o oiro, quando se edificão magnificos Palacios, e resplandecem amplissimos theatros, onde os Histriões, e Pantomimos luxuríão e fazem ressoar harmoniosos concertos; quando com mão de mestre respirão os bronzes, e fallão as tapessarias; quando por toda a parte soão jogos, bailes, espectaculos; quando apparecem os Grandes com maior pompa, vestidos, e novas galas, que os seus antigos Reis. Oh! bemaventurado o povo que possue, e góza tão grandes coisas! Excessivamente feliz se as leis tem perdido sua primeira severidade, e de volta com a corrupção dos costumes se tem amolecido! Assim pensa o vulgo, e assim como o vulgo tambem pensão muitos que se tem em conta de grandes pensadores!

Escutem-me com tudo os *Pedreiros*! A mestra da vida, e do conselho, a Historia, nos ensina, que estes não

são, nem podem ser os effeitos de huma felicidade estavel, e vigorosa, mas sim os symptómas de huma felicidade caduca, e moribunda. Por ventura não era este o estado da Persia quando cahio, e submeteo o pescoço ao jugo da Macedonia? Não era este o estado da Grecia, quando cahio nas mãos da mesma Macedonia, e depois nos ferros dos Romanos? Não foi tambem este o estado da mesma Roma, quando foi victima, ou prêza da ambição de Sylla, depois de Cesar, e depois da aluvião da barbaria semptentrional? Que direi da Caldéa, da Assyria, e do Egypto! Sparta foi por oito seculos ditosa sem isso a que vós chamais felicidade; cessou, ou deixou de ser livre quando começou a ser venturosa ao vosso modo. A superfluidade multiplica as precisões multiplicando os desejos, e o homem se torna frivolo como são as coisas em que se occupa. As muitas delicias são hum presente funesto que se devia mandar aos inimigos; estas delicias forão os exercitos que debellárão, e desbaratárão Annibal em Cápua Aquelle mesmo Péricles, que tão esplendida, e deliciosa tornou Athenas, e applaudido por isto do povo como pai da

Patria, foi no juizo filosofico de Platão digno do extremo castigo, ou pena capital, como mais prejudicial inimigo; e bem certo e bem claro se devisa, que felicidade de luxo, de moleza, e de pompa he falsa, e illusoria felicidade, em que costuma acabar e desvancer-se a felicidade verdadeira; esta, assim como a verdadeira saude, não consiste na morbidez da cútis, he hum estado de vigor, e não de delicadeza; de solidez, e não de apparencia; de estavel temperatura, e não de exuberante pletóra; esta, que parece tão prospera, enerva as forças, produz achaques, e acceléra a morte.

Cicero, discorrendo como politico, julgou ser bemaventurada a vida, ou existencia de hum povo, quando esta fosse sólida pela força e poder, rica pela abundancia, illustre pela gloria, e honesta pelo exercicio da virtude: *Ut opibus firma, copiis locuples, gloria ampla, virtute honesta sit.* Assim escreve eloquentemente a Attico, inculcando sempre a virtude como fonte principal, e verdadeira origem de toda a felicidade, quando considera como, de pequena, e limitada, chegára a tanta grandeza a Republica Ro-

mana. Socrates, para desengano do seu amado Alcibiades, lhe dizia desta maneira: — « Para a grandeza de huma Cidade não vale, nem a fortaleza e altura dos muros, nem o apparato das náos, nem a opportunidade, e riqueza dos Arsenaes, nem a multidão do povo, nem a grandeza do Senhorio, sem o verdadeiro, e sólido escudo da virtude. »

E com effeito, donde podem provir todas as ventagens, senão da verdadeira, e ingenua virtude? Riqueza, abundancia, poder, gloria, são fructos ordinarios do amor, do trabalho, da industria, da parcimoria, da continencia, da vigilancia, do valor, da concordia, da equidade, da modestia, da subordinação fiel, e da nobre emulação; por isso Platão para guarda daquella Cidade, que elle queria tornar felicissima, collocou sobre todos os meios aquellas quatro virtudes principaes, mãis das outras, e suas regedoras; a prevista prudencia, a intrepida fortaleza, a medida temperança, e sobre tudo a igual justiça: porque, como bem disse Santo Agostinho (*), (não me insultem os grandes *Illuminados*, por

(*) Liv. 4.° de Civ. Dei Cap. 4.

citar hum Santo, pois este tambem era Filosofo, ou hum dos maiores Filosofos) se falta a justiça, que outra coisa são os Reinos, mais que huns solemnes e gloriosos latrocinios? Nem os mesmos salteadores, nem outros quaesquer facinorosos podem concordar entre si sem alguma particula de justiça, de outra maneira existirão em perpétua dissensão, e desordem. De tudo isto posso concluir que para a pública felicidade tão opposto he o vicio, como propria, conducente, e necessaria a virtude. Resta examinar, qual das duas coisas mais contraste o vicio, e mais contribúa para a virtude, se a Filosofia de que trato, ou a Religião, para inferir depois qual das duas conduza mais, e mais encaminhe o homem para a pública felicidade; mas para isto, cumpre ter sempre presentes as duas idéas, Homem, e Deos. Ora attendão, meus Senhores, a esta confrontação, da qual pende a resolução do grande problema.

A idéa que a Religião nos dá do homem, não póde ser mais vantajosa; porque, que coisa he o homem, conforme os principios da Religião? Hum Ente superior ás outras coisas sensiveis,

feito por Deos, e destinado para a mais alta sorte immortal; e tudo quanto conduz a inspirar-lhe sentimentos de moderação para comsigo, de respeito para com seus similhantes, sentimentos que, se não são virtudes, são muito proximos á virtude: pelo contrario, não podeis negar em vossa Filosofia, que o homem seja coisa muito abjecta, apenas apta a despertar as paixões animaes, e a excitar hum desprezo funesto de toda a humanidade. A idéa de Deos em si he pouco menos que a mesma de huma, e de outra parte; mas a respeito de nós, quão grande differença! Aquelle Ser soberano, segundo a *illuminada* Filosofia, he em relação a nós, como se não fosse, em nós não cuida; pelo contrario, segundo a Religião, vigia de continuo sobre nós, e com toda a sua grandeza emprega-se em nossa conservação, e em nossa guarda.

Eu sei donde os *Illuminados* tirão-os motivos de suas querellas contra a Religião, taxando-a de promotora de delictos, e damnos gravissimos; mas tambem sei que se fez, e se deo mais injusta querella, porque a Religião he interprete de Deos, e não promove senão aquillo que apraz a Deos.

E he por ventura Deos hum Ente vicioso, maligno, inimigo do homem, a quem agradem os delictos, e os males humanos? Por certo que não. Excepto alguma seita brutal que sobre isso teve algum brutal sentimento, o conceito que geralmente se fórma de Deos he em tudo pelo contrario. Aquelles que fizerão a Divindade viciosa em si mesma, a fizerão sempre opposta aos vicios alheios, principalmente a Divindade suprema. E com effeito, debaixo do Imperio das Leis Divinas, viverão, como acima disse, mais felizes e virtuosos os Cretenses, os Persas, os Gregos, e os Romanos. Mas ainda sôa muito peor a referida querella na boca de hum Epicureo; porque os Deoses de Epicuro ainda que extravagantes, são, segundo elle diz, sapientissimos, e virtuosos; e que outra coisa podem elles querer mais que sapiencia, e virtude? Mas a idéa que vós dais de Deos, ó *Illuminados*, he a idéa de hum Ente maximo, optimo, e perfeitissimo; e assim como se não póde imaginar coisa melhor que Deos, tambem se não póde imaginar coisa melhor do que aquillo que á vontade do mesmo Deos se conforma: logo, não ha coisa que

mais conduza á virtude, e por isso mesmo que mais conduza á commum felicidade. Onde estão pois os males, e os delictos? Dizei me, não tenho eu antes justos motivos de me queixar de vós, porque negais a Deos huma vontade, e huma providencia, que deveria ser tão proficua ao genero humano? E se vós proseguis dizendo, que sem embargo de tudo isto, da mesma Religião provêm muitos males, eu vos poderia responder que não menos se podem suppôr provindos do Principado humano, e nem por isto se lhe pretende tirar hum só ponto da sua força; tal he a condição das coisas mais uteis que se conhecem no Mundo; dellas se abusa para graves damnos, ou por erro, ou por malicia, mas isto não tolhe que as mesmas coisas de que se abusa não sejão utilissimas pela virtude que em si tem de produzir bens, e vedar males incomparavelmente maiores; e taes são sem dúvida alguma o Imperio, e a Religião. Deixai que vos diga, ó *Illuminados*, que me parece huma grande simplicidade subir aos Ceos, para alli buscar a origem dos nossos males. O' homens admiraveis, vós fallais a todo o instante da gente

dada á Religião, como estimulada por ella a mal fazer. Que he isto? Tem o Lobo necessidade de estranhos, ou externos estimulos para devorar cordeiros, ou tem necessidade o Tigre dos mesmos estimulos, para despedaçar novilhos? He mais que bastante motivo a natural fereza, e voracidade. Precisa a virtude de aguilhão, e de conforto; são doces os seus fructos, mas a sua estrada he ingreme, e escabrosa. Ao vicio, para o qual nos leva, nos inclina, e nos impelle para o pendor do appetite, ao vicio se deve lançar hum freio, e não applicar hum estimulo; não póde pensar de outra maneira quem não ignora o Mundo, nem a si se ignora. Onde estão pois, meus Senhores, estes freios dos vicios, e estes estimulos da virtude?

Elucidemos esta materia com duas imagens sensiveis, que são *Anarquia*, e *Principado*, e constituamos entre a Religião, e o Principado a confrontação, que deve dar á proposta verdade nova luz, e sustentáculo. Chamão os Gregos *Anarquia* a total negação do Principado, e todos os sabios julgão esta a peor sorte de hum Estado. E com effeito, finja-se huma Cidade onde ne-

nhuma Soberania exista, nem Monarquica, nem Aristocratica, nem Democratica, nem mixta como a de Inglaterra: oh Deos! Que confusão! Que desordem! Quem te quizer roubar, te rouba, quem te quizer assasinar, te assasina. Não ha recurso, não ha Tribunal, não ha poder legitimo que te possa defender. A força e astucia decidem de tudo. Eis-aqui hum Estado peor que toda a barbaria Africana, e Americana; porque os barbaros ainda os mais deshumanos, longe de quererem permanecer em hum estado tão violento formão naturalmente huma especie de Principado debaixo de cujo imperio vivão mais tranquillos, e mais seguros.

Observem, meus Senhores, a *Anarquia*; he huma coisa nulla, assim como o he a irreligião, incapazes huma, e outra de retirar o homem do mal, ou impellillo para o bem; e que mal póde fazer o que he em si nullo? E com tudo, este simples, e innocentissimo nada, he causa dos maiores males que podem acontecer aos homens. E porque? Por isso mesmo que he hum nada: hum nada, digo, quanto á influencia sobre os actos humanos, dei-

xando com tudo a qualquer a plenissima licença de obrar tudo quanto lhe dictar o seu capricho; o que he tão proprio da irreligião, que o *Illuminado* sonhou. Porque, não existir Deos, ou ser effectivamente impróvido, não haver Principado, ou ser effectivamente ocioso, que faz isto ao caso? Igualmente, nenhum freio ao vicio, nenhum estimulo á virtude, he isto o que afugenta todas as virtudes do Mundo, e inunda o Mundo de vicios, e de desordens. Logo menor mal, he hum pessimo Principado, que a *Anarquia*, ou coisa similhante á *Anarquia*, e menor mal he huma defeituosa Religião, que a irreligião, ou coisa que a ella seja similhante: fallo de Religião má onde ao menos se conserve a idéa de hum Deos bom, e fallo de hum máo Principado, onde ao menos não esteja apagada a idéa da natural justiça. Sempre hum menor mal se deve antepôr ao maior, a mesma Nutureza o ensina; mas he tão difficil achar hum povo sem Principado, como he difficil encontrallo sem Religião, digo, Principado que opére, e Religião que mova poderosamente.

Se nos apraz encontrar, e desco-

brir a causa desta necessidade, bem depréssa a acharemos clara, e sensivel em os mais vivos sentimentos do nosso coração. O amor proprio, o mais assiduo, activo, e impetuoso amor que existe, nos obriga incessantemente a buscar o nosso particular interesse, sem consideração aos interesses dos outros, e os outros, igualmente levados do mesmo amor, buscão com ancia o seu interesse sem nos considerarem a nós. Eis-aqui pois contrarios interesses, contrarios desejos, e movimentos contrarios. E donde nascem os contrastes, e as guerras? Destas propensões vehementes que nos impellem a buscar o particular interesse, ou para fallar mais claro, das nossas concupiscencias. E as concupiscencias não são filhas cégas, e violentas daquelle cégo, e violento amor? He pois necessario não só illuminar este amor, mas corrigillo com mão déstra, e poderosa, para que, de principio que he de infinitos males, passe a ser causa de infinitos bens. E como se poderá corrigir? Dando á virtude aquelles atractivos, que favoreção o interesse commum, e descobrindo o terrivel aspecto daquelles vicios que sustentão o interesse privado, com detrimento do

público, e de tal maneira, que se torne desejavel, e apetecivel ao amor proprio tudo aquillo que dantes lhe era odioso, e detestavel, e se lhe torne odioso o que dantes tão aciosamente buscava. Eis-aqui todo o segredo da humana politica, dirigir, e encaminhar para o bem público tudo aquillo que ao mesmo bem público era opposto, e contrario, e tornar os homens cooperadores da reciproca felicidade.

Mas quaes são os attractivos da virtude, e quaes podem ser as detestaveis feições do vicio? A Natureza o diz, ainda que o não tivera dito hum Filosofo e Legislador, qual foi Solon: que os dois grandes móveis dos homens são temor, e esperança, e que não póde haver bom regulamento sem castigo, e sem recompensa. E qual foi a Republica no Mundo que se acha governada com diversos principios? Houve, assim he, alguma diversidade de recompensa, e de pena; mas sempre houve recompensa, e pena, que vivamente tocasse o homem, e que fosse capaz de lhe despertar no coração, forte esperança, e forte temor. Tirai ao cobiçoso o emolemento, e vereis se corre tão prompto ao trabalho; tirai ao ava-

ro a força, e vereis se deixa ociosas as unhas na rapina. Ha certas paixões de sua natureza tão bestiaes, que seria grande loucura governallas com outros meios differentes daquelles com que se levão as bestas. Ha outras paixões tão estranhas, e tão diversas, que apenas sabe a humana providencia achar premios, e castigos bastantes, ora para lhe excitar a cobardia, ora para lhes suspender a furia.

Torno a vós, ó *Illuminados*, dizei-me, julgais acaso necessaria, e util á politica humana esta providencia remuneradora? Fallai claro, dizei-me, sim, ou não? Se dizeis não, sois não só extravagantes, mas estupidos: logo he preciso dizer que sim, que he necessaria, que he util na politica humana tal providencia. Não se póde duvidar, porque a experiencia quotidiana nos confirma esta verdade. Ora eu exijo de vós unicamente a recta razão, esta vos mostrará que se não he necessaria, ao menos he util a huma Religião Divina esta providencia. Não são os homens os mesmos? Não tem as mesmas paixões? Não tem a mesma necessidade dos mesmos incentivos, e dos mesmos freios. Para que admittis providencia

na Politica, e a não quereis admittir na Religião? Eu quereria escutar alguma razão, que fosse digna de hum entendimento illustrado.

—A razão, dizem alguns Corifeos da Seita illuminada, he a mesma providencia humana, e se basta esta, para que he recorrer á Divina? São féras as humanas paixões, e propensas ao mal? O remedio está prompto no governo humano: afagos, e recompensas, se se sugeitão ao dever, carcere, e fome se sacodem do pescoço o jugo: assim o vagaroso boi se apressa, e o o feroz cavallo se amansa, e o tigre maligno se faz innocente. Os premios, e os castigos humanos, tanto se fazem sentir aos Athêos, como aos Religiosos, se estes, e aquelles tiverem externamente huma relativa conducta, com isto se justifica Bayle, e se provê á pública felicidade. — Não, Senhores, lhes respodo eu, não Senhores; ainda que este discurso fosse recto, e justo, que concluiria? Concluiria quando muito que se a providencia Divina não fôra necessaria, ao menos seria util. Mas esta providencia, ainda que proceda de diverso principio encaminha-se ao mesmo fim, que he a virtude, e a felici-

dade; e hum fim de tanta importancia poderá deixar de se promover, e de se avaliar? O vosso discurso desmente a vossa preconisada sufficiencia. Mas vejo que se alonga muito a presente reflexão, levemos esta materia tão digna a outra reflexão particular.

CAPITULO VII.

Se para a verdadeira felicidade seja bastante a humana politica sem a Religião?

ATé que ponto se estende toda a humana politica, e providencia? Unicamente á exterior superficie. Vós mesmos o dissestes, ó *Illuminados*. Nem de outra sorte póde ser, porque os olhos humanos não penetrão mais. E vós podeis contentar-vos só com a superficie? Serão muito mesquinhas vossas virtudes, e não mui differentes das do boi, do cavallo, e do tigre; virtudes que procedem de motivos externos, e que só nos actos externos consistem, virtudes que se podem mui bem conciliar com todos os vicios: submissão exterior, rebellião interior; por fóra affabilidade, por dentro inveja, e rancor; por fóra innocencia, por dentro malignidade. Meus Senhores, se estas virtudes vos bastão, tambem vos concederei que basta a vossa politica providencia. Po-

rém não. Quando o vicio está dentro, cedo ou tarde sahe fóra, como acontece em muitas féras, que não estão suficientemente domesticadas; e a experiencia confirma assim o dito do Evangelho, que de hum coração vicioso, não sómente sahem os máos projectos, os designios, mas os furtos, os falsos testemunhos, os homicidios, e todas as pestes do genero humano. O mesmo Platão o disse, que aquelle que, nas coisas sensiveis, não levanta os olhos á Luz da Divindade, jaz nas trevas, e só executa obras tenebrosas. Ah! Quão limitada he a providencia humana! Esta não chega, não digo á fonte das acções humanas, que he o coração, mas nem a todos os regatos, que são as mesmas acções externas, se são encobertas, e sem testemunhas. E com effeito, quantos crimes ficão perpetuamente sepultados naquellas espessas sombras em que nascêrão? Que direi daquelles que ainda que bem descobertos, e patentes, tem a segurança na impunidade? Que direi dos outros que á vista da dezejada ventagem desprezão o ameaçado castigo? Despreza o castigo, quem despreza a vida, e que póde fazer toda a severidade humana

mais do que dar a morte ao corpo? Por quem será contido o povo, o impetuoso, e prepotente povo? — Pela força armada, ou soldadesca, direis vós. — E por quem ha de ser contida essa mesma soldadesca? Fazem horror os tragicos espectaculos, que em passados seculos deo ao Mundo a soldadesca Romana, e tem dado neste seculo, a soldadesca Franceza naquellas mesmas pessoas que tinhão mais direito a serem respeitadas. A' sua vista se calarão as Leis. E ainda quando estas Leis contenhão a força armada, podem acaso conter os Ministros, e os Arbitros soberanos? Digão-no os Tiberios, os Sejanos, diga-o hum Cesar Borgia, ou Bonaparte. Oh que tramas, que opressões, que estragos! Eia pois, providencia humana, dá prompto remedio a tantos males. Opporás acaso, engano a engano, violencia a violencia, iniquidade a iniquidade? Eis-aqui os homens recahindo no seio de males mais horriveis, que a *Anarquia*. Bem disserão certos Filosofos; que o estado dos homens entre si, era o estado de guerra, e que para os mesmos homens era mais vantajosa a ignorancia que a sciencia, a vida selvatica que a cul-

tura, a solidão que a sociedade. Sim disserão bem, mas na hypothese que tudo está deixado e abandonado, como querem os *Illuminados*, á providencia dos homens. Porque a dizer a verdade de que serviria em tal estado a cultura, e a sciencia senão para tornar os homens mais sagazes em seguir, e executar o mal? De que serviria a sociedade senão para viver o homem mais exposto a maior número de offensores? Desertemos das Cidades, vamos viver entre os Ursos como João Jaques, mais coherente que os outros, a si mesmo se persuadia.

Exige-se huma providencia sobrenatural, para que a sociedade humana seja feliz, e virtuosa, huma providencia, digo, mais penetrante, que chegue com os olhos, aos ultimos escondrijos do coração, e dê Leis aos pensamentos, e aos affectos: huma providencia mais universal, que tenha em sua guarda, ou debaixo de seu imperio, o pequeno, e o grande, o forte, e o fraco, o vassallo, e o dominante: huma providencia mais efficaz, que tenha em suas mãos os bens, e os males capazes de fazerem tremer até hum Cesar no meio de suas victorias, e hum

Nero sentado em seu throno: huma providencia finalmente, sempre vigilante, recta, igual, incorruptivel. E que providencia deve ser esta senão a Divina? He tão grande, tão poderosa, tão terrivel como a mesma Divindade. Assim como nenhum poder he igual ao seu, tambem nenhuma recompensa lhe he igual; nenhum motivo de esperança, e temor lhe he igual para freio, ou estimulo dos corações humanos..

Isto sentírão, e reconhecêrão todos os homens; por isso em os pactos mais sacrosantos sempre recorrêrão ao juramento, e de quanto proveito não he elle para a Republica! Confirma a pública e privada fé; assegura aos Generaes o commando, o throno aos Soberanos, e entre Monarcas, e Monarcas a paz. Que dizeis vós do novo vigor que a Divina authoridade communica a todos os deveres humanos? Não he pois de admirar, que todos os Legisladores com unanime consentimento estabelecessem huma providencia tão essencial, leis, costumes, penas, recompensas, meios, remedios; e tudo melhor que soube inventar a providencia humana para felicidade de hum Estado; aquelles atiladissimos homens devisárão;

mas todos os seus edificios lhe parecêrão ruinas se lhes faltasse o alicerce da Divina Providencia. Jove, Ceres, Apollo, hum Deos, em summa, lhes pareceo necessario, que fosse de tudo quanto inventavão author, approvador, e sempre vingador. Que mais? Até a Politica mais irreligiosa, se cobrio com o manto da Religião, não se julgando, com qualquer outro meio, bastantemente segura, e efficaz.

Vãs imaginações, dizem alguns *Illuminados*! Faz as mesmas desordens o que professa, e o que nega a Religião. Sim, lhe respondo eu, de quem professa Religião que he vaidade, ou hypocrisia. E como, e com que cara o podereis dizer de quem professa Religião sólida, e sincera, vós que a todo o instante lançais em rosto a seus professores superstição, e fanatismo? He signal que a Religião não está ociosa em seus animos, porque os transporta ainda além dos prescriptos deveres, porque, superstição, e fanatismo são hum excesso de Religião. Mas tornemos ao facto. Meus Senhores, mostrai-me, se podeis, dois povos, hum com Religião, outro sem Religião, réos das mesmas desordens? Dizei, onde estão estes po-

vos, e quem são? Se dizeis que o ignorais, não temeis a taxa de impostura, ou ao menos de frivolidade? Ora, eu vos digo, e vos affirmo que povos desta natureza, nem existem no Mundo, nem podem existir, porque não he possivel que obrem de hum mesmo modo duas multidões, movida huma dellas pelos mais fortes motivos, que não tocão a outra. E que motivos mais fortes póde haver que os da Religião? O commando de hum Senhor supremo, a sua graça, ou desagrado, a propria felicidade, ou miseria, são acaso coisas a que possa ser insensivel quem não he mentecapto, e furioso? E se dizeis, que sem embargo de taes motivos os homens commettem horrendas maldades, mui bem que dizeis a verdade, mas não são tantos quantos vós quereis dar a entender. E sabeis quem são os que mais furiosamente as commettem? Aquelles que pouco, ou nada pensão, e ainda mais aquelles que vão como vós filosofando. A deminuição da Religião, he o acrescimo da maldade. Póde nascer esta maldade no seio da Religião, não volo nego; mas ao menos não póde nella repousar tranquilla, não póde reinar, e se podesse não moveria

contra a Religião tão féra, e intestina guerra. Mas para que quero eu diminuir, e vós multiplicar os delictos daquelles que professão sólida, e verdadeira Religião? A mesma multiplicidade de delictos subscreve a sentença da vossa condemnação. Pois não bastão os fortissimos motivos da Religião, para refrear as paixões humanas? Logo muito desmedida deve ser a impetuosidade, e força destas mesmas paixões! E vós que fazeis? Tirando a Religião, tornais mais violenta a torrente, desbaratando os mais fortes diques, e reparos. Senhores, onde está, não digo o senso filosofico, mas o senso commum? E he a vossa Filosofia aquelle milagre de sapiencia, que sobre a destruição da Religião deve fabricar a felicidade do genero humano? Estranha felicidade para quem tira do todo o obstaculo da cubiça, e concupiscencia, se abre a si mesmo a porta a todas as desordens? Eu espero, meus Senhores, que tenhais alguma coisa melhor com que me repliqueis.

CAPITULO VIII.

Sobre deixar a Religião ao povo; e deixar para os outros a Filosofia, e filosoficos motivos.

QUasi todos os *Illuminados* confessão com alguma ingenuidade, que a Religião he necessaria ao povo; e huma Religião não arbitraria e vã, mas cheia de observancias, sevéra em suas Leis, armada de raios, e acompanhada de recompensas; porque de nenhuma outra maneira se poderá amansar, e conter besta tão féra, e intratavel como a multidão, desprovída de idéas, instavel de genio, e sempre violenta em suas paixões. Mas para os outros que não são povo, não se requer esta Religião, nem lhe está bem abraçalla, e seguilla; porque sabem regular-se com outros motivos mais nobres, que lhe subministra em larga cópia sua sublimissima Filosofia. Assim discorrem até os *Illuminados* do gran-

de *Club* de Holbach. Mas pergunto, isto chama-se huma retirada, ou hum completissimo desbarato?

A mesma proposição traz no rosto toda a sua turpitude. Como he isto? Religião para huns, e não Religião para os outros? Donde vem esta differença, ou esta distincção? Se he huma, se he a mesma a natureza de todos, para que he fazer lhe tão contraria a sorte? Nunca os outros Filosofos fizerão huma similhante distincção. Tristes *Illuminados*, se Platão, ou Socrates vos ouvissem, que dirião de vós? Platão, que julgou que era da essencia, ou natureza de hum Filosofo, o amor da verdade, o odio da impostura, a abominação da mentira, certamente vos riscaria do Catalogo dos Filosofos, para vos constituir apenas na classe, ou número dos Sofistas. Esqueceo-se acaso a Filosofia de seus principios, e aprendeo a ser corteza? Sim, e já do tempo de Tertuliano se dizia: aquelle que se mostra com o rosto austéro de Filosofo, e te parece o Censor do Mundo, não he mais que hum vilissimo alcoviteiro: *Leno est Philosofus et Censor.* Por certo fico aturdido quando escuto o *Illuminado* apostrofando o

povo, annunciando-lhe supremas leis, e dizendo-lhe: — Guarda-te de violar a mais minima, senão... *Demonios, abismos, chammas devoradoras.* — Depois voltando-se ao que não he povo dizer-lhe — *Olha que estas leis, estas ameaças não são para ti, obra como quizeres; que para ti não ha que temer, attende ao presente, e vive seguro, e tranquillo sobre o futuro.* — Homem bilingue, que he o que escuto? Leis sim, e leis não! castigos para estes, e não para aquelles! providencia para huns, e não para outros! Por ventura Deos he parcial, e lisongeiro como he o Censor, e o Filosofo? A mais desigual equidade humana não chega a tanta complacencia, a todos se intimão leis, cadêas, carceres, patibulos, e he justo, que quem commette hum delicto indigno da sua qualidade incorra em hum castigo digno do seu delicto, se acaso não parece ao *Illuminado* hum dever dispensar aquelles que não são povo até das Leis, e penas humanas, a ponto de lhes ser livre quanto quizerem, porque o querem filosoficamente. E com effeito o *Illuminado* arroga-se o direito de subir ao Ceo, e de lá distribuir terror,

ou segurança a quem bem lhe parecer, fazendo a seu sabor a Divindade ora próvida, ora ociosa.

Nós não dizemos isto, replica o *Illuminado*, dizemos sómente que conduz para a pública felicidade, que o grosso povo viva persuadido disto. Entendo; tu hés hum pregoeiro espalhador de verdades, e queres encher o povo de mentiras; dizes que he bom prender ainda mais quem está prézo, aggravar quem está aggravado, atemorizar ainda mais quem está tímido, ajuntar o rigor da Providencia Divina a quem jaz curvado a todo o pêzo da providencia humana!! Rectidão, e sinceridade verdadeiramente singular! Desculpão-se alguns dizendo, que o povo rude não he capaz de entender os mysterios da sublime Filosofia, e que só lhe capaz de abusar della em perjuizo dos outros. Desculpa na verdade bem suspeita! Pois os dogmas cardiaes sobre que se deve reger a vida humana, são mysterios imperceptiveis, e perniciosos ao povo? Mas para quem são estes mysterios? Respondem, que para aquelles que não são povo. — Porém digão-me, quem são os que não são povo? Este discernimento he muito dif-

ficil, já que o ser, ou não ser povo depende da qualidade, e da cultura do coração, e do entendimento, pois muitos que resplandecem por titulos, e riquezas, são mais povo que seus mesmos domesticos, e creados. E quem he o Juiz destes que não são povo? Quem os distingue, quem os escolhe? Vós. Mas quem vos escolheo a vós? Eis aqui huma coisa que me parece muito escura, e ambigua. He preciso conhecer quem sejão estas almas escolhidas: figuro-me que serão os Catões, e as Cornelias da nossa idade; homens os mais graves e rectos, e que tem consumido, ou atenuado a vida em profundos estudos, matronas irreprehensiveis, prodigios de sizo, e espelhos de honestidade. Mas ah! Enganei-me! São Donzellas vãs, mancebos frivolissimos, que todo o seu estudo pōem no toucador, nos naipes, e nas novellas, e que todos os dias por muitas horas contemplão outras idéas, que não são as Platonicas. Sim, estes são os *Quindecemviros* especialmente eleitos para a intelligencia dos novos Livros Sibyllinos. E podia haver escolha mais acertada, e exquisita?

E quem he o guarda destes Livros

Sibyllinos? Assás se multiplicárão, e correm pelas mãos de todos. E quem se póde, ou fiar da sua guarda, ou tapar-lhe a boca? Quem póde vedar que transpirem seus filosoficos mysterios, até aos ouvidos do menino, do creado, e da creada? Quem tem olhos para lêr, ou ao menos ouvidos para ouvir, póde ser Filosofo Illuminado, e dentro de pouco tempo será Filosofo, seu máo grado, aquelle mesmo populacho que se queria excluido dos arcanos. E que providencia dais a tanta desgraça, e a tanto perigo? Além disto, dizei-me, não se póde temer nada daquelles que não são povo, ou não se tem nessa conta? Em pessoas as mais elevadas, não só por condição, mas por espirito, e por talento, e ainda mais por litera-tura, se alvergão almas maleficas, e pre-dominadas de maleficos apetites. E quem se poderá defender de sua Filosofia? Quanto mais alta a sua esféra, mais perniciosa he a sua influencia, e se são máos conselheiros a baixeza, e a inopia, muito peores são a dignidade, e a opulencia. Os Sesostris, os Alexandres, e os Cesares, forão os que assolárão Provincias, e Reinos, e os que arruinárão os mais florescentes Imperios.

O povo he hum grande corpo; mas sem cabeça, por sua natural indole, vóa atraz, e não procede; he ministro, e não conductor dos grandes attentados; e se começa, não sabe acabar, he huma torrente que murmura, inunda, e espraia para se perder; he preciso que hum grande reja os pequenos, e os anime. Não de outra maneira se commettêrão os crimes, e acontecêrão as desgraças que acabão de assolar a Europa. Ao povo, e muito mais áquelles que não são povo, se deve impôr hum freio. Que loucura! Encadear as ovelhas, e os cordeiros, e pôr em liberdade os Leões, e os Elefantes!

Respondem os *Illuminados*, que elles não tirão, porém mudão aos Leões, e aos Elefantes as suas prizões, ou cadêas, e que a estas barras de ferro substituem outras de sêda, e de ouro com as quaes se amollece, e abranda o orgulho, e se torna benefica a ferocidade: quer dizer, que elles tem motivos mais decentes, mas não menos efficazes. —— Ah! Senhores, se isto he assim, porque nos não suggeris a nós estes motivos? He preciso que se declarem pois são tão preciosos, e tão grandes! E quais são? Honra,

Humanidade, Virtude. Honra, Humanidade, Virtude! Nada me dizeis que não esteja conhecido de todos, nada que se não possa conciliar com a Religião; e para que he a Religião? Vejamos com tudo quanto valhão estes velhos motivos, e se de vossa Filosofia recebão nova efficacia. Começemos pela Honra, e Deos me guarde que eu procure diminuir a força de motivo tão grande, para que não seja o mais puro, e o mais elevado. Eu o dezejo reforçar ainda mais para estimulo das grandes acções, e escudo contra todos os assaltos da torpeza. Mas para que he substituir á gravidade da Religião, huma simples honra mundana? Deixo por agora de dizer que esta honra he muito equivoca como tão dependente da opinião dos homens, constituida muitas vezes em hum cego empenho, em huma pompa vã, em huma supposta intrepidez. Disto he testemunha o furor dos duéllos, e de outros excessos a que huma sombra de honra conduz os homens; e que será se tu viveres entre gente perversa, para quem a maldade he gloria, e hum honesto procedimento vergonha? Eis-aqui huma coisa bem cheia de perigos! Mas seja embora a

idéa da honra sábia, e verdadeira; mas não he para todos, nem para todos os lances, ou recontros, nem para todo o homem; não he para todos, porque e em todos os estados ha almas baixas mais sensiveis ao interesse, que á honra; mas nem em todo o caso as mesmas almas nobres são igualmenre sensiveis á honra. A honra he hum diamente, que fóra da luz pouco, ou nada brilha, e que recebe da opinião a maior parte do seu valor. Ora de que serve em huma noite escura? Que preço tem onde não haja quem o estime? Muitos amão a fama, e poucos receião a consciencia. Muito peor, se em conflicto com a honra vier huma paixão ardentissima, e atiçada de huma violenta solicitação. Duvido muito, que o respeito humano tenha poder sufficiente para a extinguir; que tanta força perde, quanta adquire a universal impudencia. E faltão acaso illustres exemplos da mais descarada perversidade? Não devo passar em silencio que a honra como potentissima exercita a sua authoridade sobre o homem exterior, e quasi nada mais, assim como se diz da politica humana. Quem dará pois Leis aos pensamentos, aos affectos, e aos dezejos? Poderá

acontecer que o homem mais honrado do Mundo seja hum bello sepulcro dealbado, e queira o Ceo, que com o andar do tempo delle não transpire a podridão, e a pestilencia! Logo muito escasso, e debil reparo he para a malicia a honra mundana. — Mas a sublime Filosofia tem engrandecido, e reforçado este reparo, ou este escudo. — Assim he. Chegámos, ó *Illuminados*, ao cúmulo da extravagancia: aviltar o homem ao ultimo ponto, e depois clamar — Honra, e honra; como se do profundo do aviltamento devessem surgir os mais honrados sentimentos! Que hum Socrates, hum Platão accendessem, e avivassem no homem os estimulos de honra, isso entendo eu. Sua Filosofia se encaminhava a espiritualizar o homem, ou differençallo dos brutos, e assimilhallo a Deos; que alteza de sentimentos não he precisa para estas idéas? E qual he, ó *Illuminados*, o nobilissimo assumpto da vossa Filosofia? Apartar com toda a ancia, e afinco o homem de Deos, e materializallo, se posso assim explicar-me, até lhe negar o livre arbitrio, e deprimir debaixo do imperio do apetite, como cega, e allucinada, a sua razão,

escarnecer como vás as suas mais sublimes idéas, e quando está reduzido á classe dos brutos, e ainda menos que hum quadrupede, então dizer-lhe: — Eia pois, ó homem, levanta até ás regiões da honra os teus pensamentos, seja a honra a tua guia, e teu conforto nas mais arduas emprezas. — Escutou-se nunca coisa mais ridicula? Estou vendo que com o estimulo da honra tambem se mova o boi á obras da agricultura!

Mas se para vós he obtuzo o estimulo da honra, será mais agudo, e pungente o estimulo da Humanidade. E com effeito nenhuma coisa fazeis soar mais altamente que este dulcissimo nome. Humanidade em público, Humanidade em particular, Humanidade em proza, Humanidade em verso, Humanidade nos Livros escritos, Hunidade nos discursos familiares; qualquer affecto, qualquer projecto, qualquer movimento respira humanidade. Seja Deos louvado! Zeno, Platão, Socrates, Cleantes, Aristoteles muito honrárão a Humanidade, e a antepozerão a todas as coisas terrenas, e sensiveis; mas neste ponto podem parecer mudos a vosso respeito. Deve ser pois esta Humani-

dade, segundo vós dizeis, huma coisa grande, e extraordinaria. Mas quem o acreditaria! Todo este apparato vem a acabar no parto ridiculo da montanha! A Humanidade corresponde ao ser de homem, e que he o homem segundo a vossa Filosofia? Já o ouvimos muitas vezes; o homem he todo materia como os brutos, e as plantas; porém materia hum pouco mais fina, mas assim mesmo simples materia. E a Razão? Tambem a Razão he para vós huma propriedade da materia, como o instincto, ou apetite do bruto; e ainda pondes em duvida se o apetite seja inferior á razão; e o recommendar tanto o homem ao homem, he o mesmo que recommendar hum bruto a outro bruto, porque v. g. homem, e boi são irmãos; hum, animal de quatro pés, outro de dois. Oh que bella Humanidade! Humanidade funndada, não sobre a dignidade da natureza humana, mas sobre a unica similhança que ha entre homem, e homem, similhança que se acha igualmente entre bruto, e bruto da mesma especie; e não apparece huma razão porque se deva ter maior caridade, e respeito entre homem, e homem, que entre lobo, e lobo, leão,

e leão. E esta he finalmente a tão preconisada humanidade?

Daqui se collige qual seja, ó *Illuminados*, a vossa virtude. Vós fallais a cada instante da honestidade, da probidade, da justiça, da beneficencia com fórmulas as mais sublimes. Mas nós temos já aprendido, á nossa custa, quanto valhão as vossas palavras. E na verdade, se alguem vos perguntasse em que consista a vossa virtude, donde venha, sobre que bases se funde, quem lhe dê norma, quem lhe dê preço, estima, e authoridade, vós sentirieis grande embaraço em lhe dar huma resposta clara, e decisiva. Que poderieis dizer que seja sólido querendo proceder coherentes? Que coisa póde ser a virtude conforme vossos principios? Segundo os Estoicos era a virtude huma estreitissima conveniencia de coisas. Julgavão-se por isto Principes da Terra, pequenos Deoses, parecendo-lhes divina a sua origem, divina a sua mente, divina a sua razão. Suppostas taes idéas, ou verdadeiras, ou falsas, porque se não trata agora disto, devião obrar como Principes, e como Deoses, não pensando em se degradar a si mesmos, preferindo o corpo ao entendi-

mento, e o deleite dos sentidos aos dictames da razão; tanta dignidade requeria hum grandissimo decóro, e neste decóro consistia a sua virtude.

Huma virtude que se funda sómente sobre a natureza humana, ainda que se queira deificar, he realmente huma virtude humana, que em si não tem mais que a humana authoridade, tão incerta, e tão voluvel como a vontade humana de quem depende, se acaso se não refere a outra Divindade superior que a torne mais authorizada para com o homem. Tanto basta. A virtude não he bastantemente sólida, nem veneranda na Terra, se não levanta a frente até aos Ceos. Parece que os mesmos Estoicos sentírão isto, porque, não contentes da sua razão, ainda que divinisada, recorrêrão á Razão Suprema, isto he, ao Supremo Ser, como primeiro principio e exemplar de todas as virtudes a que os menores Numes se devião conformar; e era maxima principal entre aquelles Filosofos, seguir sempre a Deos: *Sequi Deum.* Entre os mais authorisados Estoicos, o Ser Supremo, não só era fonte, e exemplar de todas as virtudes, mas espectador,

approvador, e cooperador. Quanta authoridade, e preço vem com isto á Virtude!

Mas tudo isto ainda não basta, nem para estimulo, nem para freio efficacissimo dos corações humanos, requer-se mais alguma coisa que interésse mais o amor de nós mesmos, e da nossa felicidade. Isto foi bem conhecido de Socrates, e Platão, e por isto tinha avaliado muito melhor o homem, e a virtude reconhecendo hum Ente Supremo, não sómente cooperador, e approvador, mas legislador, e remunerador, e de tal arte remunerador, que delle só devesse emanar nossa felicidade, ou miseria. Estes forão com effeito Filosofos! Zeno, com os seus Estoicos, fingio o homem a seu capricho e sabor. Socrates, e Platão conhecêrão o homem como na realidade era; aquelle fez a sua virtude mais altiva, estes a fizerão incomparavelmente mais sólida, e mais proporcionada á natureza do homem. E para dizer a verdade, a Providencia Divina he não só o maximo, mas o sólido, e unico sustentáculo da virtude, digo, a Divina Providencia remuneradora; de maneira que, onde não houver Religião que admitta a Provi-

dencia, não póde haver verdadeira virtude. E sabeis vós, meus Senhores, quem assim julga, e quem assim decide? He hum Filosofo, que vos não deve parecer suspeito, e que nesta causa póde valer por muitos, hum Filosofo sincero, e franco, que confessa sobre esta materia seus antigos erros, e se desdiz, e retracta publicamente; este Filosofo he o tão celebrado João Jasques, o qual, na sua melhor obra, inserida no setimo vol. da Encyclopedia, em o artigo — *Genebra*, tem esta memoravel nota: — *Já não he este o meu sentimento, já não entendo como sem Religião se possa ser virtuoso; fui por muito tempo desta falsa, e enganadora opinião, mas de que estou inteiramente desenganado.* — Que dizeis a isto? Sem Religião não se póde ter, nem póde haver sólida, e verdadeira virtude. Huma, e outra coisa tinha já observado o perspicaz, e sapientissimo Marco Tullio, quando disse, que, tirada a Divina Providencia, estava abolida a Religião, e a piedade, e que tiradas estas, tambem ficavão proscriptas da Terra a probidade, e a justiça, e consequentemente destruida, e abolida a sociedade humana. Mais claramente, Platão, em o

Diálogo intitulado *Gorgias*, depois de ter com solidos argumentos estabelecido a providencia remuneradora da virtude, e vingadora do vicio, conclue que esta persuasão he indispensavel a todos os que quizerem viver felizes, e bem aventurados.

Torno de novo a vós, e com maior força, ó *Illuminados*, e vos pergunto, que coisa seja a vossa Virtude? Para vós, não ha providencia, não ha remuneração, não ha lei, não ha approvação, não ha exemplo; e como vos poderia servir de exemplo hum Deos effectivamente ocioso, se não fosse como exemplar de huma bemaventurada ocicsidade? Não ha cá na Terra, segundo vossos principios, nem superioridade de natureza, nem dignidade de razão, e consequentemente nem conveniencia de coisas, nem decóro. Que coisa he pois vossa virtude? Huma sombra, hum fntasma, hum castello no ár, ou mais depréssa, segundo vossas idéas, hum méro instincto, qual he o que leva o lobo após o gado, e o gado após a relva. Oh! nobre virtude! Oh! preclara humanidade! Oh! honra excelsa! Oh! grandes motivos filósoficos, desmentidos, abattdos, e anniquilados pe-

los principios da vossa mesma Filosofia ! !

Eu não exclamarei mais com Marco Tullio : — Que tem em si esta Filosofia agradavel ou glorioso ? Direi pelo contrario, tudo tem funesto, e opprobrioso ! Ah ! acabem-se já tantos prestigios ! Caia o véo que por quasi hum seculo tem envolvido a culta Europa, e os homens todos em tantas desgraças ! Fóra da Religião, não ha honra, não ha humanidade, não ha virtude ; e quem he inimigo da Religião, he inimigo da honra, inimigo da virtude, e por consequencia inimigo da commum felicidade. Não sei que me possão replicar os *Illuminados*, salvo se quizerem recorrer á sua privativa, e particular felicidade ; com esta felicidade podem embair os incautos, e por isto julgo necessario expendella, e examinalla.

CAPITULO IX.

Sobre a felicidade promettida pelo Illuminismo.

EPICURO, como todos sabem, constituio a humana bemaventurança no prazer, e no maior prazer que se podesse gozar na Terra; proposição que, apenas foi ouvida, se tornou o objecto da contradição, e a pedra do escandalo da Academia, Portico, e Lyceo; toda a Filosofia se amotinou; assombrou-se a mesma virtude, porque sendo filha do trabalho, e da dôr, que lugar poderia ter no Imperio do prazer? Mas nisto ha engano, exclama Epicuro, enorme, e funestissimo engano! O maior prazer não se póde alcançar, senão por meio da virtude, e que maior honra, e que maior esteio póde ter a virtude, que ser a fonte da Bemaventurança? Mas tudo isto são boas e méras palavras, que apenas tôão aos simpleces! « Não, dizia Marco Tullio, na escóla de Epicuro eu nunca ou-

vi nomear nem hum Lycurgo, nem hum Solon, nem hum Milciades, nem hum Themistocles, nem hum Epaminondas, finalmente nenhuma daquellas personagens que nascêrão para honra, e beneficio do genero humano. » O nome de Epicuro era huma especie de mancha de que fugião aquelles que aspiravão á gloria: os mesmos Epicureos se envergonhavão de o parecer. Erão Epicureos dentro das paredes domesticas, mas não apparecião taes no Foro, e na Curia: erão mui poucos os que fazião pública profissão de Epicurismo. Tristissimo agouro de huma doutrina, que envergonhava seus sequazes, e delles a recebia! Com tudo, façamos justiça á verdade, e elucidemos a fundo huma questão ainda debatida, porque não está bem conhecida. Alguns prematuramente se alvoraçárão ao nome de prazer. Que o prazer seja inseparavel da bemaventurança he coisa que não admitte controversia; porque não se póde conceber bemaventurança sem contentamento, e como póde haver contentamento sem prazer, e sem o maior prazer que se dezeja? Isto não he possivel, se acaso se não muda de natureza. Nem Pythagoras, nem Socrates,

podérão pensar de outra sorte. O mesmo Zeno, o grave, e sevéro Zeno, quando constituio a bemaventurança no exercicio da virtude, elle o fez, porque lhe pareceo que a virtude era o objecto mais azado para tornar alegre, e satisfeito o coração. Que direi agora, ó *Illuminados*, do verdadeiramente Santo, e rígido Christianismo? Não ha delicia, não ha alegria, que elle não prometta: e se quer que tudo se refira á gloria do Soberano Artifice, quer outro sim se espere a plenitude da bemavenrurança. E o mais excellente amor para com Deos diminue acaso, ou enfraquece o prazer beatifico? Elle o augmenta com suas ardentissimas, e doces chammas. Não he simplesmente por causa do prazer que se querella de Epicuro. Quer prazer o Academico, o Estoico, o Christão; tudo o que for homem quer prazer; e se houvesse algum que não quizesse ser bemaventurado, ou que quizesse tornar-se tal sem o prazer de o ser, quereria ao mesmo tempo ser, e não ser homem. Se Epicuro não he reprehensivel por haver buscado o prazer, como o não he por haver buscado a bemaventurança indivisivel do prazer, será acaso reprehen-

sivel, por haver collocado o maior prazer na virtude? He por isto digno de muito louvor, como homem que desmentio certos atractivos do vicio, e expoz em muito maior luz certas ventagens de virtude. Grande dádiva foi esta, e Seneca tambem a observou com profundo sentimento de assombro; grande dávida da Divina Providencia, que as coisas honestas fossem as mais ventajosas! *Ut honesta magis juvarent.* Verdade comprovada pela quotidiana experiencia. Sim, de ordinario o vicio he o verme funesto, que róe os animos, e consome as mais florescentes fortunas, e a virtude he a que dá a interna paz, o vigor; dá o crédito, e o poder externo, conserva e augmenta, tanto a particular como a pública felicidade, e quanto mais illustrar o sabio os bens da virtude, e os males do vicio, tanto mais benemerito da nossa humanidade deve ser reputado. E se isto he assim, porque ha de ser digno de vituperio Epicuro? O Francez Cochet, na sua Filosofia moral, não só o absolve da culpa, mas o louva fundado no testemunho de Seneca, e de Diogenes Laersio, effirmando: « Que o prazer, proposto por Epicuro como fim, he o

prazer que nasce da saude corporal, conservada com a sobreidade, e temperança, e o prazer que nasce da tranquillidade do espirito, adquirido com o exercicio da virtude. » Assim ajuizárão de Epicuro outros homens famosos; mas em quanto à mim muito benignamente a respeito de hum homem que tão mal pensou de Deos, e dos homens. Se se considera só pela superficie a doutrina Epicurea, bem conheço como qualquer se possa enganar com tão lisongeiras apparencias: mas se se penetra seu âmago, ai de mim! Quem se não sentirá tocado de hum secreto horror, ou ao menos assaltado de vehementissimas suspeitas! Se Epicuro houvera mantido illeso o preço da virtude, ou tivesse circunscripto seu prazer com maior cautella, talvez que passasse izento de culpa: mas degradar, e abater profundamente aquella virtude, que elle quer tornar summamente appetecivel, recommendar hum prazer que está tão proximo do vicio, são duas enormes faltas, e por todos os lados inexcusaveis, e eu peço aos *Illuminados* que as vão comigo dignamente ponderando.

Digo em primeiro lugar, degra-

dar a virtude. Não vos deveis esquecer daquelles dois principios tão fataes á virtude: Divindade imprόvida, e homem meterial, e brutal. Suppostos estes dois principios, que valor resta, ou quo atractivo, á virtude? Se ella he tão doce, tão amavel, tão veneranda, he porque se reputa optima em si, e origem, ou principio de grandes bens; porque se julga huma coisa celeste, e divina a pár de quem não tem preço o oiro, e os diamantes, sendo por isto summa perfeição do homem, e o seu principal ornamento. Tem sua origem em Deos, he querida por Deos, approvada por Deos, torna o homem acceito, e similhante a Deos: só ella tem o valor perante aquelle soberano Arbitro de todas as coisas; abre ao homem o caminho para o Ceo, e a estrada para a suprema bemaventurança. A' vista de tão altas prerogativas, não nos devemos admirar que Platão exclamasse: «Oh virtude! quanto amor em nós accenderia tua formosura, se toda te descobrisses a nossos olhos!!» Mas se ella se não vê, sente-se ao menos em seus fructos dulcissimos, que são a complacencia, a paz, e a alegria, e a esperança de huma sorte inex-

timavel, com que o Grão Cyro, e hum e outro Catão, sem medida se consolavão. Mas tirada ao homem, como faz Epicuro, a sua dignidade, e a Deos a sua Providencia, todos estes effeitos, e prerogativas rarissimas se desvanecem: não fica a virtude amavel, e preciosa em si mesma, nem se torna appetecivel em razão de seu merito, nem pela esperança de seus premios. A que se reduzem pois todos os titulos de dezejar a virtude? A' unica qualidade de instrumento, e meio de se procurar algum prazer. O prazer he o seu fim, e o seu motivo, e só por isto se busca, e se abraça a virtude, e por isto não he propriamente a virtude que se ama, mas o prazer que della provêm; de maneira que, se Epicuro, segundo seus principios, quizesse fallar sinceramente, devia dizer: « Eu quero passar aqui a vida mais agradavel que sei, e posso, e por isso, eu abraço, eu sigo a doce virtude, que só me póde dar esta agradavel satisfação, nem a sigo por nenhum preço que nella descubra, mas só pelo dote que tem dos prazeres que comsigo traz. » Grande honra faz este homem á virtude! A honra que Apicio fazia ao Cozinheiro

que lhe soubesse preparar mais saborosos manjares!!

Observa-se entre Epicuro, e Zeno huma differença: ambos querem a virtude como sua bemaventurança; mas Zeno a quer por si mesma, como propria para encher de beatitude com sua dignidade hum homem que seja homem, núa ou despida de todos os outros bens. Epicuro, pelo contrario, não descobre na virtude dignidade alguma, e sómente a quer pela habilidade que nella descobre de o deleitar. He muito altivo o primeiro, fazendo da virtude humana huma Divindade capaz de o beatificar, he muito sensual o segundo, porque da mais nobre coisa que ha no Mundo, formou huma vilissima escrava. He bem pouco formosa a imagem da virtude Epicurea que o sabio Cleantes desenhou em sua celebre taboa; Cicero a retocou no segundo Livro dos Fins; e Santo Agostinho com mão de mestre a pintou de todo em o Livro quinto da Cidade de Deos:

« Dentro de magnifica sala se levanta hum rico throno, mas não para a virtude. Ahi está sentada a voluptuosidade, não com magestade de Rainha, mas de Deosa. Todas as Virtudes lhe

assistem em torno, de aspecto formoso; ainda com hum ár servil, promptas aos acênos de sua delicada Soberana. A Prudencia indagando qual seja o deleite mais doce, e mais permanente, e quaes os modos, quaes sejão os meios mais proprios para o conseguir. A Justiça prompta a dar a cada hum o seu direito, para que se removão pleitos que possão trazer comsigo ou infamia; ou inquietação. A Fortaleza para afrontar o temor, vencer os dissabores, para que se não reforcem, e augmentem. A Temperança para refrear a gula, ou qualquer cego appetite para que a saude se não altere com algum excesso, ou se perturbe o repouso, ou se embóte e perca o sentimento do prazer: grande damno, e grande québra em o Reino de Voluptuosidade!„ O' virtudes! O'! nobilissimas virtudes, vós fostes tiradas dos Ceos por Epicuro, e por elle forçadas aos mais vís empregos da Terra!

Que digo eu Virtudes! se quizer fallar com mais propriedade, no juizo de Epicuro, não tem mais que o sentimento de virtudes em o simples nome, nem outra coisa são na verdade mais do que huma sagacidade, ou de-

senvoltura, em buscar e escolher o que mais póde contribuir para o deleite. E he esta a virtude que os *Illuminados* recommendão, e defendem? Fosse ao menos esta huma virtude segura: mas nem sempre a voluptuosidade se apraz, e contenta de seus serviços. E não poderá haver caso em que o vicio se torne mais agradavel que a virtude? Sobré este objecto eu devo fazer hum exame desapaixonado, e ácre sobre a indole do prazer de Epicuro. O proprio nome de prazer, se se não determinar bem, he por si mesmo hum pouco suspeito, e Platão, com os maiores sabios da Antiguidade, não duvída chamar ao prazer (genericamente) o maior vicio da maldade. E quanto mais suspeito se torna este nome na boca de Epicuro! Porque já vimos que não póde ser o prazer da virtude por si mesma, porque o mesmo Epicuro escarnecia por isto os Estoicos, e tratava a sua opinião como hum engano, e vaidade. Nem tambem se póde entender o prazer da virtude, que se deriva da approvação, e remuneração de Deos; porque Epicuro não reconhecia outra Providencia mais, que a Providencia humana. Qual he pois o seu prazer?

Nenhum outro mais que o que se póde gozar nesta vida terrena, porque Epicuro não admittia outra. Aqui começa a sua extravagancia. Pois não ha outro prazer mais que o terrestre? A virtude já começa tambem a vacillar! Declare ao menos Epicuro, quaes sejão os prazeres que lhe agradem, e quaes os que lhe desegradem. Porque quem ignora que entre os prazeres da terra, huns são bons, outros são pessimos? Era precisa huma distincção exactissima entre prazeres, e prazeres, porque nada ha mais perigoso que recommendar geralmente hum nome que em si mistura, e confunde coisas tão contrarias.

Accrescentemos a isto: prazer dos sentidos. Disto me não deixa duvidar Epicuro. O simples nome de prazer me diz hum não sei que, que tóca, e deleita os sentidos: assim o entendem communmente os homens. Epicuro tinha por maxima fundamental, que só os sentidos são verdadeiros, que só os sentidos são justos estimadores, e juizes das coisas; logo, tambem o são do prazer. E qual he a razão com que se escuda Epicuro para constituir no prazer a bemaventurança? Acaso será

porque o prazer he o primeiro appetite da Natureza! Elle o prova com os primeiros movimentos dos meninos, e dos brutos. E isso a que tendem maquinalmente os meninos, e os brutos he outra coisa, que não seja o prazer dos sentidos? Além disto huma substancia inteiramente material qual suppõe Epicuro a alma do homem, não se póde julgar capaz de outro prazer, que não seja material, e sensivel. Que necessidade tenho eu de razões, se o mesmo Epicuro expecifica seus nobilissimos prazeres, musicas, perfumes, banquetes, viandas opiperas, bebidas escolhidas.... Não he preciso mais, exclama o sabio Cicero, que a querer nomear outras coisas seria preciso pedir perdão aos ouvidos honestos. Sempre me desafiou o riso certo moderno, que nega tudo isto, e pretende contradizello sem os documentos authenticos, de que por certo Marco Tullio estava bem provído. Não se diga, que de outra parte a honestidade proposta por Epicuro desmente as insinuadas torpezas, porque eu posso converter a proposição, e dizer que estas torpezas desmentem a insinuada honestidade. Só se me quizerem dizer, que Epicuro

era homem bilingue, e que assim como fallou da Religião, ora como Diagoras, ora como Numa, tambem fallára do prazer, ora como Diogenes Cynico, ora como o frugal Pisão. Porém não são precisas estas turpitudes para condemnar Epicuro: limitando-nos ao unico prazer dos sentidos: constituir nelles a bemaventurança humana, e confortar com isto os homens já muito proclives aos sentidos, e a engolfar-se nos prazeres dos sentidos, he coisa digna de hum Filosofo sensato? Socrates por certo julgava que não havia coisa mais contraria á perfeição do homem, como não póde haver coisa mais contraria ao uso da razão. E que póde fazer a razão, se não se levanta sobre os sentidos? O mesmo Socrates tão contrario, tão opposto a Epicuro, nada recommenda tanto, como o separar-se do poder dos sentidos, e levantar-se sobre todas as coisas corporaes, para deixar á razão mais livres seus levantados vôos. Sem isto que póde ser, não direi o grande homem, mas o homem?

Se com isto se não embaraça Epicuro, que responderá elle áquelle antigo sabio Architas Tarentino, o qual

com grande enfase declara não sómente, que o prazer do corpo he o maior inimigo do entendimento, que he a nossa melhor parte; mas que absolutamente não póde existir a virtude no imperio do prazer, e que não ha peste mais capital para os homens, porque não ha maldade a que o amor do prazer se não abalance? Estes sentimentos respirão ainda mais, e em muito mais viva luz no admiravel Livro de Marco Tullio, que se intitula *Da Velhice*; sentimentos, a quem Santo Agostinho dá nova força, e extensão, mostrando solidamente que de abraçar, e seguir os prazeres sensuaes provêm a Idolatria, e a perversidade, que he inseparavel companheira da Idolatria. E pru vera a Deos que esta verda e não fosse tão confirmada com os factos! De que se livra pois Epicuro em nos não prohibir expressamente o mal, se para elle nos conduz tacitamente com o excitamento do prazer dos sentidos que recommenda? Busquemos medir com maior escrupulo as nossas palavras: Epicuro não nos conduz ao mal, leva-nos sómente áquillo que nos apraz, e nos deleita. Se te apraz a sobriedade, a pudicicia, a temperança, pódes ser so-

brio, pudíco, e temperante. Epicuro em lugar de te arredar deste caminho a elle te eleva, ou nelle te deixa. Mas se te agradasse, ou deleitasse, a glotoneria, e a impudicicia? Dizem os *Illuminados*, que Epicuro se oppõe a isto: e eu digo, que Epicuro, ou he hum grande impostor, ou hum miseravel, e simples, ou estupido. Supponde que vos convidava alguem a huma meza lauta, e cheia de exquisitas iguarias, e que vos dissesse: « Eia pois, tomai, e comei de tudo o que quizerdes, e mais vos agradar; » e que em quanto os convidados lanção mão ora de hum prato, ora de outro, o que vos convidou vos dissera com hum tom magistral: de vagar, esta comida he pouco picante, aquella tem hum sabor desgostoso, estoutra vos causará hum amargo de boca daqui a tres horas; o melhor prato, e o unico que eu vos consinto, e de que permitto que comais he aquelle de mal temperadas, ou adubadas hervas. » Mestre ridiculo, exclamarião até as mesmas mezas, para que me excitas á gula com tanta variedade, e cópia de manjares, para me deixares no fim em jejum? Quem te constituio Juiz, e cálculadôr dos gostos alheios? Que-

res disputar delles contra o proverbio? He acaso todo o paladar apto para todo o sabor?

Esta he pontualmente a grande bondade do grande sabio Epicuro, dizer em primeiro lugar que todo o homem siga o seu prazer, e depois dizer-lhe, que o maior prazer consiste na virtude. O primeiro Dogma de hir após o seu prazer terá muitos sequazes; mas quem abraçará o segundo que lhe manda comprazer-se da virtude sobre todas as coisas? Se a Abelha se deleita nas flores, o Escaravelho na immundice, quer acaso Epicuro que o seu paladar seja a regra, e a norma de todos os paladares? Faça primeiro que todos sintão maior prazer nas hervas que he o seu manjar predilecto, e todos de bom grado se sustentarão de Hortaliça. E será verdade que o maior prazer sensivel consista na virtude? Não o entendêrão assim alguns Filosofos; e segundo a universal opinião, caminha-se, ou sóbe-se ao Palacio ou Templo da Virtude por ágras, e ingremes varédas, e o plano, e flórido caminho do prazer he o que vai terminar no vicio. E com effeito não poderá o homem abraçar o vicio sem se deixar arrastrar do

atractivo do prazer. E póde Epicuro propôr como incentivo da virtude, o que he quasi sempre estimulo do vicio? A mesma virtude, a mais Socrativa, se torna muitas vezes tão pouco agradavel, que se requer hum coração de tempera adamantina para a poder abraçar. Bem o conhece quem se resolve á próva, e á experiencia. Ora que fará huma virtude tão miseravel como a Epicurea, cujo valor consiste em promover prazeres? Constitua-se o mesmo Epicuro no caso de Régulo, e diga-se-lhe, se acaso seja maior prazer sensivel ser martyrisado em Carthago, guardando a fé que tinha jurado, ou, violando-a, banquetear-se em Roma com os seus amigos. Em summa, quando o Lobo for hum seguro guardador dos Cordeiros, então o prazer sensivel será hum bom guarda da virtude. — Ao menos, dizem os *Illuminados*, o amor do prazer he innocente, porque que mal te faz hum daquelles que se costumárão chamar em França *bons viventes*? Se elle góza, nenhum mal te faz: he propriedade do prazer amollecer os animos, e inclinallos mais a communicar suas doçuras, que a perturbar as dos outros. Quem se queixou jámais do bom

Anacreonte, e do bom Horacio? Ambos forão huns bons Epicureos, hum o amor de Teios, outro as delicias de Roma. E Epicuro não era estimado da culta, e populosa Athenas? —

Respondo: que nunca foi intenção minha constituir réo qualquer prazer sensivel. Platão em o Diálogo *Filebo* numéra prazeres, que não são contrarios á virtude, e muitos que são consequencias, e effeitos da virtude. Mas se nem todo o prazer he nocivo, segue-se que todos os prazeres sejão innocentes? Alguns homens ha, que quando se lhes falla de prazer, nenhuma outra coisa sabem imaginar mais que comer, beber, dormir, jogar, dançar, coroar-se de rosas, etc. e que mal, dizem elles, que mal faz ao Mundo quem isto faz? Porém que bem faz elle, senão faz mais do que isso? Mas não fallemos de innocencia moral que muito mal se compadece com os principios de Epicuro: fallemos da innocencia fysica, e digamos, que o voluptuoso faz pelo menos o mal que faz a Abelha espuria, ou o Zangão que devora os trabalhos alheios, puro aggravo, e manifesta deshonra das colmêas. De que utilidade serve ao público hum homem

deste caracter ? Servirá para o governo? Nem a si mesmo se sabe governar. Será util nas artes ? Elle aborrece o trabalho. Nas armas ? Mas não he esta, dirá o mesmo voluptuoso Horacio, não he esta a gente que se bate com os Pyrrhos, e com os Antiocos, nem que esteja disposta a tingir de sangue o mar Africano. São estes os soldados, e estes os Capitães que nascêrão para despovoar Imperios, e para destruir Monarquias. Perguntai-o a Babylonia, a Menfis, e a Roma; depois que o vosso innocentissimo prazer começou a enervar aquelles peitos e animos Marciaes. Se he tanta a innocencia do prazer para que se grita contra Páris, e Sardanapálo? Nenhum mal fizerão pois, nem os Gabinios, nem as Cleópatras, nem as Popéas! Empenhárão-se em dar o maior prazer ao Mundo. Ah! Huma unica inconsideração, hum só momento de somno sobre as redeas do governo, quantas vezes tem sido fataes aos Póvos? Eis aqui huma innocencia, peor que todas as maldades!

E quem nos disse que o amor do prazer seja de huma indole doce, suavissima? Oh! Como os homens são

propensos a parar sobre a superficie das coisas! Aquelle ligeiro fogo que rompe, serpéa por hum ár quieto, se he apertado, e violentado por huma espessa nuvem, como tôa, e como fulmina! He o amor do prazer hum furioso, e brutal Tyranno. Mais que o tigre com outro Tigre, o homem se bate com o homem, se ensanguenta, e se despedaça. Aquelle mesmo Amor; tão pequenino tão meigo, e tão imbelle, a quem, como se não bastasse o seu carcaz, tantos Prozadores, e Poetas mais inflammão, e accendem, que males não tem causado no Mundo? Coisa horrivel! Só na Corte do Egypto, a Historia nos representa pais, mãis, filhos, irmãos, mulheres, maridos, envenenados, trahidos, assassinados huns pelos outros.

Calumnia, gritão os *Illuminados*, he manifesta calumnia, que Epicuro não quizesse outro prazer mais que o sensivel. Fallão seus escritos do saber, do crédito, da gloria, fallão da piedade, da justiça, da temperança, em summa, da sapiencia, que em linguagem filosofica comprehende todas as virtudes. Assim he respondo eu. taes são as palavras de Epicuro; porém pe-

lo que pertence á sua virtude, e sapiencia, vós bem vedes quanto seja desprovida de todo o preço reduzindo-se unicamente ao *saber viver*. E a sapiencia, e sciencia, e a reputação, e a gloria não são coisas insensiveis, e incorporeas? E como póde o homem deleitar-se com estas coisas, o homem digo, que, segundo a doutrina de Epicuro, nada mais he que sentidos, e corpo? Concordai, e ajustai primeiramente Epicuro com Epicuro, e depois condemnai-me de Calumnia; ensinai-me como huma substancia que he toda materia, como suppondes o homem, possa comprazer-se de huma coisa privada de materia como he a sapiencia, ou ensinai-me que a mesma sapiencia he materia, e compativel com a material substancia. E se acaso se deve conceder a Epicuro o direito de ser contradictorio comsigo mesmo, e ao homem material a capacidade de se poder deleitar, e comprazer de coisas immateriaes; então como póde ao prazer mais nobre levantar-se o homem, ás acções mais bellas, e mais ventajosas ao público? E não vé Epicuro, que com isto mesmo se abre huma larga estrada a immensos males, e desordens? O prazer de enri-

quecer, e opulentar-se, o prazer de representar a primeira figura, o prazer de formar hum numeroso partido, o prazer de dominar sobre seus iguaes, e de ordenar as coisas a seu arbitrio, de ser celebrado em todo o Mundo será sempre hum prazer util, ou ao menos innocente? Chamo a testemunhas toda a Terra, e todas as idades passadas. Deixo as fraudes, as perfidias, as traições. Comtudo, dizei-me, não subio por estes caminhos desde as servís cadeias ao throno de Macedonia o perfidissimo Archeláo filho de Predícas! Que me dizeis das pessoas de mais excelso coração? Dos Grachos, dos Syllas, dos Antonios, e de outros que taes? Que flagello não foi para toda a Asia hum unico Alexandre, não menos grande, por valor, que por ambição? Teria sido o flagello do Mundo inteiro, se a morte o não tivera cortado em flor! Que direi do assolador universal, que em nossos dias vimos tão espantosamente subir como vilmente acabar! Não nos lembremos mais deste mentecapto!! Eu quereria ver Epicuro de volta com Alexandre para o desviar de seu cruel attentado. Eis o joven Principe nas margens do Hel-

lesponto á frente de seu poderoso exercito, todo ardendo em amor de Imperio, e de gloria. Que lhe dirá Epicuro, que o maior, e mais glorioso Imperio he mandar se a si mesmo? — Não, lhe dirá Alexandre, eu quero antes commandar os outros. — Dir-lhe-ha, que aquella gloria he vã? — E como póde ser vã, se ella he o meu maior prazer, e a minha unica bemaventurança? — Mas com quantos estragos, se deve conseguir esta gloria? — E que mal póde haver, replicará Alexandre, em destruir alguns milhões de formigas, para eu me fazer bemaventurado? Que differença ha entre formigas, e homens? Materia — B, Materia C, para Epicuro, e para os seus *Illuminados*, tudo he materia. Oppor-se hião a Alexandre os nomes venerandos de caridade, de equidade, de justiça? Nomes vãos, replicára o Heróe. Tu me ensinas que a virtude não he mais que saber-se procurar a bemaventurança, e que a minha bemaventurança não he mais que o meu prazer na Terra; ora, o meu maior prazer na terra he a dominação, e quem o póde saber melhor do que eu, que o sinto? Tudo quanto me conduzir á dominação será para

mim virtude, e por consequencia, virtude arruinar, e contrastar a minha dominação, ainda que devesse arrancar de seus eixos o Universo — Que tem depois disto Epicuro que replicar? Julgo que elle não poderá aqui allegar a authoridade dos seus Deoses ociosos, que se não embaração com as coisas humanas. Nada mais resta que desenganar aquelle Monarca, e reduzillo ao calculo — Ah! Principe inconsiderado, que fazes? Tu deixas o que he sólido, e real, e segues huma sombra. Por huma gota de prazer perdes hum mar? Tens no teu Palacio exquisitas tapeçarias, e brandas plumas, tens festas, tens danças, tens jogos, tens divertimentos de todas as maneiras, e se te pungem o peito mais altos desejos, pódes em paz gozar dos applausos, e do amor de teus vassallos. Ora, calculando tu bem, parece-te que deves antepôr a estes prazeres o louco fantasma de hum dominio universal? A taes palavras Alexandre (se eu o conheço bem) por certo diria a Epicuro, e com franzido sobrolho, vai cuidar na tua frugal cosinha e canta essas canções a teus escolares; isso que seria para ti huma bemaventurança, seria para mim injco insuppor-

tavel, e tudo isto que te espanta, e atemoriza, he o mesmo que me inunda de hum deleite inexplicavel. Siga cada hum seu genio, tu nos teus jardins calcula os teus tranquillos ocios, eu passo á manhã o procelloso Egêo para dar hum novo Senhor ao Universo. — Eis-aqui como o prazer de Epicuro, segundo os mesmos principios, ora he ocioso, ora activo, ora pacifico, ora guerreiro, ora innocente, e benefico, e as mais das vezes nocivo, e ruinoso. Em summa, o grande segredo consiste em não haver obstaculo ao vicio, nem sustentaculo para a virtude; com elle se favorece o appetite predominante, o qual de ordinario se encaminha ao peor; e querer que este seja hum bom calculador, he manifesta loucura, e he o mesmo que querer, que a cegueira seja prevista, e muito sábia a demencia.

Para confutação deste discurso se produzem os costumes Epicureos. — Para que he tanto motim contra o bom Epicuro, e contra a sua doutrina? Considerem-se os factos, olhe-se para as suas acções. Na faxada de seus jardins está escrita esta grave sentença: *Hospede, aqui viverás bem*; e a vida pacifica, e

innocente que aqui se passa corresponde mui bem a esta inscripção. E se tal he a vida, como póde ser prejudicial a doutrina? — Assim defendem os *Illuminados* a causa de Epicuro, e a sua. Logo, examine-se primeiro o facto, e depois a consequencia, e pois a presente disputa vai crescendo hum pouco mais do que eu julgava, repouse o Leitor hum pouco....

Sobre os costumes de Epicuro, eu vejo contradições estranhas. Ha quem faça este Filosofo mais do que homem, e ha quem o faça peor que hum bruto. Huns chamão a seus jardins receptaculo, ou domicilio da innocencia, outros cloáca de improbidade. Huns o exaltão, e accusão a malignidade dos Estoicos, que denegrírão, e macul rão a virtude mais pura, outros o vituperão, e accusão a astucia dos Epicureos que procurárão doirar a mais fina iniquidade. Factos de huma parte, factos de outra, razões pró, razões contra, e este pleito, acceso ha tantos seculos, ainda arde. Que sentença se póde proferir? A dizer a verdade, eu sempre aqui presumo alguma preoccupação; preoccupação em quem o louva, e exalta a sua boa doutrina; preoccupação em

quem o infama, e deduz seus máos costumes da sua má doutrina. Ambos estes argumentos são falliveis: da doutrina deve decidir o discurso, e dos costumes, a Historia. Eu fallo só dos costumes manifestos; porque, quem póde saber o que passa no coração do homem, e se executa nas trevas? Só Deos he Juiz da consciencia.

Ora, dos costumes de Epicuro, he muito verdade o que nos diz a Historia mais authorizada. Era homem de alto, e perspicaz engenho, moderado em seus desejos, regulado na vida, e tão laborioso, que escreveo mais que todos os Filosofos; justo, desinteressado, pacifico, desejoso do bem público, bom amigo, bom cidadáo, bom subdito, e cuja principal maxima era, appetecer hum bom soberano, e tolerar o máo: esquecer-se das injurias, ser paciente na dôr, intrepido contra a morte. Esta he a imagem que a Antiguidade nos conserva de Epicuro, não a devo desfigurar. Talvez o favorecessem muito seus discipulos, que o idolatravão: mas acaso he pequena recommendação do Mestre tão grande veneração em os discipulos? Vòs *Illuminados* se revêem no seu Epicuro, e na verdade, eu não sei se se-

rião tão devotos de seus dogmas, sendo obrigados a imitar seus exemplos. Mas nem por isso a tão claro, e *nascente Sol*, como lhe chama Laercio, faltárão suas manchas. Diximos o desprézo, que elle fez da Geometria, e das outras artes uteis, e bellas, o que nem por isso faz muita honra a seu bom gosto, e saber. Que dizeis daquella sua portentosa vaidade, e jactancia? Veja-se Cicero, Plutarco, Diogenes Laercio, ainda que este ultimo seja hum grande parcial de Epicuro. Coisa estranha! Aquelle que mais baixamente sentio, e fallou da natureza humana, mais altamente sentio, e fallou de si mesmo; e o que não ousou o sublime Pythagoras, o admiravel Socrates, e o divino Platão, com sua material autoridade, Epicuro se arrogou o titulo de sapiente! E que sabio! Tudo soube por si, e sem nenhum mestre! E se toda a sua sciencia fysica era, como já disse, invenção de Demócrito, a sua moral era invenção de Aristippo; e sobre esta materia quanto tinha já dito Socrates, e escrito Platão no mencionado Dialogo *Felibeo*? E o grão sabio Epicuro foi muito ingrato occultando as fontes com cujas agoas tinha rega-

do os seus jardins. Foi hum amador ternissimo dos partos do seu engenho, e desgraçado daquelle que era de contraria opinião! Fosse embora hum Aristoteles, Epicuro não acatava nenhum sabio, nenhum Filosofo, e vibrava, ou atirava ás cegas, ora motejos insipidos, ora vilanias plebéas; soffreria com mais sapiencia dez bofetadas, que huma só contradicção. Não quero aqui produzir de novo aquellas turpitudes sobre as quaes já acima estendi hum véo: isto são pequenas manchas de tão grande sabio, se acaso se não quizer dizer que elle com a sabedoria convertia em oiro tudo quanto tocava, e que á sombra da mesma sabedoria lhe era licito adornar-se de alheias plumas, ser vão, mordaz, e presumpçoso. E com effeito, os nossos *Illuminados*, pelo que pertence a altivez, e acerbidade, mostrão não querer ceder ao seu tão prezado mestre; he verdade que dão seus primeiros passos pelos precipicios da humildade, e se abatem ainda abaixo dos vermes; porém he preciso não os acreditar com tanta facilidade. Aristoteles nos adverte, que o muito levantar-se, assim como o muito abater-se, se deriva de hum mesmo principio de

arrogancia, que he hum manifesto indicio de singularidade. Mas findasse aqui todo o mal dos *Illuminados*, ou modernos Epicureos! Poder-se-hão soffrer em paz, ou licenciar-se, como fez Cicero, com alguma honra. Porém o velho Seneca se queixou, e doêo da maior parte dos discipulos de Epicuro, que com seus costumes deshonravão seu celebrado Mestre. Eu não saberei dizer dos *Illuminados* se mais se parecem com os discipulos, se com o Mestre. Que maximas encontro em certos Livros desta nova sociedade que se começou agora em Allemanha, e Italia a chamar a Sociedade da Virtude! Que insinuações, e que impudencia capaz de envergonhar o mesmo Epicuro! He preciso huma bem impudente bondade para não pensar mal delles! O vapor sepulcral que respirão dá bem a conhecer que não só tem estragadas, mas apodrecidas as entranhas. Guarde-nos Deos de aggravar nenhum delles: sejão honestos, sejão probos, sejão continentes como o seu Epicuro; justificar-se-ha com isto a sua doutrina? Vamos a esta consequencia, que era o objecto proposto em segundo lugar. Muitas vezes se contradizem a vida, e

a doutrina: isto exprobou Marco Tullio aos Filosofos do seu tempo. Esqueço-me aqui daquelles em quem falla o espirito de vaidade, não de convicção; o coração desmente o que profere a lingua. São Epicureas as palavras, mas são Christãos os sentimentos, e os sentimentos são mais poderosos no homem do que as palavras, por isso não nos devemos admirar que vão discordes os sentimento das palavras. Fallo daquelles *Illuminados* que vivem persuadidos dos dogmas Epicureos, e digo, que muitas vezes no homem prevalece a bondade da natureza á pravidade da opinião, e hum Filosofo não trivial (Montagne) de si mesmo confessa com aquella sua nativa ingenuidade, que tinha achado para o mal menos prompta a livre concupiscencia, que a pervertida razão. Que direi da força da educação, e do habito? Além do que, nem todo o que he capaz de pensar, he capaz de obrar, e nem a todos he facil serem Sejanos, e Catilinas. Assim como a grande piedade he de poucos, da mesma maneira he a grande impiedade. A perversidade tem seu heroismo ao qual não chega huma audacia, e sagacidade mediocre. São raros

como os monstros os talentos capazes de merecerem eterna infamia, e abominação de toda a Posteridade; e dos Filosofos, disse com especialidade hum Filosofo moderno, que se não devia temer, nem esperar grande mal, e disse-o confiando na prudencia filosofica. São mais animosos com a lingua e com a penna, do que com a mão; muito bem descobrem o perigo da maldade, e sabem a tempo desviar-se. Entre todos os Filosofos parece que os menos formidaveis são aquelles que tem por maxima principal passarem bem o tempo, não se inquietarem com coisa alguma, e ensinarem a todos, que se abandonem ao proprio genio, e á sua boa ventura. Deitar-se a nado no pelago da iniquidade he para elles coisa muito incommoda, e pavorosa.

Mas se he innocente a sua vida, segue-se que tambem o seja a sua doutrina? Que me importa que tu me não toques, se tu pões a espada homicida n'outras mãos? Que ventagem traz ao Estàdo o teu repouso, ou que lhe importa que estejas quieto, se os teus ditos excitão os outros á revolta? Sim, *Illuminados*, eu vo-lo repito, e nunca com mais força, os vossos dogmas são

o incentivo da mais nefanda improbidade: porque quem diz: — « Faze o que mais te praz » — diz equivalentemente, desafoga as tuas mais fogosas, e ardentes paixões. E ainda que isto não seja exhortar determinadamente ao mal, exhorta aquillo, que, ora conduz ao bem, ora ao mal, e manda seguir o proprio genio; á frugalidade o que he moderado, e á glotonaria o que he goloso, á sobriedade o que ama a agua, á crápula o que ama o vinho, á beneficencia, e á gloria quem tem o coração generoso, á avareza, e rapacidade, quem tem o coração vil... E isto que outra coisa he senão convidar friamente ao bem quem para elle se encaminha por si mesmo, e abrir a toda a qualidade de crimes, e vicios huma livre, e muito espaçosa estrada?

Torno ás minhas primeiras interrogações, ás quaes não se deo, nem se dará huma cabal resposta. Dizei-me, que conforto dais á virtude principalmente offerecida ás mais dolorosas provas? Que freio pondes ao vicio quando for de mais suaves atractivos provocado? Já fiz conhecer a vaidade, e a fraqueza dos outros motivos filosoficos, especialmente no coração de hum Epi-

curso; o vosso melhor motivo he o calculo dos prazeres, e desgostos, porque vós intimais ao vicioso: — « Guarda-te de cometter tal, ou tal attentado, porque as consequencias serão mais amargas do que he a privação do presente prazer. » — Mas além de não querer tantos calculos a paixão, ainda os quer menos quando he mais ardente, e inflammada, e se a paixão neste estado admitte calculos, sempre os admitte a seu favor, e muito principalmente se póde encobrir-se, ou disfarçar-se com a má cara da virtude. Todos os *Illuminados*, doutorados em huma similhante Arithmetica, dizem, mais com os factos que com as palavras, que huma improbidade feliz dá maior prazer que huma virtude desgraçadada. Assim, segundo as vossas razões, e em bom rigor Arithmetico, e Algebrico poderá o homem a seu sabor ser avaro, ladrão, incestuoso, homicida, traidor, rebelde, e tudo quanto quizer. E he innocente a Filosofia dos *Illuminados*? He humana? He gloriosa? He favoravel á virtude? He bem acommodada á pública felicidade? Aterra-se com ella a Religião, e he repugnante á pública ventura. Eu appello para

o vosso testemunho, e para a vossa decisão, Mathematicos, Filosofos, e quantos homens ha no Mundo, que não sejão hospedes nas Sciencias, e nas Artes. Ainda mais, a Religião de que aqui se trata, he differente, e bem differente daquella que acabámos de combater acima, e merece huma particular reflexão, que deixe em completo desbarato a Filosofia do *Illuminismo*, e seus abominaveis principios.

CAPITULO X.

Sobre a Religião Natural, e Christã.

ATé agora fallei em geral da Religião, qualquer que ella fosse, com tanto que reconhecesse a Divina bondade, e tivesse huma idéa de Providencie remuneradora. Mas a Religião de que devo tratar, he por ventura esta Religião generica? He acaso em especie a antiga Egypcia, Grega, Celtica, ou Britana? He por ventura a actual Mahometana, Chineza, ou Japonica? Em todas estas, eu o sei, ha dogmas, ritos, festas, e sacrificios que fazem gemer a Natureza, e envergonhar a razão: mas sustento, e immovelmente sustento, que peor que todas estas he a irreligião, como o peor de todos os máos Governos he a *Anarquia*; e o sustento sobre este principio inexpugnavel: que são menos ruinosas as paixões mal reguladas, que as entregues sem freio algum ao seu cego furor. As peores extravagancias de Religião, (qualquer que

seja), se bem se considera, não procedem de outra origem mais, que do frenesim das paixões; e de que outra maneira podia vir á cabeça do homem, que hum Ente optimo, qual he Deos, por universal sentimento he authorisador, e mandador de coisas pessimas? Isto não podia proceder senão de hum amor louco, ou de hum vil temor, ou de adulação ainda mais vil, que chegou a divinizar os homens com seus mesmos vicios, ou de algum erro fatal que fez parecer boas, coisas de sua natureza pessimas, e as julgou mandadas por alguma Divindade optima; mas esta qualidade de erros sempre nasce da desordem das paixões. Ainda que, se de algum modo se quizesse imaginar huma Religião peor que a irreligião, esta Religião devia emendar-se, e não abolir-se. Por mais vicioso que possa ser hum Principado civil, nenhum sabio aconselhará em taes circunstancias a Anarquia.

Mas aonde me derijo? He esta a Religião que entre nós se controverte? *Illuminados*, deixai-me que eu revele aqui a vossa malicia. Vós não tomais Religião alguma particular para alvo dos vossos tiros, mas hides maliciosa-

mente tirando desta, e daquella as porções imperfeitas, e com estas, como outros tantos Promethicos, compondes o mais repugnante, hediondo, e abominavel monstro, que jámais se vira; e eis-aqui, dizeis vós, que coisa he a Religião! E eis-aqui que coisa he, vos respondo eu, a mais torpe impostura. E aonde achais vós esta Religião, senão em vossa preoccupada fantasia? E se achais alguma parte desta Religião em Menfis, ou em Pekim, para que nos deitais em rosto aquellas extravagancias que nós detestamos? Ainda não vi hum bando de Missionarios tirados da caterva *illuminada* navegar para a China, e para o Japão a tirarem aquellas infelizes gentes do abysmo de seus erros! Contra o Christianismo unicamente assestão as suas baterias. Eia pois, voltem os canhões contra a Religião natural, que foi a Religião dos mais sabios Filosofos antigos, e que fórma agora huma grande parte da nossa Religião. Dizei-me, se vos parece muito, ou pouco prejudicial aos homens? Que he isto, meus Senhores! Vós, fóra de proposito sois tão eloquentes e facundos, e quando se chega ao ponto, emmudeceis? He pre-

ciso ter coragem, e produzir todos os capitulos de queixa... Mas vós já tendes conhecido que seria huma contradição manifesta, dizer que he prejudicial á natureza humana huma Religião dictada pelo lume mais puro da mesma humana Natureza. A Religião natural nada mais he, que o culto, e a submissão, que, segundo os principios da razão, se deve prestar ao Supremo Arbitro de todas as coisas: nesta submissão se comprehende toda a Lei natural, isto he, tudo quanto se conhece dictado, e prescripto pelo Author da Natureza. E que outra coisa podia prescrever este Arbitro, que he todo bondade, senão o que he universalmente necessario, e vantajoso á mesma Natureza? Não foi por certo outra a opinião, outro o sentimento dos mais eminentes Filosofos. E póde ter-se em conta de prejudicial huma Religião que taes coisas prescreve? Póde ser que alguma coisa appareça boa á debil luz do nosso entendimento, e que por isto a julguemos prescrita, e approvada por Deos; mas isto he hum mal accidental, que se desvanece, huma vez que se conheça o erro, porque he huma mesma coisa conhecer, que tal e tal acto he nocivo á natureza,

e comprehender que elle he vedado pelo optimo author da mesma Natureza. Poderá tambem acontecer que tal e tal coisa nos pareça util em algum caso, e que a julguemos não prohibida por Deos. Porém que coisa mais justa que dever ceder o interesse particular ao interesse commum? Se isto não fosse, então authorisar-se-hião alguns para buscarem o proprio commodo com prejuzo dos outros, o que seria a verdadeira peste da sociedade humana: mas eu disse que o Author da Natureza prescreve aquillo que he proficuo á mesma Natureza considerada geralmente. Com isto se conhece o duplicado vicio da bemaventurança dos *Illuminados*: de huma parte persuade a cada hum o seu particular interesse, e de outra parte tira ao interesse universal o sustentaculo da Divina authoridade, e providencia: daqui se segue que nada ha mais util que a Religião natural, nada mais nocivo que o systema dos *Illuminados*.

Mas he outra a Religião, que estes *Illuminados* tingem com as cores da infamia de nociva: he a Religião... Oh vergonha deste seculo! He a Religião que elles mesmos professão, ou

fingem professar, a Religião Christã. Sim, elles perdoão ás loucas, e perjudiciaes Religiões de hum Osiris, e de hum Mafoma, perdoão ás mais sordidas suprestições da barbaridade Americana. Que digo perdoão? Elles as defendem, elles as louvão! Mas contra a Religião Christã vomitão o seu mais fino, e poderoso veneno. E donde nasce isto? Que motivo ha para isto? Poderemos alguma vez saber a verdade? Será porque se julgue a Religião Christã mais perniciosa ao genero humano, ou porque he a mais contraria ás paixões, e aos vicios do genero humano? Examinemos se he devida a taxa de nociva á Religião Christã, ou se he devida a taxa de perversidade a quem a impugna.

E será a Religião Christã nociva ao genero humano? Como póde isto ser se a primeira baze, e o principal constitutivo desta Religião, he a Religião natural, que não póde ser nociva ao genero humano? Ora a Lei, e Religião natural he de sua essencia utilissima aos homens como acabamos de ver. E he possivel então, que seja prejudicial aos homens a Religião Christã? He preciso, ó *Illuminados*, que

vos desembaraceis desta contradicção. Direis talvez que he nocivo tudo quanto a Religião Christã ajuntou á Religião natural; porém isto não he assim, porque sempre fica intacto o mesmo fundamento, sempre fica mandado aquillo que a Religião natural manda, sempre fica vedado o que a Religião Christã tem accrescentado? Emendar os erros que a malicia humana havia introduzido na Religião natural, reduzilla á sua primeira integridade, enchella, aperfeiçoalla como em seu lugar veremos. Aquillo que os primeiros, e maiores Filosofos procurárão fazer com seus profundos estudos, mas não podérão, ou não fizerão senão em parte, Jesu Christo o fez com facilidade maravilhosa, e o fez tão perfeitamente que excedeo todos os desejos. Fizerão muito mal, e erradamente os antigos Romanos quando accusárão o Christianismo, e o impugnárão como contrario á felicidade do seu Imperio. Contrario!! E porque? Porque condemnava as torpezas da sua Scena, e a barbaridade de seus Anfitheatros, ou a inconstancia de seus consorcios, ou a oppressão de seus vassallos, ou o direito iniquo das suas guerras, ou o outro direito ainda mais

iniquo sobre a pudicicia, sobre a vida de seus escravos, de suas mulheres, e de seus filhos? Não me persuado que lhes cahisse na cabeça tanta loucura. Considerem-se pelo contrario os grandes nétos de Romulo, se por ventura Christo lhes dissuadisse, ou a fragilidade dos seus Curios, ou o desinteresse dos seus Fabricios, ou a lealdade dos Régulos, ou a magnanimidade dos Camillos, ou a fortaleza dos Décios, ou a continencia dos Africanos, ou a moderação dos Marcellos, ou a gravidade dos Catões, virtudes, que sem dúvida fundárão e ampliárão gloriosamente seu Imperio. Pergunto agora; a doutrina de Christo repugnava a humas similhantes virtudes, ou era capaz de as promover com maior força, e maior energîa? Se tivessem mais são o entendimento, terião conhecido aquelles orgulhosos senhores do Mundo, que o Christianismo era a unica medicina de tantas enfermidades pestiferas que por tão longo espaço de tempo havião serpeádo no vasto corpo de seu Imperio; isto he, o luxo, a molleza, a presumpção, a perfidia, e injustiça, a impiedade, contagios de que havião já expirado os Imperios Assyrio, Persa,

Médo, e Grego. Só o Christianismo podia curar, e cicatrizar tão profundas chagas, chamar, e reproduzir a primitiva virtude. Que digo eu reproduzilla? Eu devo dizer accrescentalla, e milhoralla; porque, que parallelo, que comparação ha entre a injusta rapacidade de Romulo, e a moderação divina de Jesu Christo? E se consideramos a Religião pelo lado da innocencia, que Legislador Romano vedou e prohibio em suas leis fazer mal aos outros, quererlhes mal, pensar delles mal? Jesu Christo o prohibio, e Tertuliano o lança em rosto a todos os Gentios: veja-se a sua Apología no Cap. 36. E que devemos dizer daquella sincera, operosa, e universal caridade que Jesu Christo prescreve, e que foi incógnita a todos os Gentios? Justiça, Innocencia, e Caridade, Virtudes as mais humanas, e sociaveis, devisas, ou brazões proprios, e privativos do Christianismo. A isto se ajunta a estreita obrigação imposta a todos de desempenhar os multiplicados deveres de cada estado, de que resulta a boa ordem do Universo. He rematada loucura, dizia Santo Agostinho, attribuir ao Christianismo a pública infelicidade. — Dai-me, exclama-

va elle, dai me Cidadãos taes quaes os requer a Religião Christã, taes maridos, taes mulheres, taes senhores, taes servos, taes soldados, taes magistrados, taes Juizes, e taes Reis, e dizei-me depois se póde ser infeliz huma similhante Republica! A verdade te obrigará a confessar que será entre todas a mais bemaventurada: esta Religião que he tão illustrada em ordenar, he igualmente efficassissima em mover. — Dá-me, bradava o eloquentissimo Lactancio Firmiano, dá-me hum homem iracundo, mal dizente, desenfreado, e com poucas palavras, eu to tornarei dócil, e manso, como hum cordeiro. Dá-me hum homem cubiçoso, avarento, propenso á rapacidade, e eu to tornarei liberal, e até o farei pródigo no soccorro dos miseraveis: dá-me hum homem injusto, soberbo, ambicioso, eu o farei hum exemplo de modestia, de moderação, e de rectidão. E como não aconteceria isto, se pela mesma instituição de Jesu Christo, muito melhor, que pela instituição de Platão, quantos existimos no Mundo, nos reconhecemos membros de huma mesma Republica: *Unam omnes*, admiraveis palavras de Tertuliano, *Unam omnes Rem-*

publicam agnoscimus Mundum. Nós somos membros de huma mesma, e immensa familia, já que todos somos irmãos, todos oriundos de hum mesmo pai terreno, todos regenerados por hum mesmo pai Celestial, todos destinados para huma mesma excelsa sorte, e bemaventurada Patria. E poderá haver huma união similhante a esta? Ainda ha mais: a vinculos tão santos preside o mesmo Supremo Imperador do Universo, a hum mesmo tempo pai, e legislador, juiz, e remunerador. Cumpres tu fielmente com sua soberana vontade? Espera hum premio amplissimo. Desprezas a sua soberana Lei, e não duvídas violar seus eternos direitos? Hum mui sevéro castigo te espera. E póde haver motivos para obrar bem, mais doces, e ao mesmo tempo mais poderosos? Estes são os motivos Christãos, E poder se-ha louvar outra Religião, ou poder-se-ha propór a mesma irreligião como mais util aos homens que o Christianismo?

Ah! cedão os *Illuminados* aos factos mais incontrastaveis. Cuido que lhes não parecerei hum homem tão novo no Mundo, que não saiba quaes forão os antigos Gallos, Britannos, Ge-

dos, Longobardos, Hunos, e outros Póvos Septentrionaes. Ursos, Tigres, Leões, rompendo de seus covís para despedaçar, e devorar quanto se lhe ponha diante, são imagens debeis, e mortas de sua ferocidade. A França o sabe, a Alemanha, a Hungria, a Hespanha, e muito mais a Italia, que muitas vezes sentio o seio despedaçado, e consumido pelo ferro, e pelo fogo. Ora pergunto, quem domesticou, e amansou estes Ursos? Quem adoçou estes Tigres? Quem fez estes Leões Cordeiros? Não foi o Christianismo? Não sou eu o que o digo, fundandome em anecdotas reconditas; a mais solemne historia não só sagrada, mas profana o diz, e nos mostra, que onde entrára o Christianismo, fugíra logo a barbaridade, e que aquillo que não pôde, nem a polidez Grega, nem a sapiencia Romana, o alcançára a simplicidade Christã. Mas que digo eu sapiencia, e polidez? Os Gregos, e os Romanos precisárão da simplicidade Christã para depôrem os barbaros restos da antiga ferocidade. Mas póde ser que estes exemplos sejão nimiamente antigos: póde servir de exemplo moderno o novo Mundo, que deixou de ser

barbaro, quando começou a ser Christão. Não appello para as anecdotas, appello para o que he conhecido, e sabido no novo e antigo Mundo: de maneira que a propagação do Christianismo naquellas remotas partes se tornou o objecto não só da politica humana, porém da caridade divina. Diga-se ainda por moda, ou por conveniencia mal dos Jesuitas, seja como for, eu me quero servir de hum exemplo não muito antigo. Huma nação immensa, desconhecida a si mesma, inimiga de si, quando se começou a conhecer, sempre em guerra com seus vizinhos, e em guerra tão brutal, que os vencidos não só erão prêza, mas pasto dos vencedores, abre o seu seio á Religião Christã, une-se em povoações, fazem se nella os homens escudo huns dos outros, conhecem a necessidade, e a doçura do mutuo soccorro, amão-se como irmãos com tanto extremo, que assombrados os barbaros circumvezinhos, assim como os antigos Idólatras, conforme o testemunho de Tertuliano, á vista dos primeiros Christãos, vede, dizião, como estes reciprocamente se querem bem, e como estão promptos a dar a vida huns pelos ou-

tros. Donde se segue que hum povo convertido a Jesu Christo atrahe a si outro povo, e de muitas sociedades disparatadas, fórma huma só de coração, e de espirito, que he o espirito da paz, da innocencia, da caridade; de maneira que, de innumeraveis covís de féras insociaveis, e antropófagas, se compõe huma Republica de melhores costumes, e de mais ditoso estado que a imaginada Republica de Platão. Talvez que me entendão que eu fallo da Christandade, que tanto floreceo no Paraguay. Talvez tambem, que algum *Illuminado*, ouvindo este nome, páre, e o acompanhe com algum dos seus desdenhosos motejos. Grandes Personagens quizerão ver com os olhos e tocar com as mãos a verdade deste facto, e ha delle monumentos authenticos de hum, e outro poder, civil, e sagrado: de maneira que os Escriptores menos crédulos o acreditárão, não sómente Muratori, mas Montesquieu, Buffon, e Haller, bem conhecidos no Mundo; nem teve animo de o negar o mesmo Raynal entre as suas indirectas invectivas contra o Christianismo; e para se destruirem tantos testemunhos parece que se deve pedir aos *Illuminados* mais

alguma coisa, que hum sarcasmo, ou que hum surriso.

Mas se este nobre Ser, se este *Illuminado* se prezasse de certa pertinacia duvidadora que fosse por elle reputada hum rasgo de sapiencia, eisaqui hum novo argumento que não tem replica. Dizem com as acções os *Illuminados*, que a irreligião, ou outra qualquer Religião que não for a Christã he mais azada, e propria para a humana felicidade. Ora quem obriga estes senhores a existirem em França, em Alemanha, em Italia ou aqui em Portugal? Vão para a Arabia, para o Congo, para o Pegú, para a Cafraria, vão para lá ser mais felizes. Calão-se, e não se embarcão? Eu os entendo, amão a boa ordem, o discreto governo, a gentil cultura, que são coisas proprias do Christianismo; mas tambem querem certas licenças proprias de outras Religiões, e muito mais da irreligião, porém detestadas do Christianismo; por isso no seio do Christianismo se falla mal do Christianismo. O que inspira aos *Illuminados* as suas declamações não são os males que elle causa, são os freios que elle põe aos vicios que não authoriza, nem tolera.

Se o Christianismo fosse mais indulgente, os *Illuminados* se reconciliarião com elle. Mas como se podem conciliar coisas tão repugnantes? Os dogmas Christãos, e as torpezas do Paganismo? Huma de duas coisas, meus Senhores, ou ratractar o que haveis dito contra o Christianismo, ou hir viver com os Cafres mais licenciosos, e gozar alli tão desejada ventura. Porém escutemos primeiro o que a isto opponha a apaixonada razão.

CAPITULO XI.

Sobre as opposições dos Illuminados contra a Religião.

NÃo intento expôr aqui tudo aquillo que a impiedade imaginou contra a Religião : limito-me ás principaes razões que se referem á felicidade pública, e são, credulidade, timidez, intolerancia, e divisão. Dizem que a credulidade he tyranna da razão, e inimiga da sciencia. Logo, concluo eu, os Christãos serão os mais grosseiros, rudes, e ignorantes homens do Mundo. He possivel que os *Illuminados* sejão tão cegos, e tão loucos? Digão-me qual he a sciencia que repugne ao Christianismo? A Rhetorica? A Logica? A Fysica? A Mathematica? Onde florece mais, e melhor que no seio do Christianismo a sciencia, e a verdadeira sciencia? Se na carreira de tantos seculos a literatura se não afogou no pégo da dominante barbaridade, a quem se deve esta gloria? Os melho-

res Oradores, Historicos, Poetas, e Filosofos não forão Christãos, e o que mais he, Padres, e Pontifices da mesma Igreja? Cegue-se quanto quizer o engenho dos *Illuminados*, não, fóra do Christianismo, não acharáõ naquellas idades homens, que contraponhão aos Clementes de Alexandria, aos Basilios, Eusebios, Nazianzenos, Lactancios, Jeronymos, e Agostinhos. Fazer esta objecção aos nossos tempos he huma simplicidade sem igual, para não dizer huma patente injúria a tantos homens, e a tantas Universidades Christãs tão celebradas pelas sciencias, e pelas artes. E vós, *Illuminados*, que sabeis tanto, onde o aprendestes, entre os Hottentotes, ou entre os Caraíbas?

Nem eu posso entender que tyrannía seja esta da razão, que vós attribuis á Religião, se acaso não chamais tyrannia prohibir á razão, que entenda aquillo que se não póde entender; porque entender aquillo que nós podemos entender, nunca foi prohibido. He verdade que o Christianismo quer que se acredite aquillo, que não he intelligivel á razão, mas não se crê senão o que á mesma razão se mostra sabia-

mente crivel. Christo não he Mafoma, que prescreva a ignorancia, para remover toda a crença irracionavel. Quem he crédulo fóra de razão, culpe a sua insipida doçura, não o imperio da Religião. Se he mais razoavel a credulidade Religiosa, e Christã, ou a incredulidade filosofica, eu já o mostrei em hum Discurso.

A segunda objecção, isto he, a timidez, parece que he tomada do Livro terceiro da Republica de Platão, onde este grande homem regeita os terrores infernaes como infestos á generosidade que se requer nos Magistrados de huma Cidade, e nos animos guerreiros: porém o mesmo Platão affirma no Dialogo *Cratilo*, que o temor he o maior, e o mais forte vinculo da alma, porque com elle foge de todos os excessos, e se contém em seus deveres. He o mesmo Platão o que em mil lugares de suas obras intíma a todos a justiça divina, e as penas de huma outra vida, a que elle chama gravissimas. E póde ser tão grande Filosofo contradictorio em objecto tão essencial? Era Filosofo, mas reconhecia huma Providencia remuneradora que elle julgou tão necessaria ao bem pú-

blico, que a confirma com indestructiveis razões em o ultimo Livro da Republica. Que pertendeo elle em o lugar allegado e tantas vezes rebatido pelos *Illuminados*? Quiz regeitar as indecentes, e estranhas fantasias de Homero, e a triste figura que este Poeta faz representar no Inferno a seus Heroes, e até a seus Deoses; figura tal, que inspira aos animos não fortaleza generosa, porém vil pusilanimidade. Isto não he imaginação minha, he sentimento do Filosofo naquelle Livro, que he huma censura perpetua de Homero, e dos outros Poetas que delle tirárão a materia, e a fórma de suas extravagantes loucuras. Mas eu não me devo lembrar aqui do que pensou hum Filosofo, em quanto por mim fallão a mesma Filosofia, e a Verdade. He claro como o Sol, que as penas com que hum Deos ameaça podem tornarme tímido, e froxo para o delicto; mas não me tornaráõ tímido, e indeciso para executar huma acção honesta: o mesmo temor me fará para isto mais generoso, bem como o temor da pena comminada por Pedro o Grande fez os Russos tímidos á fuga, e constantes á frente do inimigo. Ha hum

temor de fraqueza, e de cobardia, mas tambem ha hum temor de fortaleza, e de generosidade, e foi este o temor que fez tantos Martyres generosissimos desprezadores de quanto havia de mais terrivel na Terra; e se ha algum que ame a intrepidez militar, interrogue Tertuliano, e elle lhe dirá em seu Apologetico, não ao ouvido, mas com voz tão alta, que o oiça o Mundo inteiro, sem medo de ser desmentido, que nos exercitos Romanos não havia soldados tão fieis, e tão intrepidos como os Christãos. Passemos á terceira objecção.

Nada parece tão intoleravel aos *Illuminados* como a intolerancia, a qual, para a tornarem mais odiosa fazem nascida dos Hebreos, e transmittida aos Christãos, e aos Musulmanos, sempre ciosa com excesso, sempre armada, e sempre disposta para a vingança. Observando o motim que sobre isto fazem os *Illuminados* crer-se-hia que todos os carceres estão cheios, que por toda a parte se erguem cadafalços, e ardem fogueiras; e desgraçados Christãos, se algum Filosofo for victima; solta-se o Mundo de seus eixos, despedaça-se, arruina-se. A pri-

zão justa, ou injusta de hum Filosofo péza na balança filosofica toda a perseguição Neroniana. Até o bom Seneca perdoa a Alexandre Magno a oppressão de hum Mundo inteiro, e a destruição de alguns milhões de homens, porém não lhe perdoa a morte do Filosofo Calisthenes. Acaso será sacrosanto o caracter filosofal? Eu o venerei sempre, e ainda o venero; porém devo por ventura crer que elle seja impeccavel, ou inaccessivel á pena em seus peccados? Mas que me quer dizer com todas as suas declamações o intolerantissimo perseguidor da intolerancia? Que a qualquer deve ser licito o apostatar; e ser mestre da apostasia? Tu dizes que o teu particular sentimento só te prejudica a ti, e não aos outros, se he erroneo; é que he preciso corrigir o erro com a persuasão, e não com o castigo. Ao que respondo, que o particular sentimento não prejudica aos outros, se se conserva sepultado em o peito, e em quanto assim permanece não ha tribunal algum na terra que o precesse criminalmente. Mas diga-me hum *Illuminado* a verdade, conserva-se realmente fechado no peito este sentimento particular? Parentea-se ao me-

nos áquelle a quem se deseja illuminar! Não se vai elle propagando e espalhando entre gente apta a receber trevas? Pois a espada da justiça vinga com rigor toda a palavra que he contra o Governo, e contra o Principe, e serão tolerados com indifferença todos os ditos, todos os escritos, todos os factos contra a Religião, e contra Deos? He isto humanidade, ou he cegueira, insensibilidade, e estupidez? Bem se conhece qual seja a Religião daquelles que assim pensão. Porém se os não move respeito algum devido a Deos, ao menos devem commover-se com o mal que do estrago da Religião provém ao Estado. A experiencia de vinte e cinco annos já devia ter aberto de todo os olhos aos mortaes. Pois ninguem se deve ressentir, vendo todos os dias espalhar, e estabelecer dogmas perniciosos? Consentir-se-ha que a pestilencia lavre aqui e alli, e que os apestados se misturem livremente com os sãos? E será toleravel quem persuade huma similhante tolerancia?

O Christianismo foi, e he sempre de sua natureza intolerante, como he de sua natureza a luz intolerante das trevas, a verdade do erro, a san-

tidade da malicia, a virtude do vicio; e quem disto argue, e crimina, dá bem a conhecer que intelligencia tenha das coisas divinas. Desta intolerancia não se deve inferir, que elle assalte, que elle despoje, que elle mate a qualquer sem distincção. Esta foi a maxima de Mafoma, e he hum grosseiro impostor quem confunde o Evangelho com o Alcorão, como se o pacientissimo Jesu Christo houvesse vindo á similhança de Mafoma com o alfanje na mão buscar, e fazer sequazes da sua lei. Se alguns Christãos fizerão o mesmo que os Mahometanos, não foi Jesu Christo o que lhes inspirou estes sentimentos, foi a sua ambição, a sua avareza, a sua hypocrisia, e tambem hum mal entendido, e falso zelo, reprovado por aquelles mesmos principios estabelecidos pelo Divino Legislador de que elles se dizião os Campiões. Além disto hè preciso fazer a distincção dos tempos, tempos de paz, tempos de guerra, nos quaes nenhum rigor parece excessivo, acontecendo mil vezes que quem faz a guerra á Religião tambem a faz ao Principado, e tanto se respeita então a Magestade Divina, como a Mages-

tade humana ; e não admira que recahissem pezados golpes sobre os réos.

Deixemos longos discursos, e com huma palavra terminemos a controversia. O Christianismo não he aquillo que fizerão os homens, he aquillo que prescreveo Jesu Christo. Logo, ó *Illuminados*, ou me mostrai em o Evangelho a intolerancia excessiva de que vos queixais, ou deixai por huma vez de accusar, e criminar o Christianismo. Seria na verdade grande tolerancia, se tão importuna calumnia fosse sempre tolerada!! Ainda ha coisa peor: ao escutar os lamentos dos *Illuminados* contra a intolerancia, eu julguei algum tempo antes de os conhecer de perto, e antes de me convidarem para a sua *virtuosa* companhia, que erão as vozes piedosas de innocentissimos Cordeiros: mas que assombro foi depois o meu! O Ceo nos guarde de taes Cordeiros! Eu nunca vi huma intolerancia tão acerba, e tão cruel como a sua. Desgraçados Ministros da Religião, se aquelles Cordeirinhos tivessem hum poder igual á sua boa vontade! São os Marcos Antonios armados, que se queixão de que a Patria se arme para se defender delles.

A tolerancia, dizem os *Illuminados*, enriqueceo o commercio, e faz florecer o Estado. Estão enganados, lhes respondo eu, e estupidamente enganados. O que por meio do commercio enriquece o Estado, são as próvidas ordenações, a sagaz pericia, a industria laboriosa, e a economia prudente, a boa fé incorrupta, a abundancia dos generos, e das manufacturas: eis-aqui o que faz florecer o Estado pelo commercio, e não a tolerancia de toda a Religião, e irreligião. Virão-se Estados tolerantes sem commercio, e Estados intolerantes, de grande commercio, e riquezas; baste Portugal para exemplo, e houve Estados em que a tolerancia contribuio para empobrecer os domesticos, e enriquecer os estranhos. Se para o commercio mais florecente he precisa alguma tolerancia, he a tolerancia de outra Religião, e não a tolerancia da irreligião, e a gente util para o commercio não são os Doutores do Epicurismo, e do Atheismo, são homens a quem basta a tranquillidade na crença em que forão educados; porque elles em seus tráficos tambem se não embaração com a crença dos outros. Aqui podia ter lugar a questão sobre o ne-

gocio dos Livros, que tão recommendado tem sido pelos *Illuminados*. Direi a este respeito huma palavra só: os Livros são para a alma o que são os alimentos para o corpo; he justo que haja abundancia, ou fartura de huns, e de outros. Vigia-se com cem olhos para que sejão sãos os alimentos que sustentão o corpo, parece que tambem deve haver algum cuidado que não sejão pestilentes os alimentos da alma. Não são os *Illuminados* os que devem dar Leis a este respeito; isto toca a huma prudente, e religiosa politica; esta deve ordenar as coisas de tal maneira, que o commercio aproveite sem que o Christianismo padeça; nem se estraguem os bons costumes, que são mais proveitosos á Republica, que todos os traficos.

A quarta, e ultima objecção posta á Religião, isto he, a divisão, tem parecido aos Filosofos mais forte, e invencivel, que todas as outras. Hum Reino dividido, segundo o testemunho da mesma verdade, não póde subsistir, nem entre os mesmos Demonios; porque todos estão animados de hum mesmo espirito de facção. Ora, Religião, e Politica, Poder sagrado, e profano,

Sacerdocio, e Imperio, são dois principios de divisão, e por isso mesmo destruição... Muito bem, escale-se de novo o Ceo, não se deixe Deos, nem por si, nem por seus ministros, governar o Mundo que he seu; pertencem-nos a nós, digão os *Illuminados*, exclusivamente todas as rédeas do governo. Deos governe o Ceo, nós a Terra, e se assim não for, tudo será divisão, desordem, e ruina. — Oh frenesim Filosofico! Se huma Potencia invade os direitos de outra Potencia, passa os lemites, e rompe as linhas de divisão postas pela Divina Providencia, eu sei que deste procedimento se seguem grandes desordens, e desconcertos. Fóra disto, não póde lembrar desconcertos senão quem he inteiramente noviço nas coisas do Mundo. Não houve hum Reino da Persia, hum Reino do Egypto, huma Republica de Carthago, outra de Athenas, outra de Roma? Não houve nelles Religião, e Politica, Poder sagrado, e profano, Sacerdotes, e Reis, Augures, e Arcontes, Aruspices, e Consules? Por ventura dividirão-se, e arruinarão se com isto aquellas Republicas? Mas eu vejo certo *Illuminado* de aspecto mais doutoral, que ajunta

ao raciocinio a erudição, fazendo-me saber que os antigos Deoses erão os mesmos que os Reis, e que hum poder estava incorporado n'outro poder, que hum, e outro estava constituido nas mesmas mãos, e que não era de admirar que taes Governos, Republicas, e Reinos se conservassem, e florecessem. Confesso que esta erudição he na verdade muito nova; porque ainda que se não possa negar, que alguns Deoses fossem os mesmos que erão Reis, he falso e he impossivel affirmar-se isso de todos os Deoses; o contrario he ser absolutamente hospede na Theologia Pagã. Nenhum dos Reis foi feito Deos antes que acabasse de ser homem, isto he, acabasse de viver. Resta além disto ver, e saber, se os mesmos Deoses Reis forão os primeiros authores daquella Religião que estabelecerão, para a suppôr fundida, e vazada nos moldes da Politica humana. A incorporação de ambos os poderes, e a sua união em o mesmo sugeito, não he coisa sem exemplo: sem me lembrar de casos particulares, e passageiros, os Reis do Egypto erão juntamente Sacerdotes Soberanos, ou Pontifices da Religião. Mas julgar, estabelecer isto por huma

coisa universal, e perpetua, he professar huma total ignorancia da Antiguidade. Onde se acha que fossem huma mesma coisa os Aruspices, e os Consules Romanos? O summo Pontificado era dividido, e separado do Consulado. E os Reis da Etruria erão os mesmos que os seus Pontifices? Os Pontifices das Gallias erão os mesmos que os Druidas? E se quizermos subir mais alto até aos tempos Troianos, quem determinou o sacrificio de Efigenia tão detestado pelos *Illuminados*? Não foi nem o sabio Ullysses, nem o forte Diomedes, nem Agamenão Rei dos Reis; antes este com summa dôr se submetteo, e sugeitou ao imperio de hum Sacerdote. Eis-aqui pois os dois poderes collocados em dois homens diversos, hum poder Real, que em certas coisas commanda aos Sacerdotes, hum poder Sacerdotal, que em outras commanda aos mesmos Reis; já que os direitos de hum poder não são os mesmos que os do outro poder, nem hum quer sempre aquillo que o outro quer, porque se sabe que Deos, nem sempre quer aquillo que quer o homem. Disto póde ser testemunha o Senado de Roma, o qual na causa dos bens, e casa de Cicero,

distinguio mui bem os direitos civís dos sagrados, decidindo dos primeiros, e remettendo aos Pontifices a decisão dos outros, ainda que os Pontifices fossem membros do mesmo Senado. Pelo que respeita ao Christianismo, Christo podia (e quem o duvída?) communicar seu poder aos Magistrados, aos Principes, aos Imperadores Romanos, porque era o Arbitro Supremo. Elle o não fez, e porque o não fez deve ser censurado pelos *Illuminados*? Vamos ao facto; quando imperou hum Constantino Magno, hum Theodosio Magno, hum Carlos Magno, houverão summos Pontifices, Bispos, e Sacerdotes, como agora os ha, e taes que souberão sustentar com valor invicto o seu poder, e alguns forão de tempera tão forte, que se opposerão peito a peito a toda a magestade do Imperio; e que desordem, que ruina se seguio daqui? Pela Historia vejo, que o Imperio fôra então, como nunca, florentissimo.

Não he preciso hir tão longe, basta abrir os olhos, e ver as coisas de mais perto. Estamos em hum Reino onde estão unidos estes dois principios chamados de divisão, e por seculos, e seculos nos temos conservado em alta

prosperidade, e gloria. Desgraçadas, e mesquinhas especulações filosoficas, desmentidas, e aterradas sempre por factos luminosissimos! Se houve alguma desordem, esta foi effeito da condição humana, e não da ordenação divina. Qual he a ordem por optima que seja que não exista sugeita a alguma perturbação, se nella intervem o arbitrio humano? A razão mais sólida, e forte me obriga a pensar desta maneira; se os dois poderes são distinctos, se são diversos, e confiados a diversas mãos, vem ambos de hum mesmo principio, que he Deos, author da Natureza, e da Graça, e são dirigidos, e ordenados por Deos ao mesmo fim, que he a felicidade humana; e se alguem me disser que com isto se tira alguma coisa ao Principado, — que he isto, lhe responderei eu, em comparação daquillo que se dá ao Principado? Porém nada se tira ao Principado senão o abuso; consagra-lhe o uso legitimo, e o reforça maravilhosamente, e nada ha mais util aos Reinantes e aos Vassallos.

Sim, o Sacerdocio não tira ao Principado mais que o abuso. O poder sagrado he de huma ordem sobre-natural, e nenhum homem tem direito a

elle, he todo de Deos, e a quem pertence dallo, senão a Deos? Pertence ao Senhor eleger Ministros que occupem como elle determina diversos gráos. He verdade que muitas vezes juntou os dois poderes, e de ordinario os distingue, e isto com mui próvido conselho, tanto para repartir o pezo que seria excessivo na duplicada administração, como para emendar mais facilmente os abusos. He grande perigo em quem governa julgar licito quanto quer, e querer quanto póde. Esta foi a regra que seguírão os Tyrannos, e que ha tantos tempos approvão os *Illuminados* com vergonha da razão, e estrago, e ruina da humanidade.

Mas que faz, e qual he a destinação do Sacerdocio? Levanta em nome de Deos a voz cheia de authoridade, e diz: *Non licet*: — Isto não te he licito, e sabe que ainda que possuas hum Imperio terreno, serás excluido do Reino eterno, e cahirás na desgraça de hum Monarca infinitamente maior que tu. E quantos excessos e desordens se tem impedido com estas palavras? Até os Poetas, e os Filosofos gentios approvarão esta providencia, e o mesmo Platão a constituio en-

tre as leis da sua nova Republica. Nunca em o seio do Christianismo o poder sagrado poz as armas nas mãos ao povo contra o poder profano, porque sempre quiz que este poder se respeitasse como coisa divina, sempre se obedeceo ao poder, ainda que alguma vez se devesse desobedecer ao abuso. Isto ensinárão os Apostolos Pedro, e Paulo, isto praticárão os primeiros Christãos. E se o uso do poder he legitimo, oh! quanto he exaltado, e vigorisado pela Religião! Então se representa o poder como coisa divina, as suas determinações são como ordens emanadas do Ceo, e para se executarem não só está desembainha a espada humana, tambem a divina lampeja, e fulmina sobre a cabeça dos mortaes. Que homem ha mais sugeito, e obediente ao Principado terreno do que o Christão verdadeiro? Quem mais alheio de revoluções tão frequentes em as outras seitas? Os Romanos idólatras no decurso de muitos annos estiverão sempre em acto de derrubar do throno os Imperadores que elles mesmos havião exaltado, e acclamado, e de cujas mãos recebião muitos beneficios: e os Christãos despojados, martyrisados, pros-

critos, a nada mais attendião, que a honrar, e servir, quanto o permittia a virtude, os mesmos Imperantes, que erão seus implacaveis perseguidores. Nem de outra sorte podião obrar sem contradizer os preceitos, e os exemplos de seu Divino Mestre. Toda a vida de Jesu Christo, he coisa tão milagrosa nesta parte, que o mui livre Filosofo Montagne não cessa, nem cança de se admirar. Sugeitou-se a todo o pezo do governo civíl, e politico, estabeleceo sobre isto as mais admiraveis regras, e longe de transgredir huma só, submeteo-se voluntariamente á mais despiedada, ignominiosa morte. Não he este facto hum grande titulo pelo qual a pessoa, e a Lei de Jesu Christo se tornão eternamente sagradas, e veneradas ao terreno Principado? Quem declara guerra á Religião, tambem a declara ao Principado, e quem quer hum só poder, não quer nenhum. Quem destroe a authoridade sagrada, como respeitará a profana? Removendo o Sacerdocio, e a Religião, se remove o mais forte sustentáculo do throno. Então a sua unica base será o temor, será o interesse puramente humano dos subditos; base tão incerta, e tão de-

bil como são as causas sobre que se estabelece, base sobre a qual não estaria mais seguro hum Rei legitimo do que estava entre seus salteadores, e assassinos, o *Velho da Montanha*. O capricho desfaz, e põe hoje em cadeias quem hontem manejava, e sustentava o sceptro Não vai longe da verdade quem pensa, que huma grande parte da prosperidade dos Imperios dos Carlos, dos Theodosios, dos Constantinos se devêra ao favor que o Principado déra ao Sacerdocio, e que o Sacerdocio outorgára ao Principado. E vós, ó *Illuminados*, dai-me a razão porque os Principados em outra qualquer parte tão precarios e ruinosos, sejão no seio do Christianismo tão estaveis, e tão moderados? Quem ama pois a boa ordem que he o refreamento da malvada cubiça, quem ama o excitamento á execução dos proprios deveres, a paz, a segurança, os bens todos da vida social, e a que he mãi e tutora de tantos bens, a discreta, e pacifica soberania, em huma palavra, quem ama a universal plenitude da felicidade que se póde conseguir, e ter na Terra, se he sabio, deve amar a Religião, e entre tantas aquella Religião que tem

por base a Lei natural, e que por isto não póde discordar da sã politica, a qual tambem se funda sobre a mesma Lei natural, Religião que não divide, ou destroe os Estados, mas os estabelece, aperfeiçoa, e prospéra divinamente; e tal he a Religião Christã, tão digna do favor dos amadores do público, quanto he digna de detestação a ímpia Filosofia dos *Illuminados*, que a combate. Devo agora tratar da felicidade privada, objecto a que me chama todo o meu coração.

CAPITULO XII.

Se seja mais conducente para a privada felicidade a Filosofia dos Illuminados ou a Religião, especialmente a Religião Christã.

HE verdade conhecida, nem os antigos Epicureos, nem os modernos *Illuminados* podérão com todos os seus artificios adquirir jámais a fama de homens benemeritos do público. A sua Filosofia não se atreve a mostrar-se ao povo com a cára descoberta, nem bastou o esforço, e engenho de alguns homens doutissimos, e águdissimos para a expurgar de toda a preoccupação sinistra. E na realidade, que se póde esperar, para pública ventagem, de huma Filosofia com a qual nunca se vio huma Republica mediocremente ditosa? Por isto os Epicureos modernos, que são mais sagazes que os antigos, se conservão separados dos negocios publicos, satisfeitos com a felicidade pri-

vada, á qual he mais sensivel o coração humano. Sim, a felicidade privada he o seu proprio, e soberano timbre. Como póde o homem, dizem elles, viver feliz debaixo do imperio de huma Religião, que impõe Leis, e ameaça castigos? Sempre oppresso em quanto ao presente, sempre ancioso em quanto ao futuro? Esta felicidade só bróta no seio da nossa Filosofia inimiga de toda a anciadade, de todo o constrangimento. E com effeito, os que dezejão passar a vida alegremente desertão em chusma da Religião, e se alistão debaixo das nossas Filosoficas bandeiras. Que nos faz o Público? A beatitude he coisa pessoal, e propria de cada hum. Se nós somos felizes, todo o Mundo para nós vai bem.

Assim discorrem os nossos egregios amadores da humanidade, os quaes para passarem quatro dias alegres, e jucundos deixarião friamente arruinar Cidades, e Reinos. São coherentes com seus principios, e buscão aquella felicidade que se figurão em seu coração á custa da universal miseria. Mas são loucos em se imaginar huma felicidade privada contraria á felicidade pública, como se acaso podesse estar bem

hum membro por aquelles meios pelos quaes se arruina todo o corpo. Hum homem pois seria ao mesmo tempo feliz, e infeliz, feliz pelos bens privados que se busca, desgraçado pelos males publicos de que participa, e por isto seria hum verdadeiro *Irco-Cervo.* Mas que digo eu feliz pelos privados? Expliquemo-nos: que bens são estes? São os prazeres terrenos? Confesso, que de taes prazeres he mais liberal a vossa Filosofia, que a Religião, principalmente a Religião Christã. Mas em fim todos são prazeres da Terra, e não se sabe se sejão flores, ou espinhos o que a Terra produz. Se eu pergunto aos vossos calculadores, responder-me-hão, que a somma dos males iguala, se senão excede, a somma dos bens. Toda a Filosofia, e Sapiencia concorda que se não encontra na Terra a perfeita, e pura felicidade. Pouco mel, e muito fel, tal he o quadro beatifico que a Terra apresenta aos cubiçosos mortaes. Sempre me admirei daquelles que limitárão á Terra os seus pensamentos. E imaginavão acaso encontrar a inteira beatitude, que na Terra não existe, ou contentavão-se com a sua sombra, ou illusoria imagem? Digão

os *Illuminados* já que são tão apegá-dos á Terra se encontrão nella a bemaventurança? A Religião ao menos ma apresenta, sem comparação, mais grandiosa.

E será acaso o prazer a unica coisa que o coração humano dezeje? Eu bem sei que he arriscada a empreza fallar a huma alma sensual de objectos superiores aos sentidos, e sobre elles muito elevados. Estes objectos são para ella sombras, e vaidades que não entende, e ás quaes não sabe dar valor, nem apreço. Segundo julga, nada ha sólido, e apreciavel, senão o que se vê, e se palpa. Comer, beber, entregar-se ao divertimento, e prazeres... esta he a felicidade do homem, qual será a do bruto? He verdade que se julgão iguaes, e até aquelles mesmos a quem pêza sua propria dignidade, como de certos Principes conta a Historia, que para desafogar seus baixos desejos, tomavão mil vezes os vestidos, e as maneiras dos seus servos, assim estes, tomarião de boa vontade a pelle de algum animal para satisfazerem melhor seus brutaes appetites. E na verdade, existem alguns que para serem animaes brutos pouco falta mais que trazerem as mãos

no parallelo dos pés, e alongarem, e curvarem o rosto como tem curvo, e baixo o entendimento.

Digo a verdade, não me admiro que se namore desta bemaventurança hum engenho rude, e grosseiro, costumado a julgar das coisas com o ventre, e com os olhos. Todo está immerso na materia; e que póde desejar que material não seja? Mas que hum entendimento vasto tenha tão curtas idéas, que hum coração generoso nutra tão baixos desejos, que delles goste, e que delles forme a sua gloria entre as pessoas mais cultas, e polidas, e que até as chegue a convidar, para tão fatuas sensualidades... á vista disto, quem não deve ficar não só espantado, mas enjoado, e aborrecido? E he esta a bemaventurança, que a vós, grandes da Terra, a vós, homens de letras, e de talentos, he proposta, e he offerecida por homens que se julgão e estimão a flor de todos os viventes? E póde a vileza do appetite deprimir tanto a nobreza, e a elevação do espirito? E poderá soffrer isto huma alma bem formada? E não deverá com hum alto desprêzo regeitar a offerta, e os offerentes? Fujão taes pessoas do meio de

nós, e vão viver com os brutos seus irmãos, e gozem com elles da sua não humana bemaventurança! Mas elles não são senhores desta mesma miseravel bemaventurança, he a Fortuna. Dizei-me, ó *Illuminados*, estão acaso estes prazeres em vossas mãos? Estão em vossas mãos as melodías, ou theatros, as iguarias exquisitas, o Tokai, e o Constança? Poucos são os que podem dizer com o gargantão do Evangelho: — Eia, ó minha alma, o teu imperio he este. Come, bebe, diverte-te. — E quem he o que o póde fazer sempre? Nem sempre a abundancia he companheira do desejo, da abundancia são sempre companheiras a saciedade, e o tédio; nem ha variedade no Mundo que possa obviar os ataques destes dois importunos inimigos. Os mesmos sentidos são muito limitados para a immensidade dos appetites. E quanto he alteravel de huma hora para outra a natureza do corpo humano! Está acaso na tua mão fazer que te não dôa a cabeça, e o ventre? Não. Logo, a tua bemaventurança não está no teu arbitrio, mas no arbitrio da Fortuna.

Mas sejão para o *Illuminado* favoraveis todas as coisas: quem póde

viver contente, e satisfeito da propria sorte? Digo, que absolutamente não póde. Levanta, ó homem, os teus olhos do lôdo, e escuta as vozes da natureza, e se repugnas, ella te obrigará de tal maneira que te verás constrangido a escutallas, ainda a teu pezar. O sentimento da propria dignidade, e a idéa do optimo, são duas coisas tão altamente estampadas no animo do homem, que jámais se apagárão, nem deixárão que Epicureo algum seja bemaventurado em seus prazeres. Expoñhamos em maior luz huma, e outra coisa. Digo em primeiro lugar o sentimento da propria dignidade, e daqui deduzo o desejo da honra, e o odio do aviltamento, e do desprezo. E com effeito, quantos estão promptos a sacrificar pela honra, não só o prazer, mas o repouso, a saude, e a vida? He hum milagre achar hum animo tão estupido, e tão vil, que não seja sensivel ao aviltamento e ao desprezo. E que outra coisa quer isto dizer, senão que o homem he hum objecto mui grande, e que se conhece tal, sejão quaes forem as circunstancias em que se ache, e que se ressente de qualquer afronta como indigna delle? O homem

tem hum senso intimo da sua superioridade sobre todos os animaes, e he tal esta superioridade, que elle se julga seu senhor, e soberano, e exercita este senhorio como sobre huns Entes de natureza inferior; coisa tão verdadeira, que o mais insignificante homunculo julga huma afrontosissima injúria ser chamado bruto. E que será se se dér hum tal nome a pessoas illustres por estado, por educação, por saber, por grandeza de idéas, e de espirito elevado? E esta he em substancia a honra que os *Illuminados* fazem ás pessoas mais qualificadas. O que acabo de dizer he bastante para confirmação de quanto expressei: por isto cessa o assombro do motivo porque os maiores homens da Antiguidade olhárão com tanto desprezo para a doutrina, e moral de Epicuro. Esta doutrina póde convir aos brutos, mas para os homens, e maximamente para os homens grandes, he huma verdadeira contumelia. Dizei a hum Cyro, a hum Themistocles, a hum Camillo, a hum Africano, que são outros tantos brutos, nascidos para vegetarem, e depois para morrerem, e acabarem de todo, e em tudo, e que devem depréssa correr todos os

prados, e colher as rosas dos prazeres antes que se murchem, e desvaneção. Oh! que indignidade! Parece-me que estou vendo aquellas grandes almas indignadas ficarem á primeira vista incertas, se quem assim lhes falla seja homem da mesma natureza, ou seja bruto em fórma humana! Parece-me, que lhes vejo voltar com desprezo as costas, e dizer: Ide, almas dignas da brutalidade que assoalhais!

Digo em segundo lugar, que á bemaventurança dos *Illuminados* repugna a idéa do optimo. Desta observação somos devedores ao primeiro discipulo de Socrates, pela excellencia de seu engenho chamado o Divino, o qual ensina, que ainda que a maior parte dos homens seja transportada, e seduzida pela idéa do prazer, não póde ser bemaventurada, porque tem hum grande adversario na idéa do optimo, que se lhe tem de encontro, e lhe lança em rosto a sua turpitude, e a sua loucura. E na verdade, que coisa he deixar dominar da idéa do prazer? He propriamente huma especie de Mundo ás avessas, o inferior que se levanta, e o superior que se abate, o cego que guia o que tem olhos, o servo que

commanda, o senhor que serve; e por este modo o homem se transforma em Centauro, em Minotauro, ou em peor monstro, em que a parte brutal predomina a humana, o corpo a alma, o appetite o entendimento, a concupiscencia a razão. Infame desordem, e insupportavel ao homem de bem! Eu sou grande, dizia Seneca, e gerado para coisas maiores que o ser escravo do meu mesmo corpo. E onde, e quando se acha esta bemaventurança? Oiça-se Agostinho, o qual pela agudeza do engenho, pela solidez do juizo, e pela vastidão dos conhecimentos póde bem ir a pár dos maiores, e mais sublimes Filosofos: « Encontra-se a bemaventurança, diz elle, quando se ama, e se possue o que he optimo para o homem„. Busquemos o que he optimo para o homem; por ventura o prazer? Para o maior número, que he o dos fatuos, póde ser, mas não para o homem que seja verdadeiramente e que deseje ao menos encarar a sabedoria. O homem Filosofo attende, e busca só o puro deleite da alma, e despreza os prazeres do corpo; porque as coisas incorporeas são, entre todas, as maiores, e mais bellas. E quem póde duvidar disto con-

servindo o senso intimo da humanidade? Digão os *Illuminados* se estimão como mais púra a substancia da comida, e da bebida, e de todos os prazeres sensuaes, que a sciencia, o crédito, a estima, e a benevolencia dos homens? Se lhes fosse dada a escolha que quererião ser, hum Sardanapálo, ou hum Scipião Emiliano? Se ficão indecisos, não são homens, nem conhecem, que o animo he de sua natureza mais forte que o corpo, por isso os prazeres, e as dores da alma prevalecem aos deleites e aos tormentos do corpo. O optimo de que falla Agostinho, não he absolutamente hum bem incórpóreo; nem por isto me digão os *Illumindos*, que elles tambem gozão prazeres incorpóreos no meio das delicias sensuaes, e que os podem unir, e ligar entre si. Mas enganão-se, destes mesmos he senhora a Fortuna, como diz Marco Tullio: *Vitæ beatæ domina Fortuna.* — Quantas vezes donde se esperava louvor e favor, vem odio, e vituperio? Todo o bem da sciencia he destruido pela inveja, e pela tortuosa intriga. Eu desejaria saber como possa consistir nisto a bemaventurança, quando me lembro de hum Socrates

calumniado, de hum Jorge de Trebizonda esquecido, de hum Lourenço Valla, e de hum Angelo Policiano perseguidos.

O mesmo Socrates nos leva mais avante, quando nas tristissimas circunstancias em que se vira, põe huma grande distincção entre os mesmos bens incorpóreos; e nós lhe devemos dar crédito, porque elle conhecia mui bem, huns, e outros: diz pois d'estes ultimos, fallando de Aníto, que procurava juntar riquezas, lustre, e honra sem curar da verdade, e da virtude: — « Eu lhe clamarei que tenha em nada as coisas de summo preço, e que dê summo valor ás coisas que lhe parecem nada. » — Sentença digna de tão grande sabio! He bem ordenada aquella Cidade em que os inferiores obedecem aos superiores, e os superiores obedecem aos dictames da razão; e he bem ordenado e feliz o homem, no qual os appetites estão sugeitos á razão, e a razão está igualmente sugeita á virtude. Nem de outra maneira se póde conseguir a boa ordem, nem sem a boa ordem póde haver paz, nem sem a paz póde haver felicidade; e eis-aqui ligada em estreito vinculo, como a razão

quer, a pública com a particular felicidade. Mal conhece a Virtude quem se persuade poder sem ella, e longe della viver feliz. Só ella he na Terra aquelle optimo, que póde dirigir o homem e fazello melhor. O homem, se não he unicamente, he principalmente a sua alma, e ninguem poderá duvidar, que só a virtude póde fazer a alma melhor, e optima. E he só a verdadeira, e sólida virtude o que falta aos miseros *Illuminados*. Não esperem, deslumbrar-nos com os seus especiosos titulos de virtude, honestidade, e sapiencia. Já sabemos onde se dirija tudo isto, que he áquelle desgraçado saber viver, que he tão commum ao vicio, como á preconizada virtude. A virtude que nos conduz á perfeição e felicidade, he a virtude que tem a sua raiz na dignidade do homem, e que dirige sua frente á magestade, e providencia de Deos. Eis-aqui o verdadeiro Filosofo; e que relação ha entre esta Filosofia, e dos *Illuminados*? E que será se se confronta a Filosofia dos *Illuminados* com a Religião Christã? A Filosofia dos *Illuminados* lisongea-me, porém envilece-me; distingue-me do povo, mas torna-me similhante ao bru-

to. Conserve embora suas caricias, eu não ambiciono simillhantes distincções, antes quero viver confundido com a plebe mais inculta: se não for admittido aos mysterios filosoficos, não terei a fama de *Illuminado*, mas terei a consolação de me julgar simi'hante a Deos, e mediante a sua graça, seu filho, e seu herdeiro. Se a minha Religião me priva na Terra de algumas ventagens, compensa-me esta falta com a promessa de melhores, e maiores; em vez da Terra me promette o Ceo, onde possa ser bemaventurado eternamente. Talvez que os *Illuminados* se rião destas minhas imaginações; mas quem de nós vivirá mais contente, eu com o povo, ou elles com Epicuro? Eu em tão alto estado para com Deos, ou elles em grão tão baixo no meio dos brutos?

He grande, eu o sei, o predominio que tem sobre a nossa alma o bem presente, e sensivel; mas he preciso advertir, que se a Filosofia dos *Illuminados* me concède alguns destes bens, tambem me rouba outros. Porque, que estima se póde dar a hum homem que por seus sentimentos mal se quer distinguir dos brutos? Eu confesso a verdade, se esta Filosofia me entrasse na

alma, no mesmo instante perdia toda a veneração que eu conservo ao genero humano. E que soccorro me póde dar em minhas necessidades? Eu não oiço mais que gritos de humanidade, humanidade! Eis o que se escuta aos *Illuminados*. E que humanidade póde ser esta em huma alma brutal? Piedade? Compaixão? — Olha aquelle miseravel insecto que está para morrer, não desprezes a tua carne, he composto da mesma materia de que tu hes composto, se tu o não soccorres, aquella máquina que falla, aquelle moinho que raciocina, e se chama homem, se perde e se desvanece. — Peroração na verdade efficacissima! Ah! *Illuminados*, aparte Deos de vós todas as disgraças, para que não possais experimentar a humanidade que nos ensinais! O que hum Cão dá a outro Cão, seria o soccorro que de vós se podia esperar. Aquellas pessoas que mais lisongeais, e a quem dirigis maior adulação, serião as que mais depréssa vos abandonassem, e desprezassem, principalmente quando se lembrassem que o vosso principio fundamental he buscar sempre o seu maior prazer. Qual he aquelle que se póde comprazer do

espectaculo da miseria alheia? Segundo este principio todas as coisas seriāo licitas, e louvaveis, e com toda a razāo se poderia dizer com Aristófanes: — « Agora que me fiz Filosofo tenho o direito não só de abandonar meu pai, mas de o espancar, e tratar peor que he hum Cão; e porque o não farei, se isto me apraz, e deleita? » — Principio horrivel! e mais horriveis as consequencias!!

Graças infinitas á Religião, principalmente á Religião Christã, que de outra maneira provê á nossa honra, e á nossa conservação! Ella não dissimula a nossa vileza para quebrar a nossa soberba, nem menos esconde a nossa dignidade para realçar a nossa cobardia, e despertar os vivos cuidados de huns a beneficio dos outros. Ella nos diz que o nosso corpo he de barro, mas que a nossa alma, he toda espirito, e que hum, e outro são obras de hum Supremo Artifice, que os enriquece de seus preciosos dons, e os vigia com hum paternal amor. E quem desprezará o homem, acreditando-o tão honrado por Deos? Nada ha que se possa comparar á honra que fez Jesu Christo á nossa humanidade, consa-

grando-a, e deificando-a de algum modo, quando se unio a ella. O mais miseravel de todos os escravos tem com isto na frente hum caracter amavel, e venerando até aos maiores Principes da Terra. Oh! Jesu Christo! Oh pai! Oh amador verdadeiro dos homens! Quem similhante a vós vio, ou pôde ver o Sol? Desceo com elle a caridade dos Ceos. E quando vio o Mundo tantas obras de caridade senão depois que Jesu Christo viveo entre nós? Onde triunfou mais a humanidade, onde floreceo mais que em o Christianismo? No seio do Christianismo se vírão, e se vêm ainda pessoas da mais alta jerarquia prestar serviços aos Lazaros mais ulcerosos. O *Illuminado*, todo humanidade em su s palavras, todo desprêzo, e crueza no coração, não merece mais que o desprêzo dos homens por seus documentos. Isto deve ba tar para concluir victoriosamente em favor da Religião, tanto a respeito da felicidade particular, como da felicidade pública: e bastaria, se fosse só a razão a que sentenciasse em tão grande controversia; porém com a razão se assentão, senão juizes, ao menos advogados, a concupiscencia, e a fanta-

zia; huma não se sabe separar do prazer que a Filosofia lisongeira lhe promette, outra não se sabe acommodar ao constrangimento, nem ás sevéras coisas que ameaça a Religião. Apertemos mais sensivelmente a primeira, e desenganemos mais visivelmente a segunda, para que se manifeste a púra verdade, que só póde servir de guia para a vida bemaventurada: para este fim reservo as tres ponderações seguintes.

CAPITULO XIII.

Sobre o prazer que a Filosofia dos Illuminados nos promette.

O PRAZER, já o disse, o prazer he o grande argumento com que a Filosofia dos *Illuminados* expugna os corações humanos, argumento fortissimo, não por força geometrica, mas por certa força amatoria mais poderosa que toda a Geometria. He huma especie de fascinação, ou encanto que arrebata os animos, fazendo-lhes crer, que existe a bemaventurança onde se encontra maior prazer. Nisto se emprega, e disto faz pompa toda a illuminada Filosofia. Ora eis-aqui hum Dilêma, que, se me não engano, invencivelmente conclue, e fecha todo o subtergio, seja qual for o prazer de que se trate. Escutem, meus Senhores, com a maior attenção que lhes for possivel: = Ou o prazer que esta Filosofia concede, he conforme á virtude, ou não he. He

conforme á virtude? Logo, he conforme á Religião, digo á Religião Christã, já que esta não he de genio tão austero, que queira ver sempre de luto os seus sequazes, e ainda que ella aconselha a austeridade pelas ventagens que della provêm, não véda o prazer senão quando he contrario á virtude. E para que he excluir esta Religião como opposta, e repugnante á propria felicidade? Não se póde imaginar coisa mais louca: porque querer viver tão virtuosamente como a Religião prescreve, e refutar esta Religião, he o mesmo que querer o rigor da Religião, e não querer os seus confortos, querer todo o amargo da virtude, e não querer a sua maior doçura; porque está clarissimamente demonstrado que a virtude recebe da Religião os seus mais amaveis, e sublimes dotes. Logo quem não quer prazer senão conforme á virtude, e depois disto regeita a Religião, diminue e atenúa o prazer, não augmenta a bemaventurança, contradiz-se a si mesmo, e engana os outros. E se o prazer que elle quer não he conforme á virtude! Ah desgraçado, exclamo eu, desgraçado! Deixaste em fim cahir a máscara, e o prazer que propões e

tanto exaltas condescende com o prazer do vicio, e em quanto os outros Filosofos fazem todos os esfórços para promover os bons costumes, tu hes o Filosofo que promove a immoralidade. Dissolutos pois, effeminados, deshonestos, viciosos de todas as maneiras, vinde, achou-se huma Filosofia que he toda vossa, e até dos brutos pois parece ensinada por elles. Alegrai-vos, saciai-vos; mas não espereis achar no vosso prazer aquella bemaventança, que o vosso coração tanto deseja. Os brutos a acharáõ, porque não tem outra idéa e outro desejo mais que o do prazer sensual. Vós, a vosso pezar, tendes a idéa do optimo, tendes o desejo da honestidade, e da virtude de que viveis privados; e acaso sentís bem a dôr acerba de tanta privação? Ainda que os outros se não misturem comvosco, vosso mesmo animo se envergonha de si, e se exproba a si mesmo a sua turpitude; senão fordes do número daquelles que chamão ao pejo fatuidade, á temperança cobardia, á modestia rusticidade, á lealdade simpleza, á justiça huma generosa loucura, á injustiça siso, e prudencia. Mas para pensar assim, a que abysmo de maldade

he preciso ter chegado! Eu não me posso persuadir de modo algum que haja homem no qual esteja extincto até este ponto todo o lume da Razão, e da Natureza. Póde o homem fallar como quizer, mas não póde sentir como quizer. O vicio he segundo a paixão, mas he contra a razão; a razão annuvia-se com as más obras, não se extingue: assim mesmo annuviada lampeja, e fulmina como vingadora de seus ultrajadores. Logo, onde está a bemaventurança?

Mas se de toda a sorte quereis a razão não só annuviada, mas extincta, seja assim; sereis por isto bemaventurados? Não por certo. Tirado o lume da razão, eis-aqui prêza das vossas paixões, das paixões dos outros. E vós, meus Senhores, vós Filosofos, conheceis bem estas féras? São lisongeiras á primeira vista, depois atormentadoras, e finalmente homicidas. Se vós pensais, affagando-as, ser felizes, bem mostrais que só as conheceis na superficie. Tirai-lhe os véos, os quaes existem dentro, e fóra de vós, e conhecei as suas verdadeiras qualidades. Quando desertais do Imperio da razão cahis em poder das paixões desordenadas, e são

desordenadas, porque não estão subordinadas á razão. E por ventura qualquer paixão desordenada não he huma enfermidade da alma, como nos ensinou sempre a boa Filosofia? He huma febre a nossa avareza, he huma febre a nossa luxuria, he huma febre a nossa ambição, e febre que nos inflamma, e destroe a alma não menos que as outras febres inflammão, e destroem o corpo. E no meio de tanta enfermidade, poderá o homem ser bemaventurado? Tanto mais apartada está de nós esta bemaventurança, quanto mais vizinha no la promette a paixão com seus desafogos. A paixão sempre mistura os toxicos ao seu mel: he primeiramente a conselheira dos delictos, e depois he o algoz dos delinquentes. Quem poderá assaz dizer quão inquieta coisa seja huma paixão, quão violenta, quão incontentavel quando he dominante? Hontem eras seu senhor, hoje hes seu escravo. Não tens paz em quanto ella não está saciada, e por ventura está sempre em teu poder saciar a paixão? E quando huma paixão contrasta outra? O appetite irascivel (para me explicar nos termos dà escola antiga), está sempre em guerra com o concupiscivel. E quando disse huma

paixão que he violenta, basta? Se queres saber a verdade, não creias no rosto, não creias nas palavras, entra nos penetraes do animo, e tu verás como sempre ha ahi necessidade de mil coisas. A paixão, que ao principio he modesta não conhece limites, he hum sorvedeiro, he huma vo agem profundissima. Vai, e se pódes, satisfaze-a de todo. E senão a pódes satisfazer, oh que tristes dias se te apparelhão! Que agitações, que anciadade, que melancolia, que transportes, que furores, que desesperação! E são estas as doçuras que a paixão póde dar ao Filosofo *Illuminado*? Nem de outra sorte pensavão os mesmos Epicureos. Hum dos mais illustres entre elles disse com palavras expressas: — A vida he amargosissima debaixo do dominio das paixões. — O mesmo Epicuro affirmou em hum accesso de razão, que não podia haver jucundidade, e alegria, onde não houvesse virtude, e sapiencia. Mas para que tirou elle á sapiencia, e á virtude os seus melhores tymbres, tirando a dignidade ao homem, e a providencia a Deos? — Porém Epicuro só quiz, que toda a sua virtude, e sapiencia consistisse em temperar as pai-

ções de maneira que dellas se tire o doce, e se deixe o amargo — Sapiencia de louco, e virtude de vicioso! Que virtude he esta, que deve servir o vicioso? Que Sapiencia, servir ao vicio só por metade! Querer fixar-se neste meio, he querer o impossivel, e he não gozar nem os prazeres do vicio, nem os da virtude.

Se houvesse alguma indole tão rara e tão feliz, que se conservasse naturalmente nesta medianía, que não póde dar a sapiencia Epicurea, ser-lhe-hia necessario com os Deoses de Epicuro hir viver para os *Intermundios.* Como poderia ter paz com os homens, e entre os homens? Como poderia habitar a moderação com a desordem? Se as tuas paixões te não movem guerra, mover-ta-hão por certo as paixões dos outros. Parece-me ver hum manso cordeiro entre mil cabritos insolentes, ou entre lobos esfaimados, e sanguinolentos. Desgraçado de ti, que farás? Resistencia? Eis aqui mil pleitos, e contendas. — Recorra-se ao Tribunal competente. Os *Illuminados* são os juizes, os *Illuminados* são as partes. — Todo o homem tem direito de fazer o que lhe apraz, e dirá o Juiz, pois eu

que sou superior ficarei de peor condição do que aquelles que estão sugeitos? Eu sacudirei igualmente o author, e o réo, e dos despojos d'ambos me enriquecerei. Eis-aqui a felicidade que dimana da livre satisfação das paixões! Pelo contrario na Religião Christã prohibe na verdade o prazer das paixões desordenadas, mas tambem prohibe o damno que dellas nasce, que ainda he maior que o mesmo prazer. Dá menos desafogo, mas tambem dá menos trabalho. Deixem os *Illuminados* de se deslumbrar com huma bemaventurança que os deshonra, e que os envenena: esta bemaventurança he toda imaginaria, e mentirosa. Restão ainda os fantasmas que se costumão juntar á Religião para a tornar formidavel; mas que se desvanecem ao mais ligeiro toque, o que farei no seguinte Capitulo.

CAPITULO XIV.

Sobre os deveres que a Religião impõe, e a liberdade que a Filosofia promette.

A Religião impõe Leis, e as Leis são para o homem o que são para o bruto os carceres, e as cadeias. A Deos pois liberdade; amada liberdade, a Deos: para ella nascemos todos, e sem ella ninguem póde ser feliz. Faze á avezinha que acabaste de tomar no visco o mais delicioso tratamento, será sempre infeliz em quanto for prisioneira. Não conhece que bem seja a liberdade, nem he digno de têla aquelle que póde viver contente privado de liberdade. — Assim discorrem os *Illuminados*, e com taes expressões todos entendem, que elles não fallão daquella liberdade propria do homem intelligente, e racionavel, por virtude da qual, entre diversas e contrarias coisas propostas, escolhe a seu arbitrio a que mais lhe

apraz. Nem as humanas, nem as divinas leis tirão esta liberdade, antes as mesmas leis a suppõem, e a conhecem. Não, não he esta a liberdade de que elles fallão, he de outra liberdade propria do bruto, que não conhece lei, nem moralidade alguma, e só executa aquillo a que o move, e impell o seu apperite; a isto não se deve chamar liberdade, deve se chamar licença, e esta licença he tão cára aos *Illuminados*, que de bom grado renuncião á verdadeira liberdade, querendo ser irracionaveis para que possão ser licenciosos. Ao menos, contentassem se daquella licença de que se contentão os animaes brutos. A ave não se inquieta com os mares, e com as montanhas que se oppõem aos seus vôos, e até pouco a pouco se accommoda com o breve recinto de huma gaiola, que lhe não seja avara das coisas convenientes á sua natureza. O *Illuminado* quer que á sua vista se callem todas as leis, e que todo o Mundo ceda a seu filosofico desejo. Excessiva, excessiva liberdade, digna de ser reprimida por todos os Poderes, já que ella he inimiga de todos os Poderes. Mas digão-me, que liberdade he esta? He a liberdade de

obrar bem ? Eu vejo que este fôra o desejo das mais eminentes cabeças em Filosofia, e que os mais sublimes Legisladores deixárão sempre livre a faculdade de obrar bem ; para isto não se ligárão as mãos a ninguem. E como se poderião ligar, se o alvo de todos os Legisladores foi o bem obrar de seus subditos ? Porém se a liberdade que tu buscas he sómente a liberdade para o bem, socega, e consola-te, o Christianismo te dá esta liberdade, quanto se póde dar, e ta concede em toda a extensão. Faze francamente quanto pódes pensar, e desejar de bem, a nossa Religião em vez de te suspender, te impelle, e te conforta. A Religião nem te tira o arbitrio das outras coisas que são de sua natureza indifferentes, porque se podem fazer boas com a intenção do operante. E quem se não contenta com isto?

Eu quero, diz o *Illuminado*, eu quero fazer o bem, mas sem obrigação alguma de o fazer. Agrada-me a virtude, mas livre do jugo da lei como o era na idade de oiro. A lei tira á virtude o seu prazer, tira lhe o maior preço, que he o de ser effectivamente livre. Ah! *Illuminado*! Que dizes?

Não se póde conhecer preço algum na virtude apenas della se remove a vontade do Supremo Legislador. Com esta se torna a virtude sobrehumana, e divina, nem se póde esperar della hum fructo mais agradavel que a divina retribuição. Mas que simplicidade he querer em huma idade toda de ferro, e de lôdo, introduzir todos os privilegios de huma idade de oiro, que se nos representa, e descreve sem lei alguma, e que apenas existio na imaginação dos Poetas? Bella liga, e harmonia faz o lôdo verdadeiro com oiro fingido! He muito suspeita esta virtude, e talvez tão imaginaria como a decantada idade de oiro. Se tu amasses sinceramente a virtude, amarias tambem a obrigação, e a lei, e se tu amasses a lei esta te seria tão suave, como se com effeito não existisse. Sabes a quem he pezada a lei? Aos viciosos; e ella se impõe aos viciosos como hum grave jugo. Impõe-se aos injustos, aos revoltosos, aos impios, aos malfeitores: não se impõe ao homem justo. E porque? Porque a lei he para elle o mesmo que o amor da justiça, e lei de amor he lei de liberdade, daquella verdadeira liberdade

que Christo nos deo, e que despedaça os laços da concupiscencia. Daqui se segue pela razão opposta, que quem se diz aggravado da lei, não ama a justiça a favor da qual se fez a lei. Quem quer a virtude em tudo arbitraria não quer absolutamente virtude. Rasgue se de huma vez o véo a esta miseravel hypocrisia. Tu queres fazer unicamente o bem que te apraz, e como, e quando o queiras fazer; queres virtude, porém virtude conforme ao teu capricho, e virtude que não he por titulo nenhum virtude. Nada ha mais contrario a todas as virtudes, que tão desmedida liberdade, até ás virtudes civís, e mundanas. E deste discurso talvez que muito alto para os entendimentos materiaes; desçamos á coisas mais sensiveis, e planas. Dizei me, *Illuminados*, a que grandes coisas está disposto hum animo educado no seio de huma similhante liberdade? Volvei os olhos á antiga Corte da Persia; que grandes homens, Cyro, e o primeiro Dario? Aquelle não só conquistador, mas Imperante tão magnifico que mereceo os louvores de toda a antiguidade; este Legislador tão sabio, que por longo tempo com as suas leis se tornou

feliz aquella vastissima Monarquia. E como forão educados? O primeiro, principalmente no constrangimento de leis tão sevéras, que porião medo á delicadeza do nosso seculo. Os seus successores forão educados no meio daquella liberdade bemaventurada que os *Illuminados* buscão: para elles não havia outra lei mais que o proprio genio; e por isto não se póde duvidar que toda a sua virtude seria conforme a seu proprio genio. Quaes serião pois, e quantos os seus Heróes? Ouvi. Desde aquelle tempo, nenhum dos Reis da Persia foi grande senão de nome. He observação de Platão no terceiro livro das suas leis, e fundada nos monumentos da mais verdadeira Historia, observação terrivel a todos os grandes, e áquelles que aspirão a ser grandes, e que julgão o primeiro direito da grandeza, huma liberdade, que quanto he maior, tanto mais os abate, e faz piquenos. Ah! quão grandes talentos, quantas indoles generosas se desfizerão em fumo, e se desvanecêrão na escola da liberdade! Assim acaba sempre o falso gosto, ou a falsa honra da liberdade, que os *Illuminados* imaginárão, e se fingírão! Mas não passasse delles tão

grande mal! Quem não sabe pela actual experiencia, que esta liberdade abrio o campo vastissimo para as desgraças de que o Mundo todo foi victima? Nunca Athenas, nunca Siracusa, nunca Roma forão tão disgraçadas como na época em que forão mais livres. O homem foi creado para viver em ordem, porque nasceo para viver na sociedade: deve viver ordenado dentro em si mesmo, porque está em sociedade com seus appetites, bem ordenado fóra de si, porque está em sociedade com os outros homens. Ora, não póde haver boa ordem sem dependencia, nem dependencia sem lei. Desgraçada Cidade a quem fossem tiradas as leis humanas, e muito mais desgraçada se lhe fossem tiradas as leis divinas! A exorbitante liberdade degenéra em acerbissima, e torpissima servidão. Nesta servidão cahio Athenas, e cahio Roma; e em servidão ainda maior cahio todos os dias o homem debaixo do imperio das suas, e das estranhas paixões. Tirem-se aos homens os laços da Divina Providencia, e os homens sentiráõ logo os barbaros Tyrannos que os dominão, e verão mil braços armados para os offenderem. Todas as Cidades serão huns

receptáculos de salteadores, ninguem estará seguro dentro em seu mesmo domicilio. Queres tu que as mãos alheias estejão ligadas, e te não fação mal? Soffre que as tuas o estejão tambem.

Digno de ferreas, e pezadas cadeias me parece aquelle, que, embaido de sua louca liberdade, arremeça as cadeias de oiro e perolas que o nosso Pai celestial lhe lança para sua honra, e para sua defensa; digo para sua honra, porque são vinculos de probidade, de fé, de justiça, e de todas as apreciaveis, e divinas virtudes: digo tambem de defensa, porque a maior parte das leis Divinas se encaminha realmente a tornar o homem sagrado, e inviolavel. Que direi da lei da Caridade que Jesu Christo dictou, pela qual quantas mãos estavão até levantadas em nosso damno, se destinárão logo para nosso soccorro? E se esta he a lei mais principal, mais urgente, mais indispensavel depois da caridade, ou do amor para com Deos, a que se encaminha senão a mostrar que depois de Deos não póde haver outra coisa mais digna dos nossos cuidados do que o homem! Christo de ambas estas leis fez huma só, ou fez o compendio de toda a lei, porque não

póde amar a Deos quem não quer amar o homem, (porque o amor do homem comprehende em si tudo quanto exige o amor de Deos. Hum miseravel que procure soccorro não vai só, Jesu Christo se declara seu companheiro, vai com elle, cobre-se com a sua mesma miseria. Vai piedoso, se tu tens entranhas de piedade; vai ira-o, se a avareza, ou indolencia fecha teu coração. Oh! amavel lei! Oh! sagrados e preciosos vinculos, vinculos mais amaveis que toda a liberdade a quem ama a humanidade! E tu, ostentador de humanidade, poderás ser inimigo de huma lei tão santa? Eu bem conheço o motivo, eu o devo patentear destruindo o mais horrendo espantalho que a impiedade impõe á Religião.

CAPITULO XV.

Sobre os terrores da Religião confrontados com a tranquillidade Filosofica.

EIS-AQUI a causa principal, e talvez que a unica, nem lei, nem dignidade, nem Providencia, nem Religião, o temor dos supremos, e tremendissimos castigos. Eis-aqui o que faz tremer, enfiar, e desanimar os *Illuminados*. Esta he a semente da inimizade, e da guerra declarada á Religião. Porque, dizem elles, como se póde ser feliz conservando este temor dentro da alma? E como se poderá arrancar da alma este temor, se a Religião, onde está a sua raiz, ainda subsiste? Destruão, exclamão elles, a Religião, e nós seremos os libertadores do genero humano, e traremos ao Mundo a suspirada liberdade. Tal he o Epinicio que, encostado ao seu Epicuro, cantou o glorioso e festejador Lucrecio, e depois delle, aquelle famoso mestre, ora defensor, ora impugnador dos *Illuminados*, Bayle. Claramente disse, que se conservaria tranquillo neste Mundo, se estivesse certo que nada tinha que

temer no outro; não podemos duvidar, que dizendo — *tranquillo* — não quizesse dizer contente. Porque, que tranquillidade póde haver onde não ha contentamento? O animo o exige por necessidade de sua mesma natureza; e se o não tem, conserva-se em movimento, e em agitação para o conseguir. Logo, não póde ser tranquillo, quem não for juntamente contente. Ora viverá contente neste Mundo quem nada tem que temer no outro? Duvído muito deste contentamento. Poderá viver assim quem se sente degradado á condição, e ao destino dos brutos? Poderá viver contente quem se vê abandonado a si mesmo, e exposto a todos os golpes da Fortuna? Contente quem não espera nada do Ceo, e que á roda de si não acha senão bens escassos, e estes mesmos nem certos, nem puros, nem permanentes? Torno a dizer que duvído muito. Offerece se a meu entendimento a tyrannia das proprias, e das alheias paixões, a agitação interior; porque não ha ordem, onde não ha lei. E de que serve a lei onde não ha o seu maior vinculo que he o temor? Mas os *Illuminados* respondem, haja outra coisa que não seja o temor dos

divinos castigos. Eu pasmo á vista de taes sentimentos! E donde nasce tanta aversão? Será esta a aversão que tem hum malfeitor ao Tribunal que o condemna? He dura coisa, e terrivel cahir nas mãos de hum Deos vingador! Tambem he coisa horrivel ser por sentença dos Magistrados encarcerado, condemnado, enforcado, esquartejado! Porém os homens de bem não se revoltão, nem indignão contra os Magistrados. Vejo que todos os bons querem tribunaes, e supplicios, capazes de encher a maldade de terror, e só a maldade aborrece, e detesta a justiça humana. E succederá o mesmo a respeito da justiça Divina? Oh *Illuminado*, dize-me de boa fé, quando começaste a viver descontente desta justiça? Talvez que naquelle momento em que ella começou a ser descontente de ti. Não he pois de admirar que o réo aborreça o seu castigador; o ladrão aborrece o seu Juiz. Hum bom Principe não aterra senão quem obra mal, só os malfeitores o temem. O meio he bello, e he prompto: obra bem. Com effeito tu não tinhas estes medos, e estas aversões quando a tua consciencia te não exprobava delicto algum. Repas-

sa pela memoria alguns annos da tua vida, acharás que o espantalho filosofico teve principio, quando teve fim a tua innocencia. Isto he impostura, diz o *Illuminado*, eu sou hum homem de probidade, hum homem de bem. — Sim, eu to concedo aos olhos do Mundo, e por isso não temes a justiça do Mundo; mas serás o mesmo aos olhos de Deos? Responde-me, sim, ou não. Dizes que não? Logo a tua mesma improbidade te confunde. Dizes que sim? Logo confunde-te a tua mesma probidade. Pois tu hes homem verdadeiramente inculpavel diante de Deos, e aborreces a justiça de Deos? Logo hes o homem mais louco do Mundo, porque aborreces a tua mesma defensa, e a tua mais doce esperança; digo em primeiro lugar a tua defensa, porque a justiça Divina, muito melhor que a humana, vigía sempre contra a maldade, e terrivelmente ameaça quem intentar offender-te. Onde se não teme a Deos, quanto se devem temer os homens? Não vez que serias o alvo de todos os golpes? Digo em segundo lugar a mais doce esperança, porque quando se trata de huma providencia reguladora, onde não ha temor do castigo

não ha esperança de premio; e faltando esta esperança, ah! Quanto falta á vida humana! Quanto falta á mesma virtude! Dize a hum valente soldado, que affronta todas as fadigas, e todos os perigos, que não espere premio algum de sua coragem, e valor. Dize a hum homem de letras, que dias, e noites consome em estudos sevéros, que não conseguirá fructo algum de seu saber. De repente se lhe destruirá a alegria, e se lhe desvanecerá o valor. O homem nutre-se de esperanças, a esperança he o primeiro excitamento das emprezas arduas, he o primeiro conforto, he a primeira recompensa. A esperança faz que se goze do premio antecipado, até no meio dos mesmos trabalhos. E tu queres roubar-me esta mesma esperança? He este o conforto mais doce que eu tenho neste vale de pranto, he o mais firme sustentáculo da minha fraqueza, o apoio mais sólido da sempre agitada existencia, e combatida virtude. Tu queres arrancar-me do peito a esperança de huma vida immortal, e bemaventurada? Cruel! Eu vivo pela justiça, por ella morro; eu serei tratado como o que viveo, e morreo em a iniquidade? E deve o cora-

ção humano soffrer, e supportar tudo isto? Terá huma mesma sorte o cultor mais fiel da virtude, e o seu mais perfido violador?

O *Illuminado* responde, que a virtude he premio de si mesma, e que o obrar por motivo de esperança, ou de temor, he obrar como hum servo. — Mas huma virtude tão miseravel não póde ser o premio de si mesma, lhe respondo eu; nem julgárão obrar como servos Cyro, Teramene, Solon, ou Socrates, os quaes á vista da morte se consolavão com o pensamento de huma melhor vida, em companhia de outros Heróes. Tu hes o verdadeiro servo que, por temor dos supremos castigos, envileces a dignidade humana, e negas a Providencia Divina. Tu hes o servo, e o servo vilissimo, que não temes a Deos para temer mais os homens; não te embaraças com as recompensas celestes, para ambicionar mais as terrenas. Dest'arte a impiedade se desmente a si mesma, e se envergonha. N'outra parte se dará resposta áquelle apotegma não Epicureo, mas Estoico, da virtude recompensa de si mesma. Seja apologia da Divina Providencia remuneradora a mesma providencia

humana, que remunéra. Esta, segundo o parecer dos que não são loucos, em seu mesmo governo se serve dos premios e dos castigos. E porque se não ha de servir delles a Providencia Divina? Mostre-se, proponha-se huma razão porque hão de ser proprios estes meios de huma, e não hão de ser proprios de outra? Note-se huma ventajosa differença. A providencia humana usa de menos premios, e de mais castigos, coisa mais servil; porque nos crimes raras vezes dá o perdão ao arrependimento; pelo contrario, a Providencia Divina, he mais placavel, superabunda em seus premios, porque he mais providencia de Pai, que de Juiz, e de Principe.

—Mas aquelle inferno... aquelle inferno de immensas penas...—E aquella forca, digo eu? Mas nem huma coisa nem outra he para a virtude, he só para a tornar mais circunspecta, mais modesta, e mais perfeita, e quanto mais a virtude se aperfeiçoa, mais se dissipa o temor. Nunca li que Socrates, Platão, e Cicero se assustassem com as penas acerbissimas que elles acreditavão estabelecidas para os máos.—Mas eu não posso viver com este temor, diz

o *Illuminado.* — E nós, dizem os que o não são, nós não podemos viver sem esta esperança. Por tanto que partido se ha de tomar? A contrariedade dos affectos vem da contrariedade dos costumes. Eis-aqui pois o partido; todos os virtuosos, verdadeiramente virtuosos que tem muito que esperar, atenhão-se á Religião; especialmente á Religião Christã: os viciosos pelo contrario que muito tem que temer, lancem-se como malfeitores nos braços da Filosofia dos *Illuminados.* Assim todos ficaráõ contentes, huns cheios da desejada esperança, outros livres do odioso temor! Que digo eu contentes, e livres do odioso temor? Poucos momentos permanecereis nisto, ó *Illuminados*: dois tempos de grande, e attendivel consequencia se me põe diante; fixemos nelles os meus, e os vossos mais serios pensamentos.

CAPITULO XVI.

Sobre os dois attendiveis tempos a respeito da tranquillidade ou contentamento annunciado.

O PRIMEIRO destes dois tempos he o da adversidade, do qual parece que se não esquecêra o perspicassisimo Bayle, quando disse, que bem tranquillo estaria neste Mundo. Se elle restringisse a sua proposição ao tempo das coisas prosperas, talvez se poderia crer aquillo que elle affirma, toda a apparencia seria em seu favor, ao menos a respeito de certos que se podem chamar como Poeta — *filhos da galhinha branca*. Oh! que objectos de inveja! Briosa saude, forças inteiras, humor alegre, riqueza, graça, favor, reputação, respeitos, serviços, morbidos leitos, visitas agradaveis, mezas delicadas, cortejos, harmonias, jogos, espectaculos... E quem póde contar todas as suas delicias? E no meio de tan-

tas delicias, quem não deve viver tranquillo, e alegre? He verdade que de espaço a espaço surge, e se condensa alguma nevoa. Huma palavra, huma vista, hum gesto, huma suspeita, hum ciume... e que sei eu? Porém são piquenos males, e passageiros. Peores são certas reflexões que de quando em quando nascem na alma, capazes de envenenar todos os prazeres, porém dissimulem-se, deitem-se fóra. Nem nova, nem mandado, nem pensamento de coisa triste: viva-se como se não só a vida, mas a propriedade fosse perpétua, e immudavel. Que se póde desejar mais? Assim se vive contente neste Mundo, se com effeito o coração humano póde viver contente dos bens deste Mundo!

Mas a peor difficuldade não he esta. Dizei-me, *Illuminados*, estas coisas hirão sempre assim? Sempre haverá serenidade? Sempre primavera? E se succeder ao tempo alegre o tempestuoso? E se á fortuna prospera sobrevier a contraria? A doença, o desprêzo, a deshonra, o desampáro? Pobre, e desgraçado Job! Tão rico, poderoso, e venerado senhor como elle era, agora reduzido a hum monturo, e ludibrio

de sua mesma mulher? Mas feliz delle que tinha no coração outros principios que não são os dos *Illuminados*! Com o amparo de sua Religião, soube, do fundo da sua miseria, faz resurgir, com a mais alta esperança, a mais suave alegria. Então se mostrou ditoso, quando se vio como despojado desta vida, e quai renovado em huma melhor vida immortal. E ainda o Deos de consolação não se tinha mostrado nesta nossa fórma visivel, nem havia consagrado com as suas as nossas penas, nem com a sua tinha manifestado a nossa felicidade. Coisas com que os primeiros Christãos affrontavão os mais crueis tormentos, tendo em vista a sorte tanto melhor, e mais estavel que os esperava. Fosse embora esta esperança, e expectação huma pura lisonja de sua alma, não he disto que agora se trata, era comtudo huma lisonja deliciosissima, que convertia em mel dulcissimo o que era fel o mais amargo. E tu bemaventurada, e beatificante Filosofia, que consolação me dás quando me vejo no centro do abatimento, e da dôr? Dás me acaso hum nome illustre? Mas isto não he para todos; e depois quem me assegura que o meu nome ha de

permanecer em honra, ou em vitupe-
rio? Eu vejo que as mais altas reputa-
ções dos vivos, e dos mortos estão su-
geitas ás mais extravagantes alternati-
vas. Ainda que fique honrado o meu
nome, que me importa isto, se dentro
em pouco tempo ha de ficar extincto
todo o meu sentimento? Consolar me-
ha a complacencia de grandes obras de
engenho, e arte? Mas isto mesmo he
mui piquena coisa, e de poucos, e he
precisa toda a vaidade de Epicuro para
qualquer se recrear como elle fazia no
meio das suas dôres. Consolar-me-ha
a complacencia mais sólida das obras
virtuosas? Mas o homem sábio se de-
ve contristar com o espectaculo de seus
proprios méritos, que ficão sepultados
sem premio. E quaes são as obras vir-
tuosas dos *Illuminados*? São danças,
jogos, festins, espectaculos, passatem-
pos. Sim, diz Epicuro, a lembrança dos
prazeres gozados dá consolação em os
males presentes. E na verdade, lhe tor-
no eu, boa consolação para o que está
comido vivo de vermes hediondos, lem-
brar-se que já se víra engolfado em
delicias! Boa consolação para o que se
vê vilipendiado, e pizado, lembrar-se
que algum dia se víra no fastigio das

honras! Ensinai-me, bradava Mithridates derribado de altissima fortuna, ensinai-me a esquecer me do que fui. Tudo isto são huns nadas que tu pódes engrandecer, para mostrar engenho quando te vês em hum estado feliz. Huma profunda amargura nem se extingue, nem se adoça com estas superficiaes reflexões. Qual he pois o remedio sólido que a Filosofia illuminada te subministra no meio de tantas desventuras? Tremo, e envergonho-me de o dizer? O remedio que te dá, he o que resta a hum Jumento que padece, ou huma maça de ferro na cabeça, ou hum cutello na garganta. Eis-aqui a nobre sahida que nos dá nas desgraças esta bellissima Filosofia, que promette fazer-vos neste Mundo bemaventurados. Não imagineis que eu diga isto por capricho, ou por transporte. O *Illuminado* sente a necessidade disto em o seu systema, nem duvída volver contra si as mãos homicidas, antes vos exhorta a esta acção execranda, dando-vos hum exemplo em Lucrecio, que se deo a morte aos quarenta annos de sua idade, e o traductor Creech o imitou degolando-se na mesma idade. *Illuminados*, meditai hum pouco junto de hum ca-

daver destes pendente de huma corda: se vos apraz o seu fim, segui-lhe os principios, e quando vos sentirdes opprimidos dos males desta vida, hide com o laço no pescoço sepultar-vos em o tranquillissimo Nada. Mas suspendei-vos... Bayle vos chama: reflectís acaso na condição por elle exposta? Se estivesse certo que nada ha que temer no outro Mundo! Terrivel condição! Eu não sei se ella só basta para fazer desertar os homens das bandeiras daquella desgraçada Filosofia. Não tem em si atractivos que contrabalancem esta condição. Concedamos que tudo he neste Mundo tranquillidade, e contentamento, porém com esta condição: — Se estivesse certo que nada tinha que temer no outro Mundo. He preciso ter esta grande certeza, segundo o mesmo Bayle, se não, toda a tranquillidade, e contentamento se desvanece. Pergunto, tendes esta certeza liquida, e clara? Não vos resta nenhuma dúvida prudente? Não vos resta nenhuma obscuridade, nenhuma ambiguidade? Convence-vos huma plenissima evidencia que não tendes nada que temer? Pois communicai-me esta tão relevante evidencia. Tenho lido,

tenho perguntado, tenho buscado muito, nunca encontrei huma similhante evidencia. Mas que he o que vejo?... Bayle, o mesmo Bayle me assegura, que os *Illuminados* não fazem mais que duvidar, e que nunca atinão com a certeza. (V. T. 4.º Dic. pag. 44.) Posto isto, dirijo contra os *Illuminados* aquelle argumento dos antigos Epicureos, que elles dirigírão contra os malfeitores dignos da forca. Estes não podem ser felizes, porque passão miseravelmente todo o tempo da sua vida em continuado temor; porque ainda que se possão esconder á Justiça humana, não podem ter huma esperança certa, e indubitavel de lhe escapar sempre. Ora eu concluo comvosco, e contra vós com huma brevissima interrogação. Tendes esperança certa e indubitavel de não apparecer diante do Tribunal da tremendissima Justiça Divina? E se não tendes esta esperança, podereis viver felizes?

Muito peor se nos affrontamos com aquella imperiosa, e inexoravel senhora que se chama Morte, e chegamos ao segundo, importantissimo tempo, que propozemos. Ah! (me dizem os *Illuminados*), falla-me de outra coisa,

desterra essas negras, e funestas fantazias! — Fantazias, meus Senhores, fantazias? Isto sempre pareceo huma coisa mui grave á mais sábia Filosofia, que nos manda fazer da morte o objecto da nossa contínua meditação. Sobre este objecto quanto escrevêrão Platão, Cicero, Seneca, Plutarco, e outros muitos? E que póde ser a vida se se não cuida na morte? Parece-vos a vida humana huma Comedia, não he assim? Guardai-vos, se sois bons Poetas, que não acabe mal o ultimo Acto de que pende o mérito da vossa composição. E muito mais guardai-vos que esta, começada por vós engraçadissima Comedia, não acabe em funestissima Tragedia! A morte, dizeis vós, afflige, e enjôa, porque he hedionda, não porque he espantosa. — E que medo póde ella causar? Corrido o panno, e fechado o theatro, acabárão para vós todas as coisas.... Devagar, vos digo eu, se não tendes a já mencionada certeza, vós não sabeis se vos fica alguma coisa ainda atraz do panno, não sabeis se tudo está acabado, ou se começão então outras acções. Estais incertos entre o nada, e não sei que outra coi-

sa peor que o nada; se estais incertos, como podeis viver sem medo?

Quando o inimigo está a cem legoas de distancia, he coisa facil mostrar-se bravo, e valente. Eu quizera ver estes bravos quando o inimigo está na frente, quero dizer, quando a Morte vos pozer na garganta a gelada mão, então tereis animo, e intrepidez de a ver face a face! Poucos, diz Bayle, d'entre os impios, tem na morte o dom da perseverança, deshonrão-se, desmentem-se, morrem como os outros; — e queria dizer, inquietos, agitados, trémulos como todos os outros malvados, que esperão a justa remuneração de seus delictos. O mesmo Platão disse em o Livro primeiro da sua Republica, qu aquelle mesmo que antes escarnecia o báratro atormentador, nas vizinhanças da morte se lamentava, e cahia nos braços do desalento, e pavôr. Em summa, entre mil *Illuminados* não se acha hum Buckingan que possa escrever para si este Epitafio: *Morro incerto, e não turbado.*

Ninguem me diga que aquellas turbações são consequencias da superstição e preoccupação, que então se despertão quando o animo está enfermo no

corpo enfermo. Eu lhe poderia replicar com Lucrecio, que quando a morte se a proxima, as illusões desapparecem, e que então sahem finalmente do íntimo do peito as expressões verdadeiras, e que tirada a máscara ficão as coisas como em si mesmas são. Mas não discutamos agora se estes temores são racionaveis, tratemos só de saber se estes temores saião realmente do animo, ou não? A experiencia mostra que sim, e muitas são as almas chamadas liberaes que, no momento da morte, sentem o amargo daquella Filosofia, que na carreira de sua vida lhes pareceo tão doce. Ora pergunto, e he obra de hum bom conselho saborear-se em hum pouco de mel, e que depois seja para o paladar e para o estomago hum amargo absyntio, e corrosivo veneno? Hum principio risonho, vale acaso hum fim tão funesto, e triste? Póde acaso a vida mais alegre tornar-se jucunda, e agradavel, com a previsão de huma morte tão afanosa? Damócles infelizes, seduzidos em tão lauto banquete, mas com a aguda espada pendente sempre sobre a cabeça! Não me admiro de quem teme, admiro-me daquelle que se atreveo a dizer, — *Morro incerto*,

mas não turbado. Como he isto? Morrer incerto de se resolver em nada, ou de passar a outro estado peor talvez que o mesmo nada, e não se perturbar? Que será isto? Será valor? Ou será estupidez, e temeridade? Hum Socrates póde morrer não perturbado, antes contente; mas com a esperança de huma outra vida mais feliz. Despreza a vida, deseja a morte; mas com esperança que nutre de fazer passagem deste desterro para huma habitação mais ditosa. Ainda mais, entendo como hum Christão pio, e homem de bem com o soccorro da sua Religião, possa nutrir em seu peito muito mais rica, e muito mais firme esperança. E ainda quando se quizesse suppôr ou fingir enganadora a sua esperança, todo o seu grande mal se reduziria a haver-se privado de piquenos bens presentes, mas já teria participado com a mesma esperança dos immensos bens futuros; nem delles póde ser defraudado antes de se extinguir todo o seu sentimento: assim discorrêrão sobre este ponto Socrates, e Cicero como tão sabios que erão. Não he isto para os *Illuminados*; nada tem que esperar: e quanto tem que temer! Para se desterrarem

os temores do futuro, não se quer menos que toda aquella certeza que Bayle exige: *Se eu estivesse certo que nada tinha que temer no outro Mundo!* Mas aonde está esta certeza!

Ainda me adianto mais, e fortalecido com a solidez das coisas que eu trato, atrevo-me a apresentar aos *Illuminados* hum dilêma, que senão me engano lhes tapa toda a sahida. Ouvi: — Ou vós tendes a annunciada certeza de tornar ao nada, ou a não tendes: se a tendes, está diante de vossos olhos o abysmo do nada, que vos contrista; se a não tendes está diante de vossos olhos hum abysmo de penas, que vos perturba, e atormenta. Daqui não ha sahida; ou hum abysmo, ou outro abysmo; e eu sustentarei, que nem hum, nem outro vos deixa ser felizes; hum, e outro vos obriga a ser desgraçados. Desenvolvamos huma, e outra parte do argumento.

Finja-se em primeiro lugar, que vós estais certos do nada. E não tremeis á vista deste pensamento? Eu não vejo mais do que huma viva apprehensão de imminentes, insupportaveis tormentos, que possa tornar eligivel o nada como hum mal menor. Hum que se sinta afo-

gar, e que desespere da salvação, he o unico que póde racionavelmente aspirar ao nada, como a seu unico porto. Mas este desesperado não he o retrato mais horrendo de huma extrema miseria? Fóra destes casos, não ha coisa mais contraria á Natureza, nem mais horrivel que huma total anniquilação; porque a existencia he o principio de todos os bens, nem estes se podem gozar sem a existencia. Ora, querer hum total anniquilamento, he o mesmo que não querer a existencia, e por consequencia, não querer mais bem algum; e não querer bem algum, he acaso coisa natural, e humana? E como concorda isto com o amor innato, e necessario da propria felicidade? Poderemos ser ditosos em huma absoluta impossibilidade de todos os bens? Com o que acabo de dizer, se póde comprehender a força daquelle raciocinio não menos sólido que agudo do Grande Agostinho. Cada qual quer ser feliz, diz elle, não he assim? Logo quer ser; porque, quem não he, não póde ser feliz. Se quer ser, logo não quer ser anniquilado, quando quer ser feliz — Argumento invencivel, quando chega

a ser bem penetrado, e comprehendido.

Segundo entendo andárão muito errados aquelles Filosofos, que julgárão desnecessaria a duração para a humana felicidade. Por ventura os homens são brutos, que se occupem do presente, e nada pensem no futuro? E se pensão no futuro, podem acaso considera-lo com olhos indifferentes? Para procederem assim, he preciso esquecer-se que são homens. Mandai para o prado huma ovelha, fica de repente bemaventurada com a sua relva; e se a góza, não distingue o tempo da sua fruição? Entre nós hum menino do estudo não distingue optimamente o mez de férias de hum só dia? E góza do espaço do mez desde o primeiro momento; e quando vê approximar-se o fim deste mez, no meio de seu mesmo prazer se contrista. E não he verdade, que o homem quanto mais cresce em idade mais pensa em futuro? Observai agora, os brutos ainda que não pensem em o futuro, sentem por extincto, que a aniquilação he contraria á sua felicidade, e por isso com todo o esforço contrastão a morte. E os homens, que não só conhecem a morte, mas conhe-

cem a immortalidade? Fixem aqui o pensamento os *Illuminados*. A morte de sua natureza conturba os moços, e os velhos, e se muitos a buscão, correm para ella com os olhos fechados pelo interesse, pela gloria, pelo amor, e pela ira. Assim he, fechão-se os olhos, e então se caminha: nunca se busca a morte sem alguma paixão, porque a ultima coisa que expira, sempre he a esperança de viver. Os mesmos *Illuminados* confirmão o que eu digo. E porque não querem elles que se lhes falle na morte? Já não he tempo de dissimular, e fingir? O horror que se lhes descobre em o rosto, descobre claramente quaes sejão os seus pensamentos. Ao triste aspecto da morte, se ressentem aquelles mesmos que pensão que alli fica destruida a melhor parte do homem.

E que será dos outros que considerão na mesma morte a sua total destruição? Finja-se hum navio cheio de gente de toda a condição, de toda a fortuna, que corta os mares. (He de Plutarco huma similhante imagem.) Estão divididas as diversas porções de gente pelas diversas partes do navio. Huns repousão, outros chórão, outros se divertem. Eis-que de improviso se

levanta hum temporal que tinge todos os rostos de huma tímida palidez; ergue-se então hum homem de grande authoridade, que com rosto sereno lhes diz: consolai-vos, he verdade que não está aqui hum Piloto que nos governe, nem hum Deos amigo que assista, porém não temamos mal algum, alegremo-nos, daqui a dois instantes seremos todos engolidos das ondas juntamente com o Navio. — Oh! horrivel consolação! Julgo que a não quereria, nem agradeceria nem o mais miseravel grumete! E os outros que estavão em melhor condição, e que dentro daquelle lenho tinhão todos os seus bens, e todas as suas esperanças? Póde imaginar-se huma intimação mais cruel que a que este homem lhe acaba de fazer? Parece-me que vejo huns cahindo em mortal desmaio, e outros furiosos com a desesperação; parece-me que pegando do cruel consolador o lanção primeiro no fundo dos mares. E este consolador he Epicuro, e com elle os *Illuminados*.

Dirão que nada sente aquelle em quem acaba todo o sentimento. He verdade, respondo eu. Mas em quem existe ainda e tem sentimento? Tu nos fazes, ó *Illuminado*, a funesta intima-

ção, a nós que ainda existimos, e temos sentimento: tu nos constitues sobre a borda daquelle abysmo horrendo que se chama a anniquilação. Entendo como não sente aquelle que já está precipitado em seu seio, mas quem está a ponto de ser precipitado, e sepultado? Oh desgraçado de mim! Não existirei mais! Este unico pensamento me estontéa a cabeça, e me faz gelar o sangue. Hum mal eterno?... Ah! já o sinto sobre mim, isto he, huma privação de todo o sentimento, e de todo o bem, a qual jámais deve acabar. Assim horrorisado exclamava o mesmo Plutarco!

E que direi em particular das almas grandes, e verdadeiramente filosoficas, que tem por nada a vida presente, e como hum momentaneo fantasma, e que já fóra do corporeo carcere por natural instincto, como Aguias vôão sobre as azas de seus pensamentos ao Ceo, e á Immortalidade? Destes desejos, destas ancias conclúe Cicero, com a antiga Academia, no fim do Livro da *Velhice*, que são immortaes as almas dos homens; porque quanto melhores são por virtude, por talento, e por doutrina, com tanto maior fervor aspirão á Immortalidade: E eu con-

cluo tambem com toda a evidencia, que pelos principios do *Illuminismo* não póde ser o animo bemaventurado, quando se persuade que dentro em poucos instantes será anniquilado. E que bemaventurança póde haver á vista de huma anniquilação, que repugna aos nossos mais ardentes desejos? não póde haver bemaventurança para almas viz, e terrestres. Como podem ser bemaventuradas não gozando aqui bens alguns, nem esperando felicidade alguma depois desta existencia? E ainda quando as supponha bemaventuradas neste Mundo, como podem ter contentamento sabendo, que em hum momento perdem com a existencia todos os bens que tanto desejavão? Logo nenhum homem que viva certo de que ha de ser anniquilado póde ser feliz.

Se o homem não está certo da sua anniquilação, ainda he mais infeliz o *Illuminado*. Fugindo do pensamento da vida futura, foge do fumo para cahir nas chammas. Fica no meio de duas infelicidades, huma negativa, outra positiva, a primeira de não poder ser jámais ditoso; a segunda, de ser infeliz entre muitos, e gravissimos males. Para onde quer que se volva se lhe

póe diante dois abysmos, hum abysmo do Nada, e hum abysmo de tormentos, e Deos sabe quaes, e quantos, e de quão longa duração! E vós, ó *Illuminados*, na borda de taes precipicios podeis rir, zombar, tranquillizar-vos, e dizer que sois ditosos? Ah! se he esta a vossa felicidade... Sem inveja, meus Senhores, sem inveja....

Tenho concluido huma obra não grande em volume, mas grande em substancia, grande nos seus fins, e nas suas consequencias, que vem a ser o restabelecimento da boa moral, e da santa Religião, que só nos póde fazer verdadeiramente ditosos, pela destruição dos principios, e argumentos ou soffismas com que os *Illuminados* pretenderão combater, e arruinar huma e outra coisa. Os *Pedreiros Livres Illuminados* julgão-se invenciveis, e inconquistaveis nesta diabolica trincheira — Negar tudo; — ainda que se lhes diga o que fazem, e dizem, respondem: — *Nada disso he o que nós fazemos, e o que nós dizemos.* E sem nunca declararem o que fazem, e o que dizem podem estar assim até ao infinito. Mas elles não dizem senão o que eu expuz, e não se impugnão senão como eu os impugnei.

Todos conhecem que isto não he obra de pura imaginação: ha dois annos que nella trabalho, e não com pequeno custo a tirei agora dos borradores, estimulado de ver romper a conspiração depois de mil cartas anonymas, tão infames como alguns dos meus amigos que estão vivos vírão (que horror!) sujas com escremento humano!!! Com huma tempestade de escriptos ineptos, onde a titulo de se criticarem os meus taes ou quaes escriptos, se me dizem as mais atrozes injurias pessoaes. Li, e li muito, e as cartas Alemãs sobre o *Illuminismo* (traduzidas em Francez, porque eu não entendo Alemão); ellas me fornecêrão as provas e os argumentos principaes. Para se conhecer de todo a verdade do que eu digo, e quem sejão os *Illuminados*, eu escrevo aqui Literalmente o Appendix 5.° das mesmas cartas pag. 167. —

APENDIX.

Extracto de hum projecto de Revolução, composto pelo Conde de Mirabeau, apanhado em casa de Madama Gai, *por* Le Garde *seu domestico, e vendido a Mr.* Houle, *Official no Regimento de Dragões da Rainha, impresso depois com os outros escriptos do mesmo genero com o titulo* — Mysterios da Conspiração. —

"Huma Nação junta não se muda. Só tem em vista o interesse commum para o estabelecer. Deve destruir toda a resistencia; e attendei bem para isto. *Nada pôde offender a justiça, quando se trata do bem geral.* Eis-aqui o principio. Trata se agora de saber qual seja o caminho que he preciso tomar para chegar á restauração geral. — *He preciso destruir toda a ordem, e supprimir todas as Leis, annullar o poder, e deixar o Povo em Anarquia.* As Leis que fizermos, não terão logo todo o vigor, não o terão talvez depois; mas he preciso restituir a força ao Povo; resistirá por sua liberdade,

persuadido, que a póde conservar. He preciso lisongear seu amor proprio, e sua esperança, e prometter-lhe a felicidade depois dos nossos trabalhos. He preciso illudir seus caprichos, e os systemas que elle tem feito á sua vontade; porque o *Povo Legislador he muito perigoso, só estabelece Leis que* coalizão *com suas paixões*. E como não haja mais que huma Alavanca que os Legisladores movem á sua vontade, he preciso que nos sirvamos delle *fazendo-lhe odioso tudo o que quizermos destruir*. He preciso semear a illusão em todos os seus passos; comprar todas as pennas mercenarias que propagaráõ os nossos meios, e lhe farão ver que nós não atacamos mais que os seus inimigos.

" O Clero sendo o mais poderoso na opinião, não póde ser destruido, senão *mettendo-se a ridiculo a Religião*, *tornando odiosos* seus Ministros, *e dando os a conhecer como outros tantos monstros hypocritas*; porque Mafoma para estabelecer a sua Religião, começou por infamar o Paganismo que os Arabes, os Sarmatas, e os Scythas professavão. He preciso que a todos os instantes os *Libellos* abrão hum novo

caminho ao odio contra o Clero: he preciso exaggerar suas riquezas, tornar geraes os crimes, e os erros dos particulares, attribuir-lhe todos vicios, a calumnia, o assassinio, a irreligião, o sacrilegio. *Nada de delicadeza, tudo he permettido nas Revoluções.*

"Venhamos á Nobreza. He preciso aviltalla, e dar-lhe huma origem odiosa. He preciso estabelecer hum germen de igualdade, *que não póde existir*, mas que lisongeará o povo. He preciso sacrificar os mais preoccupados, incendiar, e destruir suas propriedades para intimidar os outros. Se não podemos destruir inteiramente a preoccupação da Nobreza, ao menos a enfrequeceremos, e o povo vingará seu amor proprio e seu ciume com todos os excessos, que obrigaráõ os Nobres a fazer o que nós quizermos.

"Em quanto á Corte, he preciso eclipsalla aos olhos do Povo, annullando todas as Leis que a protegem. *O Duque de Orleans* não omittirá coisa alguma para dar explosão á sua vingança. He preciso degradar a Corte até tal ponto, e com tanto excesso, que em lugar de veneração, o povo não tenha mais que *odio*, e *aversão a seus*

Soberanos. He preciso que os considere como seus inimigos, e que esteja prompto a se vingar. He preciso lisongear o soldado, levantallo contra a authoridade ligitima, fazer-lhe odiosos seus Officiaes, e os Ministros, augmentar seu soldo, fazendo-o o homem da Nação, e não do Rei; enviar-lhe emissarios, que o instruão de nossos projectos, e fazello patrióta. E não vedes vós que sem isto nossos inimigos illudirião todas as nossas vistas, todas as nossas combinações, todos os nossos meios pela força das armas? Passemos aos Parlamentos.

" He preciso representar ao povo sua venalidade, que recahio sempre sobre o mesmo povo. He preciso mostrar-lhe os Magistrados como Despotas altivos que vendem até os seus mesmos crimes O povo ignorante, e bruto, só vê o mal, e não o bem das coisas. Não digo nada dos *Financeiros*. Será infinitamente facil convencer o povo, que tudo são abusos na administração da fazenda, e que só merecem indignação os que a ella presidem. Notai bem, que o Rei, e os Grandes procurarãó frustar a nossa Revolução com guerras intestinas, ou com os estran-

geiros. He preciso pois, para que isto tenha hum completo exito *levar o espirito de independencia a todos os povos circumvizinhos.* Isto não será coisa muito difficultosa. O Hespanhol he muito inflammavel, e geme ha muito tempo debaixo do jugo tyrannico do Despotismo e da Inquisição. Os Italianos são tão arrebatados como os Francezes, e depois que começou a lavrar entre elles o *Espirito Filosofico*, desprezão a Thiara. O Alemão he mais difficil de se mover, porém sua escravidão o indigna contra seus Despotas. He preciso espalhar ouro em Alemanha. Todos os que se deixarem corromper propagaráõ a insurreição. O Brabante se inflammará com o mais leve assopro. A Hollanda he toda nossa. A Inglaterra nutrirá, e sustentará nossas desordens. Seu odio natural contra os Francezes, não lhe deixará tomar hum partido generoso para deffender nossos direitos, se neste partido não devisar seu proprio interesse. Quando o Gabinete de S. Jaime nos queira fazer guerra, oppor-se-hão os Communs, porque nós lhes diremos, que o que pertendemos he destruir o Despotismo, e a Hydra feudal, e fazermo-nos Livres

como elles são. A Prussia tem vistas que poderáõ prejudicar, mas a Russia a saberá conter. Em quanto á Sardenha, este Reino não nos deve metter medo, não he huma Potencia que possa afrontar hum grande Povo ardente, e impetuoso como são os Francezes. He preciso *aguerrir* este povo. He preciso mais que tudo fixallo na deffensa das fronteiras, e para isto cumpre nutrir, e accender seu furor, alentando suas esperanças com a suppressão de impostos: intimar-lhe surdamente a matança, e exterminio dos inimigos da Revolução como hum dever util ao Estado. Nós devemos exigir o juramento a todos aquelles que se juntarem a nossos projectos, e formar diversas sociedades, que em suas sessões tratem o mesmo assumpto discordando (para disfarce) de opinião.

" Em fim importa admittir o povo aos estabelecimentos que devemos crear, concedendo-lhe a voz deliberativa nas Assembléas geraes; isto lhe dará hum *vehiculo* de honra que lhe fará andar a cabeça á roda. Mas he preciso não deixar ás Camaras mais do que hum poder limitado. Se lhes deixarmos muita força, seu Despotismo será muito

perigoso. Lisongeemos o povo com huma justiça gratuita; prometamos-lhe huma diminuição de impostos, e huma repartição mais igual. Estas vantagens o hão de *fanatizar* e removeráõ toda a resistencia —

"*Ah! que importão as victimas, o seu numero, as espoliações, as destruições, os incendios e todos os effeitos necessarios de huma Revolução? Nada nos deve ser sagrado. Digamos como Machiavelli:* — Que importão os meios com tanto que se consiga o fim!,,

---

Este Documento original, e authentico contém em si todos os principios de irreligião, e de immoralidade que ficão combatidos. Os *Pedreiros Livres* o quererão negar, mas os effeitos, e os resultados manifestão bem a sua authenticidade. São pois os *Illuminados* os inimigos do genero humano, tirando lhe a Religião Christã, e os costumes. As armas dos Reinantes suffocárão ao menos o fermento revolucionario. Huma Revolução toda san-

gue não devia acabar senão com sangue, nem se póde suspender senão com a força. A Religião, não com a espada, combate com a penna; a Patria tambem necessita desta arma, eu a emprego. Na felicidade pública se encerra a nossa particular, e seremos felizes, se sobre as ruinas da *Illuminada*, ou desvairada Filosofia, virmos levantar a Religião, e florecerem os bons costumes, destruidos os erros methafisicos, e moraes que fizerão da Europa hum theatro de desgraças, podendo ser pela ordem politica, e pela Fé incorrupta, o verdadeiro domicilio da terrena Felicidade.

FIM.

INDICE.

CATALOGO ALFABETICO
DOS NOMES
DOS
SENHORES SUBSCRITORES.

Affonso de Souza Pacheco Leitão da Ribeira Benavides.
P. Agostinho José de Sequeira.
Alexandre Machado.
Fr. Alexandre de Menezes.
Alexandre Pedro d' Almeida.
Anacleto da Silva Moraes.
Anastacio José Pedroso.
2 Anonymos.
Fr. Antonio Anastacio da Cunha Godinho.
Antonio Augusto Alves Pereira.
Antonio Dias Leite Borges de Azeredo.
Antonio Fernando Pereira Pinto Araujo.
P. Antonio Ferreira da Fonceca.
Antonio Francisco d' Oliveira Duarte.
Antonio Gonçalves Batão Campos.
P. Antonio Ignacio de Campos.
Antonio José de Carvalho e Sá.
Antonio José Pinto da Rocha.

Antonio José de Seixas.
Antonio Manoel de Castro.
P. Antonio Manoel Sá e Almeida.
Antonio Marcellino da Victoria, *Tenente General.*
Fr. Antonio de Maria Santissima.
P. Antonio de Padua.
Antonio Paes de Sande e Castro.
Antonio Pedro (12 exemplares)
Antonio Pedro Maximo da Costa Monteiro.
P. Antonio Pretextato Pina e Mello.
Antonio Rafael de Castro.
Antonio Romão.
Antonio Romão de Souza.
Fr. Antonio de Santa Basilissa Nogueira.
P. Antonio de Souza Loureiro.
Arcebispo d'Evora.
Bartholomeu José Marques.
Bento Joaquim Noronha Torrezão.
Bento José Novaes da Costa.
Bento Paes do Amaral e Menezes.
Bento Sodré Pereira, *Major.*
Bernardo José de Abrantes e Castro.
Bernardo José da Cunha.
Bernardo Xavier da Silva Cortegaça.
Bispo d'Elvas.
Caetano Alexandre da Fonceca Pinto Albuquerque.

Carlos Antonio.
Carlos de Matos Pegado.
Chapouzet, *Major*.
Christovão de Frias Nobre.
Fr. Christovão Henriques.
Clemente José Pereira Pinto.
Crispim José Coelho.
Custodio Manoel d' Almeida de Macedo.
Custodio Manoel Teixeira de Carvalho.
Cypriano Domingos Vianna.
Fr. Dyonisio Miguel Leitão Coutinho.
Domingos Antonio de Sequeira.
P. Domingos Gonçalves do Valle.
P. Domingos Manoel de Castro Araujo.
Domingos Monteiro d' Albuquerque e Amaral, Desembargador.
Domingos *S. M. filho.*
Estevão Antonio Lopes.
Eusebio Manoel Diniz da Costa.
Fernando Luiz de Carvalho.
Fernando Nogar.
Filippe José Pereira Fortuna.
Francisco Alves da Costa Zuzarte é Brito.
Francisco Antonio Lodi.
Francisco Augusto Cesar Menezes Ca-

bral Freire Andrade de Brito e Alarcão.
Francisco Boaventura Pereira Barboza.
P. Francisco Caetano Vieira.
Francisco Delgado Figueira da Cunha Dessa.
Francisco Feliz Amado.
Francisco Ferreira da Cunha de Carvalho.
Francisco Gomes.
Fr. Francisco Henriques Faria.
Francisco Ignacio Gomes Leal.
Francisco Ignacio Pereira Rubião.
Francisco José de Carvalho. (12 exemplares.)
Francisco José de Faria.
Francisco José Freire de Macedo.
Francisco José Mendes.
Francisco José Pereira Penna Fortuna.
Francisco Pereira dos Santos.
P. Francisco Rodrigues Alexandrino.
P. Francisco Rodrigues Casaleiro.
Francisco de Sales.
Francisco Thomaz Morrogh.
Francisco Torcato Vaz.
P. Francisco Vieira de Castro Teijo.
Fr. Gregorio Bento da Immaculada Conceição de Maria Castro.
Gregorio Freire Carneiro.

Henrique José Pereira.
Henrique Pedro da Costa.
Ignacio Antonio da Fonceca Benavides.
Ignacio Rafael Gomes.
Jacinto Alberto Lopes Mendonça.
Jacinto José Vieira.
Jacinto Xavier Lopes de Carvalho.
Januario da Costa Neves.
Januario José Raimundo Penaforte Nogueira.
P. João Antonio, *da Congregação do Oratorio.*
João Antonio Murta.
P. João Antonio Valente de Moraes Mesquita.
João Augusto da Cunha Almeida Matos Mexia Feyo.
P. João Baptista Carrilho.
João Baptista Veltin.
João Baptista Verde.
João Christovão Sagreman.
João da Costa Carvalho Guimarães.
João Diniz Pereira.
Fr. João Evangelista.
João Felix Gomes Pinto.
João Gomes.
João Henriques. (2 exemplares.)
P. João Joaquim de Andrade.
João José Machado Ferreira.

João Pinto de Mendonça Arraes.
João José Monteiro, *Sargento Mór.*
Fr. João José da Purificação.
João José de Souza Machado Leite.
João Manoel Alves Pereira.
João Manoel de Barros.
João Manoel Rodrigues Castello.
João Paes de Sande e Castro.
Fr. João de Santa Rosa.
João Soyé Wafer e O'connor.
João Valerio da Costa.
Joaquim Antonio Ferreira Ribeiro de Santa Anna.
P. Joaquim Antonio Lima.
Joaquim Antonio Rodrigues Lusitano.
Joaquim de Barros Teixeira Lobo.
Jobquim Candido Ferreira dos Santos.
Joaquim Guilherme da Costa Posser.
Joaquim Ignacio Pinheiro.
Joaquim Januario Saldenha Machado.
Joaquim José Lopes.
Joaquim José da Luz.
Joaquim José Nogueira.
Joaquim José Pedro Lopes.
Joaquim José dos Santos.
Joaquim Paulo Franco da Rosa.
Fr. Joaquim da Purificação Albuquerque.

Fr. Joaquim do Rosario.
Fr. Joaquim de Santa Gertrudes.
Joaquim Silverio d' Ataide. (3 exemplares.)
Jorge José da Silva.
Jorge Volckart.
José Anastacio da Rocha.
José Antonio Affonso.
José Antonio Araujo Velloso.
José Antonio de Carvalho.
José Antonio de Castro.
José Antonio da Costa Lemos e Napoles.
P. José Antonio de Magalhães.
José Antonio dos Santos.
José Antonio da Silva Pedrosa, *Desembargador.*
José Antonio da Veiga, *Desembargador.*
José Bernardes Ayres Alva e Lorna.
P. José de Serqueira Madres.
P. José Coelho.
José Coelho Guimarães.
José Copertino de Carvalho.
Fr. José Duraes.
José Felix Pombo.
José Ferreira Leitão Freire.
José Filippe Dias Vieira. (3 exemplares.)

José Francisco Ferreira.
José Francisco Tavares.
José Garcia Gonzales.
José Ignacio de Andrade.
José Joaquim Barreira.
José Joaquim de Freitas Rego.
José Joaquim Paes de Sande e Castro.
José Joaquim de Pontes e Souza.
José Joaquim de Souza Carvalho.
José Lauriano Mendonça e Silva.
José Lazaro Nunes.
José Lobo de Macedo Pereira.
José Lourenço Mendes.
José Maria Cardoso Soeiro. *Desembargador.*
P. José Maria Rosado Cardoso.
José Mauricio.
Fr. José de Mendonça.
José Monteiro Guedes.
José do Nascimento Mello.
José das Neves.
José Pedro Coelho Mayer.
José Pedro da Costa Maria Villasboas.
P. José Rodrigues de S. Camillo.
José dos Santos.
P. José de Souza Ferreira Guimarães.
José Vicente Victoria.
P. José Vieira de Sampaio.

Lazaro José Lobo.
Lourenço José Alves.
Luiz Antonio Lobo.
Luiz Gomes Costa Faria Pacheco.
Luiz José Ribeiro.
Manoel Alves de Mello. (2 exemplares.)
Manoel de Ambrosis Junior.
Fr. Manoel do Amor Divino.
Manoel Antonio Franco. (2 exemplares.)
Manoel Antonio Franco.
Manoel Antonio Teixeira da Silva.
Manoel Bento Dias Ferreira. (4 exemplares.)
Manoel Joaquim Cordeiro.
Manoel Joaquim da Costa.
Manoel Joaquim de Sá Braga.
Manoel José Bahia.
Manoel José de Faria.
Manoel José de Freitas.
Manoel José Gomes Pinto.
Manoel José Rodrigues.
Manoel Marcos Soyé.
Manoel Mendes da Silva.
Manoel Nicoláo Esteves Negrão. *Desembargador.*
Manoel d' Oliveira Gadanho.
Manoel Pedro Pereira.
Manoel Pereira Portella.

Manoel Polycarpo de Souza da Guerra Quaresma, *Desembargador.*
P. Manoel Rodrigues d' Abreu.
Fr. Manoel de Santa Margarida.
Fr. Manoel de Santa Rita.
D. Maria de Souza Valaré.
Marques de Penalva.
Matheus Gonçalves dos Santos.
Fr. Matheus da Purificação.
Miguel Antonio Franzini.
Miguel de Faria Amaral.
Miguel Le Bourdieu.
Miguel de Moura.
Fr. Miguel da Purificação.
Fr. Miguel da Rainha dos Anjos.
Nuno Baracho Encerrabodes.
Paulo de Avelar Telles.
Paulo de Mendonça Falcão Coutinho Sampaio Vasconcellos.
Pedro Alexandre Cavroé.
P Pedro Antonio Fernandes Pereira.
Pedro Carlos Midosi.
Pedro José de Miranda.
Prior d' Oeiras.
Rafael Antonio Rodrigues da Costa.
Ricardo Gomes Rosado Moreira Froes. (2 exemplares.)
D. Rodrigo Antonio de Mello.
Sebastião da Cunha d' Azeredo Coutinho e Souza.

D. Sebastião da Soledade.
Sylverio Manoel Resende.
Theodoro José Pinheiro.
P. Theodosio da Silva.
P. Vigario de S. Camillo.

CATALOGO

DAS

OBRAS DO R. P.

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,

Que se vendem na Loja de João Henriques, na Rua Augusta N.° 1.

Refutação dos Principios Methafisicos, e Moraes dos Pedreiros Livres Illuminados. 1 vol. encad. - - - - 600

Cartas Filosoficas a Atico. 1 vol. broch. - - - - 480

O Homem, ou os Limites da Razão; Tentativa Filosofica, broch. - - - - 320

O Couto, Resposta ao Folheto = Regras da Oratoria da Cadeira, broch. - - - 300

Analyse Analysada, Resposta a A. M. do Couto - - 100

A Verdade, broch. - - 300

O Oriente, Poema Epico, 2 vol. encad. - - - - 1440

———, melhor Encadernação. 2 vol. - - - 1800
Newton, Poema Filosofico. - 240
———, Segunda Edição, com 1 Estampa. broch - - 400
A Meditação, Poema Filosofico (de que restão mui poucos exemplares) 1 vol. - - 600
O Argunauta, Poemeto. - - 240
Ode a Lord Wellington. - - 60
—— A Alexandre Imperador da Russia. (1.ª) - - - 100
—— Ao Mesmo. (2.ª) - - 80
—— A' Ambição de Bonaparte. - - - - - 80
—— Ao General Kutusow. - 80
Epistola a Lord Wellington. - 80
——— A's Nações Alliadas na passagem do Rheno. - - 80
O Voto, Elogio Dramatico. - 80
Epistola em resposta a outra de Maio e Lima. - - - 80
Os Sebastianistas, 1.ª, e 2.ª parte. - - - - - 600
Mais Logica. - - - 50
Justa Defeza do Livro intitulado = Os Sebastianistas. = - 80
A Senhora Maria. - - - 80
Inventario de Sandices. - - 240
Exame Examinado, resposta a Rocha e Pato. - - - 240

Considerações Christans, e Politicas sobre os Libellos Infamatorios. - - - - 120

Considerações Mansas sobre o 4.º tomo das Obras de Bocage. - - - - - 120

Carta que escreveo o Doutor Manoel Mendes Fogaça ao seu amigo Trasmontano, sobre huma Comedia que víra representar em Lisboa intitulada = *A Preta de Talentos*. - - - - - 120

—— (2.ª) escrita pelo Doutor Manoel Mendes Fogaça ao seu amigo Trasmontano, em que lhe dá noticia de outra Comedia que víra representar intitulada = *Adelli*. - - 160

—— de Fogaça, ou Historia do Cerco de Saragoça, segundo a vio representar em huma Comedia o Doutor Manoel Mendes Fogaça, que a descreve ao seu amigo Trasmontano, no estilo de seu quinto avô Fernão Mendes. - 200

—— de Manoel Mendes Fogaça, em resposta á que lhe dirigio Antonio Maria do Cou-

ra, prégado na Real Capella dos Passos de Queluz, na Festividade que mandava fazer a Serenissima Senhora Princeza do Brazil, viuva, no anno de 1803. - - - - - 120

Sermão de Quarta feira de Cinza, prégado na Santa Igreja da Misericordia de Lisboa a 3 de Março de 1813. - 120

——— de Acção de Graças pelo Milagroso beneficio da Paz Geral da Europa, prégado na Igreja de S. Julião a 22 de Junho de 1814, na grande Ecstividade, que o Juiz do Povo, e Casa dos vinte e quatro da Cidade de Lisboa celebrárão, a que assistírão os Excellentissimos Senhores Governadores do Reino, a Nobreza, e pessoas de distincção de todas as Classes. - - 160

——— de Acção de Graças pelo milagroso Restabelecimento da Felicidade da Europa, prégado na Real Casa de Santo Antonio, na pomposa Solemnidade que fez o Senado

Ha mais algumas Obras em prosa, e em verso na Collecção do *Semanario de Instrucção e Recreio*, 52 *N.os em 2 volumes*, que tambem se vendem na mesma Loja: assim como tambem ha outras obras do mesmo Author impressas, de que he raro apparecer algum exemplar; taes são: As Odes de Horacio, traduzidas em verso; os Epicedios na morte do Principal Mello, do Conde de S. Lourenço, e de Bocage; a Epistola ao Capitão Lunardi, etc. etc.